

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
TESE DE MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA

SIM OU NÃO, EIS A QUESTÃO
A ESCOLHA AMOROSA



ORIENTAÇÃO DO
PROF. DOUTOR CARLOS DE JESUS

FILIPA M. L. PEREIRA DE LIMA (1997)

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
TESE DE MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA

SIM OU NÃO, EIS A QUESTÃO

A ESCOLHA AMOROSA

(Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre)



103 082

ORIENTAÇÃO DO

PROF. DOUTOR CARLOS DE JESUS

FILIPA M. L. PEREIRA DE LIMA (1997)

SIM OU NÃO, EIS A QUESTÃO

A ESCOLHA AMOROSA

Por Filipa M. L. Pereira de Lima

(sob a orientação do Prof. Doutor Carlos de Jesus)

RESUMO

Ao considerar-se a ecologia de uma determinada espécie, um dos aspectos que se torna fundamental é precisamente a sua reprodução, o que na maioria das espécies animais, passa pelo estudo do seu sistema de acasalamento.

Tratando-se de um trabalho no âmbito da Ecologia Humana, pretende-se abordar, não propriamente o sistema de acasalamento na espécie humana, mas sim o princípio desse processo, que se traduz na escolha do parceiro amoroso e consequente formação do casal, sendo este a base do núcleo familiar.

Após uma revisão bibliográfica e seguindo uma abordagem de carácter multidisciplinar, pois mais do que qualquer outra espécie é quase impossível estudar-se a espécie humana apenas sob um único ponto de vista, procuraram-se conceitos, teorias e explicações dentro da Sociobiologia e da Antropologia.

Sendo o processo de escolha do parceiro um processo complexo e de difícil explicação, vários factores, características e preferências têm que ser considerados.

Procurando-se realizar um estudo de carácter exploratório, qualitativo e também quantitativo, procedeu-se à aplicação de um inquérito numa amostra de 30 casais (60 indivíduos), com consequente análise do relevo e importância atribuídos a cada um desses mesmos factores, características e preferências, recorrendo-se para tal a um tratamento dos dados numa perspectiva de género, de forma a se poder determinar de que modo é que o processo de escolha é encarado por ambos os sexos, no momento actual e num determinado contexto.

Observou-se ainda o impacto que estudos como este provocam nos indivíduos, geralmente pouco habituados a serem confrontados com temas ou questões, de carácter mais delicado ou intimista.

Palavras-chave: Escolha do parceiro, Amor, Homogamia, Preferências, Importância.

AGRADECIMENTOS

Esta tese tornou-se possível graças ao apoio financeiro da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), no âmbito de uma bolsa de Mestrado do Programa Praxis (PRAXIS XXI/BM/889/94).

Devo ao Professor Doutor Carlos de Jesus toda a minha gratidão por ter acreditado em mim e pelo facto de ter acompanhado e orientado todo o trabalho, desde a sua planificação até ao final, sempre com uma palavra de incentivo e uma opinião crítica que permitiram e facilitaram a sua realização. Saliento ainda a sua permanente disponibilidade para atender quaisquer preocupações ou dúvidas que iam “assaltando” o meu espírito durante todo este tempo.

Agradeço igualmente à sua mulher, a Professora Doutora Margarida Perestrello, pelo interesse e carinho demonstrados.

Refiro ainda a preciosa ajuda da Dr^a Catarina Laíns na parte referente ao tratamento dos dados e na utilização informática do programa SPSS.

Finalmente uma referência de grande apreço à minha família por me ter apoiado constantemente desde o primeiro minuto do Curso e também aos meus amigos mais chegados por terem compreendido e perdoado todas as minhas ausências.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I - A CONSTRUÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO	
1. PERSPECTIVA SOCIOBIOLÓGICA	7
1.1- O Casal.....	7
1.2- O Ideal do Amor Romântico.....	12
1.3- O Amor sob o Ponto de Vista Evolucionista.....	16
2. PERSPECTIVA SOCIOANTROPOLÓGICA	27
2.1- A Selecção do Parceiro: Uma Escolha Pessoal.....	27
2.1.1- Agentes de Selecção.....	28
2.1.2- Critérios de Selecção.....	30
2.2- Homogamia.....	33
2.3- Algumas Teorias Sobre a Escolha do Parceiro.....	40
2.3.1- A Teoria da Filtragem.....	40
2.3.2- A Teoria das Trocas Sociais.....	46
2.3.3- A Teoria da Equidade.....	47
PARTE II - FACTORES, VONTADES E PREFERÊNCIAS SUBJACENTES À ESCOLHA DO PARCEIRO	
1.- APRESENTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES - A METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	48

1.1- Os Protagonistas.....	49
1.2- O Inquérito.....	56
1.3- Emoções ou Razões?.....	58
1.4- E Como se Tratam Essas Emoções ou Razões?.....	59
2.- RESULTADOS E SUAS DIMENSÕES - A ANÁLISE DO INQUÉRITO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
ANEXOS	
(Inquérito, Classificação Internacional de Profissões, Tratamento dos Dados pelo Programa SPSS)	

INTRODUÇÃO

«*Le couple commence avec le choix du conjoint*»

J. C. Kaufmann, 1993

Sendo a espécie humana uma espécie extremamente social, o funcionamento das sociedades passa pela criação de núcleos familiares que garantem a continuidade quer biológica, quer cultural da mesma.

O conceito de família encontra-se revestido de uma espantosa universalidade, principalmente na sua forma mais elementar, o *tipo conjugal*, definido pela união socialmente reconhecida de um homem e de uma mulher mais a sua possível descendência (Héritier-Augé, 1991).

O designado *núcleo familiar* assenta na formação do casal e essa formação implica uma série de mecanismos de *selecção* entre os dois elementos em questão. Muitos desses mecanismos são extremamente subjectivos, sendo por isso de difícil definição (quando nos estamos a referir a uma panóplia de sentimentos, por vezes bastante íntimos ou de carácter intuitivo). Outros, no entanto, tornam-se mais fáceis de serem analisados, porque se traduzem em argumentos mais objectivos e concretos, sejam eles económicos, sociais, culturais, religiosos, etc.

A família tem servido de objecto de inúmeros estudos e análises, principalmente de carácter sociológico, desde a sua formação, evolução, função ou ruptura. No entanto, são poucos aqueles que se debruçam sobre a problemática (sempre de extrema actualidade, devido à sua importância sociológica, económica, genética, etc.) da *escolha do parceiro conjugal*¹, pois embora todas as espécies animais apresentem determinadas características do seu *sistema de acasalamento*²,

¹ “Mate Choice” no original.

² “Mating System” no original.

na nossa espécie o estudo desse sistema revela-se muito mais difícil de se realizar, talvez porque as suas características não sejam tão definidas como nas outras espécies. Um dos métodos adoptados, para não se recorrer à comparação directa com outras espécies ou a estudos de maior incidência etnográfica (a sociedades ditas primitivas), é a *realização de abordagens directas aos indivíduos* e questioná-los sobre o seu próprio sistema (Redley, 1993).

Nas sociedades contemporâneas, as relações entre o homem e a mulher no interior do casal têm vindo a sofrer uma série de alterações, nomeadamente no papel desempenhado pelos géneros, enfrentando determinados problemas que não existiam anteriormente (Santos, 1995). Um fenómeno historicamente recente é precisamente o facto de os indivíduos, principalmente os mais jovens formarem casais sem ideias predefinidas quanto aos papéis a desenvolver posteriormente na vida conjugal, tendo esta passado a ser construída passo a passo, onde tudo pode ser negociado, posto em causa ou mesmo reinventado (Kaufmann, 1992).

A principal questão que se coloca é o que actualmente levará as pessoas a decidirem qual será o seu parceiro adequado e se os valores que poderão estar por detrás dessa escolha serão ou não muito diferentes dos que regeram gerações anteriores.

Pretende-se abordar este tema, não de um único ponto de vista, sendo o sociológico o mais previsível, mas tentar inseri-lo numa determinada perspectiva multidisciplinar, em que outras abordagens serão também possíveis, nunca esquecendo o carácter biológico inerente a qualquer espécie, incluindo a espécie humana, pois uma verdadeira compreensão do seu comportamento passará obrigatoriamente por uma síntese entre as ciências biológicas e as ciências sociais, uma vez que a espécie humana evoluiu (biologicamente e culturalmente) segundo um processo de selecção natural idêntico e a sua sociabilidade não será mais que um produto desse mesmo processo (Van den Berghe, 1980).

É precisamente este carácter que irá ser explorado com um pouco mais de atenção, ao tentar descobrir se realmente, tal como em muitas outras espécies animais, a escolha final caberá ao elemento feminino do par amoroso, ou se pelo contrário, a espécie humana será ela própria vítima de muitas gerações de escolha masculina (Ridley, 1993). Durante o longo e “ritualizado” processo interpessoal de decisão (Duck & Miell, 1983) os dois sexos actuarão consoante as regras próprias ao seu género, utilizando estratégias de convencimento apropriadas, mas no final, a escolha será mútua, ou será apenas de um lado, isto é, haverá um *seleccionador* e um *seleccionado*? E se houver, quem será o *seleccionador* e o *seleccionado*?¹

Os inquéritos sobre a família preocupam-se normalmente mais com a sua morfologia e tendências demográficas do que com os processos e interacções no seu interior (Santos, 1995), por isso, os resultados desta pesquisa poderão ajudar a compreender de que modo é que os homens e mulheres interagem actualmente e de que modo é que negociam os seus papéis face às constantes transformações sociológicas, económicas e tecnológicas do final de século, sendo precisamente nessas diferenças de “*capitais*” que reside a originalidade e interesse da formação dos pares amorosos (Bozon, 1991), sendo para alguns autores os “*capitais*” femininos os que mais peso têm na configuração das formas e modelos de conjugalidade, uma vez que, ao contrário das mulheres, o estatuto social dos homens parece ser pouco discriminante de representações e valores face ao casamento (Kellerhals *et al*, 1982 *in* Santos, 1995).

E pelo facto dos homens e mulheres fazerem e viverem a História e os seus interesses se modificarem mais ou menos rapidamente, e porque a política sexual se tornou numa das grandes questões deste século, considera-se interessante analisarem-se as actuais directrizes de formação dos pares amorosos e simultaneamente, tentar-se prospectivar um possível cenário para o futuro.

¹ É de referir que só à cerca de dezassete anos os Departamentos de Antropologia, como por exemplo o da Rutgers University, se interessam por estudar a escolha da fêmea.

Este estudo integra-se no âmbito de uma dissertação de mestrado em ecologia humana, na qual se pretende analisar o comportamento de acasalamento na espécie humana, e deste modo fazer uma analogia com outras espécies animais, tentando-se mostrar que a espécie humana, embora com uma ecologia muito própria, apresentará alguns padrões comuns às outras espécies.

O estudo encontra-se orientado segundo três eixos principais.

O primeiro aborda as diferenças entre os géneros, incidindo principalmente no comportamento face à própria escolha do parceiro, às ligações amorosas e ao casamento como pilar da instituição familiar.

O segundo eixo analisa a escolha do parceiro amoroso de um modo mais profundo, ao considerar os factores, vontades e preferências, num contexto actual e real, que estarão subjacentes a essa escolha.

O terceiro eixo diz respeito à dimensão das expectâncias de comportamento e o seu objectivo é analisar de que modo as reacções dos indivíduos, quando confrontados com questões relativamente ao envolvimento amoroso, à sexualidade, à maternidade/paternidade e conseqüente continuidade familiar, se enquadram dentro dos dois eixos analíticos anteriores.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes estando estas organizadas por capítulos.

Na primeira parte apresenta-se, a partir da bibliografia consultada, uma revisão do estado actual dos conhecimentos, onde através da recolha de pistas, bem como de instrumentos de análise que permitam a compreensão da problemática em causa, se constrói o objecto de estudo e as hipóteses de investigação.

Na segunda parte apresenta-se a metodologia empregue, os resultados e análises da pesquisa empírica, ocorrendo no entanto, uma interpenetração das duas partes ao longo do trabalho.

A parte I pretende fazer uma arrumação das teorias, conceitos e opiniões segundo duas perspectivas:

Capítulo 1- sociobiológica, na qual se tenta traçar, a partir de uma base biológica e sob um ponto de vista evolucionista, a formação do casal e o aparecimento e consolidação das ligações amorosas entre os sexos a partir de um *sentimento* designado por *amor*;

Capítulo 2- socioantropológica, na qual se apresenta, a escolha do parceiro como um processo pessoal (ou não) sujeito a determinadas *etapas, regras e critérios* que se encontram explicados por teorias de diverso carácter, umas mais inerentes à própria natureza humana, mas todas de uma grande dimensão social.

A parte II diz respeito aos factores, vontades e preferências que poderão definir a escolha do parceiro amoroso. Para se saber qual a importância desses mesmos factores, vontades e preferências, e a sua representatividade recorre-se ao inquérito como forma metodológica de investigação, definindo-se em:

Capítulo 1- a estratégia adoptada e apresentação da amostra estudada;

Capítulo 2- a análise dos resultados em função da principal variável considerada ao longo deste trabalho, o *sexo*, de modo a se poder tirar conclusões a nível do género.

A parte final, apresenta-se como uma reflexão dos resultados, articulada de acordo com as abordagens teóricas e ainda como uma possível prospecção para futuras orientações dentro deste tema, inseridas e de acordo com a sociedade portuguesa.

PARTE I

A CONSTRUÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

1. PERSPECTIVA SOCIOBIOLÓGICA

*«É impossível pensar o mundo sem o desejo e
sem o amor. Ou seja, pensá-lo sem o Homem»*

Lúisa Costa Gomes

Os objectivos deste trabalho encontram-se inseridos num conceito multidisciplinar, proporcionando deste modo a oportunidade para várias abordagens nas áreas da sociologia, biologia, antropologia, história e até mesmo psicologia social. No entanto, devido ao tema e às próprias limitações metodológicas do estudo, procurou-se privilegiar as três primeiras áreas científicas.

1.1- O Casal

A análise histórica e também antropológica, permite uma percepção da *família nuclear moderna centrada no casal* como um fenómeno não universal (segundo os antropólogos, que negam a sua universalidade, assim como a sua importância biológica) e simultaneamente resultante de longos e complexos processos de mudança a nível das mentalidades e das estruturas sociais dotados de uma historicidade própria, pois a sociedade e a família sempre evoluíram conjuntamente (Saligen, 1981; Santos, 1995). No entanto, continua a ser este o

modelo familiar mais dominante, e independentemente das possíveis mudanças, constituirá sempre a base de qualquer sociedade (Muncie & Sapsford, 1995).

Para K. Gough, a família é composta por um casal que tenha contraído matrimónio ou por um outro grupo de adultos aparentados, que cooperam entre si quer economicamente, quer na educação das crianças e que partilham uma residência comum (*in* Héritier-Augé, 1991).

Chilman *et al* (1988) alarga um pouco o conceito anterior, considerando que a família é qualquer relação sexual expressiva ou qualquer relação entre pais e filhos, desde que: (a) os indivíduos vivam juntos numa base de compromisso que se traduza numa relação interpessoal de intimidade; (b) os indivíduos vejam a sua identidade reconhecida no grupo, (c) o grupo tenha a sua própria identidade (*in* Benokraitis, 1996).

Esta instituição, unicamente humana, reclama *a partir de uma base biológica particular* (a perda do estro por parte da fêmea humana, passando esta a ser uma fêmea “continuamente receptiva” e não só nos períodos de ovulação) (Daniels, 1983; Shaw & Darling, 1985), uma série de pré-requisitos para poder funcionar: (a) a presença contínua de um elemento masculino, (b) a proibição do incesto¹, (c) a divisão de tarefas entre os sexos, (d) o reconhecimento legal da paternidade, independentemente do laço biológico que une o marido (o homem da família) aos filhos da sua mulher (Héritier-Augé, 1991). Por outro lado, garante *a socialização* dos seus membros, através de uma modelação das suas personalidades e através do ensinamento de regras sociais (Benokraitis, 1996).

Segundo Daniels (1983), a perda do estro terá sido um importante processo adaptativo da evolução humana, tendo tido origem no estreitamento dos laços dentro dos grupos, onde os vários elementos cooperavam entre si, e onde a

¹ Segundo E. O. Wilson (1985), incesto mantém-se em todas as populações humanas à taxa de 1 a 2%.

cooperação e a partilha funcionariam como verdadeiros mecanismos de sobrevivência.

Para esta autora, este “acontecimento” em termos evolutivos demonstrou ter sido vantajoso segundo alguns aspectos: o primeiro foi ter permitido que os pares monogâmicos se sentissem menos ameaçados, pois deste modo, as fêmeas não atraíam tantos outros machos; o segundo foi ter evitado as demonstrações de dominância e de hierarquia que ocorrem nas outras espécies durante o período do estro, demonstrações essas que se tornam incompatíveis com um determinado modo de socialização; terceiro, porque as fêmeas que só são sexualmente receptivas durante o período da ovulação tornam-se desfavorecidas por causa da competição dos machos e da desarmonia que se instala ciclicamente no seio do grupo. Resumidamente, uma ovulação revelada poderá ser um contratempo para a monogamia, para a cooperação e partilha dentro de um grupo, constituindo portanto, uma ameaça para a sua própria sobrevivência (Daniels, 1983).

O aparecimento do elemento masculino como constituinte da família (“a invenção do pai”, segundo Eldredge & Grene, 1992) só ocorreu com a evolução dos homínideos¹, sendo por isso um fenómeno recente em termos evolutivos. Sabe-se que o Homem, ao contrário das outras espécies animais, encontra-se adaptado, quer fisiologicamente, quer emocionalmente, a estabelecer relações maritais de longa duração (Eibl-Eibesfeldt, 1989) e que nenhum grupo humano vive sem este tipo de relações.

Na espécie humana, também ao contrário das outras espécies, a *sexualidade* contribui com a maior importância para a criação de laços duradouros entre machos e fêmeas (para Ruffié, 1986, é o ponto de origem da socialização), tendo deixado de estar directamente relacionada com a reprodução (Eibl-Eibesfeldt, 1970; Symons, 1979; Hrdy, 1981). Vale de Almeida (1995) afirmou «nas sociedades modernas, uma vez controlado pela cultura o processo natural de

¹ No entanto, veja-se o acervo de dados em “Sociobiology - A New Synthesis” de E.O. Wilson, onde através de vários grupos filogenéticos se identifica o papel do pai.

reprodução humana, as identidades de género e a sexualidade passaram a ser, cada vez mais, “algo que se tem”, ou algo que se escolhe, um aspecto da identidade pessoal, maleável e manipulável».

G. Murdock (1949), considera que um homem e uma mulher só estão realmente casados quando apresentam uma interdependência *sexual e económica* (in Scanzoni & Scanzoni, 1988).

O vínculo resultante da sexualidade encontra-se relacionado com o longo período da descendência. As crianças requerem assistência até quase final da adolescência (actualmente esta dependência parece estar mais prolongada) e nos primeiros anos de vida encontram-se extremamente dependentes dos cuidados maternos (Redley, 1993). A mulher necessita do homem para a ajudar nos cuidados parentais, nomeadamente na aquisição de alimentos e protecção, resultando uma ligação muito longa entre o par (Wilson, 1974; Betzig, 1988).

No entanto, Héritier-Augé (1991) argumenta que a família não foi fundada a partir de uma exigência natural, que a sexualidade, a identidade dos parceiros, a paternidade fisiológica não são exigências absolutas e que o que realmente interessa são os padrões legais, como se não fosse um tratado natural, mas sim puramente social ou moral e independente da vontade dos indivíduos (Héritier-Augé, 1991), visão que contraria em absoluto a individualização do processo e a liberdade de decisão (Beck & Beck-Gernsheim, 1995).

Um elemento comum, para além da questão da legalidade, que se encontra no conceito de família em todas as sociedades é a *prestação de serviços mútuos* entre os seus membros, ocorrendo uma repartição de tarefas entre os sexos (Kaufmann, 1992, considera que um casal só se forma verdadeiramente quando começa a lavar a sua roupa em conjunto). Deste modo, a família com base no casamento é encarada como uma instituição que confere sustento mútuo, gratificação sexual e reprodução, sendo o próprio casamento um instrumento de estabilidade social e as mulheres o seu material reprodutor (Héritier-Augé, 1991),

assim como a extensão das relações de parentesco e consanguinidade para fora do núcleo do casal conferem ao casamento um carácter legal que o distingue do concubinato (Barnard, 1991).

Nas sociedades ocidentais o casamento está associado à *monogamia* (devido à forte influência do Cristianismo, que valorizou a ligação conjugal em detrimento de outros laços familiares), em que a lei proíbe que uma mulher ou um homem sejam casados com mais de um indivíduo em simultâneo (Segalen, 1981). No entanto e tendo em conta a elevada taxa de divórcio nos E.U.A e Europa, alguns autores consideram que o padrão de casamento moderno deve ser encarado na perspectiva da *monogamia sequencial* (“*serial monogamy*”), que se traduz pelo modelo do “casa/descasa” (Santos, 1995). Como afirma o sociólogo B. Farber «individuals are never out of the marriage market» (in Scanzoni & Scanzoni, 1988).

A. Phillips afirma: «serial monogamy is a question not so much of quantity as of quality; a question not of how many, but of the order» (Phillips, 1996, p.51).

Para este autor, monogamia e infidelidade são dois conceitos não desassociados: «infidelity makes a life of absolute monogamy essential» (Phillips, 1996, p.73).

O facto do casamento monogâmico indissolúvel ser a forma de referência jurídica e social dominante, não impede que um número significativo de indivíduos se envolva em relações sexuais e afectivas com outros indivíduos para além dos seus cônjuges, nem que por essa via sejam postas em causa as formas sociais dominantes de organização do casal ou seriamente abalado *o ideal do amor romântico*.

1.2- O Ideal do Amor Romântico

«John - Let's start with an easy one... Why people decide to marry each other?

Robin - Because they are in love.

John - Oh, come on.

Robin - No, I'm being serious.» (in Skynner & Cleese, 1983)

«A capacidade para o amor romântico é universal e a sua manifestação pode depender, em parte, de contingências socioecológicas, políticas e económicas» (Chisholm in Jankowiack, 1995).

Durante o século XIX, a constituição de laços conjugais baseava-se, para muitos grupos da população da Europa, em considerações distintas de juízos sobre valor económico, significando que a maioria dos casamentos era negociada não com base na atracção sexual mútua, mas sim em *circunstâncias económicas*, permitindo a circulação de bens entre as famílias (Segalen & Jacquard, 1971, Giddens, 1995). O casamento não consagrava normalmente uma relação amorosa, sendo apenas um contrato entre famílias destinado a durar (Santos, 1995).

A ideia de amor romântico e de amor-paixão (expressão de uma conexão genérica entre amor e atracção sexual, sendo para Giddens um fenómeno mais ou menos universal, distinto do amor romântico, que é culturalmente mais específico, e que não é considerado como uma base necessária ou suficiente para o casamento por ser encarado como algo emocionalmente muito forte capaz de afastar os indivíduos da sua vida quotidiana) é considerada uma invenção das sociedades ocidentais (para muitos historiadores, o amor romântico nunca existiu fora da Europa) e que se encontra ligada à nova organização familiar que emerge com o capitalismo (Giddens, 1995; Santos, 1995). Segundo Beck & Bech-Gernsheim (1995), o casamento por amor foi uma invenção da revolução industrial.

Esta ideia surgiu inicialmente no seio da burguesia, porque era este o estrato social que estava mais disponível para tais “inovações”, pois para o povo o casamento continuava a constituir um meio de organização do trabalho agrícola, possuindo uma vida de incessante trabalho pesado que não facultava muitas oportunidades para a paixão, embora ocorressem diversas relações extraconjugais, principalmente por parte do sexo masculino. Igualmente fora da Europa (para aqueles que defendem que também existia nas sociedades não-ocidentais), apenas eram determinadas elites sociais que detinham a sofisticação e o lazer necessários para cultivar tal experiência (Jankowiak, 1995). No entanto, a noção de amor romântico foi-se espalhando gradualmente por uma grande parte da sociedade, tornando-se quase uma *conspiração* contra ela, ao contrariar determinadas barreiras sociais ou mesmo leis muito enraizadas, passando as pessoas a ser como que agentes das suas próprias vidas (Beck & Beck-Gernsheim, 1995).

Esta difusão serviu para desligar um pouco os laços conjugais dos restantes laços de parentesco, passando os primeiros a terem um determinado significado mais especial que anteriormente não possuíam. Maridos e mulheres foram sendo cada vez mais encarados como colaboradores e um empreendimento emocional conjunto, facto que teve primazia mesmo sobre as suas obrigações em relação aos filhos, embora o esforço dispendido nesse empreendimento seja encarado como um factor adaptativo e varie consoante a disponibilidade que cada um demonstre para permanecer com o outro (Irons, 1983; Giddens, 1995).

O aparecimento do amor romântico veio influenciar uma série de mudanças: a “casa” tornou-se uma realidade enquanto ambiente distinto do trabalho, passando a ser uma referência permanente; as relações entre pais e filhos modificaram-se - o poder patriacal foi entrando em decadência nos finais do século XIX, enquanto que o controlo das mulheres foi crescendo à medida que as famílias se tornaram mais pequenas e as crianças começaram a ser consideradas vulneráveis e necessitadas de educação a longo prazo (o centro da casa deslocou-se da autoridade paterna para a afectividade materna); e por fim aquilo que alguns autores denominaram como a *invenção da maternidade* (Giddens, 1995).

As pressões para constituir uma família numerosa, características das culturas pré-modernas, deram lugar à tendência para limitar as dimensões da família. Pela primeira vez, a sexualidade podia estar desligada dos ciclos reprodutivos.

Uma efectiva contracepção significava mais do que uma capacidade para limitar os nascimentos. Para as mulheres, e também para os homens, a sexualidade tornou-se maleável, como uma “propriedade” do indivíduo, tendo nascido de uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências da reprodução.

A idealização de *mulher-mãe* constituiu um fio condutor da construção moderna da sexualidade e alimentou de forma directa alguns valores sobre o amor romântico. O elemento novo foi a associação da maternidade com a feminilidade enquanto qualidades da personalidade, que sustentaram algumas concepções sobre a sexualidade feminina, passando as mulheres a serem consideradas pelos homens como seres diferentes e desconhecidos.

O movimento de substituição do casamento negociado pelo casamento de inclinação e o de aproximação entre o amor-paixão e o amor conjugal foram acompanhados de um terceiro movimento - o do processo de construção da ideia do *casamento para a vida* e a sua *institucionalização* (Santos, 1995).

O carácter intrinsecamente subsersivo do ideal do amor romântico foi durante muito tempo a ideia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, seria para sempre (Giddens, 1995), sendo um dos traços mais significativos e originais do modelo ocidental de casamento monogâmico é a sua indissolubilidade (Santos, 1995). No entanto, com as actuais transformações no interior do casal, o recuo da nupcialidade e o aumento das uniões livres, fala-se hoje de de um outro movimento de desinstitucionalização e privatização. P.Ariés considera que as uniões livres devem ser interpretadas como pertencendo ao domínio não verdadeiramente do privado, mas da intimidade (*in* Santos, 1995).

Actualmente nas sociedades contemporâneas os indivíduos debatem-se com o valor da perenidade do casamento, pois a ideia de amor romântico implica fidelidade mútua, e a paixão é por definição efémera. A noção do casal-fusão deu lugar à *escolha efémera* (Saligen, 1981).

Este facto fez com que surgisse um novo conceito - a designada *relação pura*, que se refere a uma situação em que uma relação social foi assumida em si mesma, naquilo que pode resultar para uma pessoa da relação com outra e que dura apenas enquanto for considerada por ambas as partes uma fonte de satisfação (Giddens, 1995).

O adjectivo efémero parece caracterizar bem os últimos anos do século XX, pois desde as relações amorosas até às relações profissionais como ao próprio emprego (há quem afirme que os empregos para a vida já não existem), tudo se encontra revestido por uma determinada *transitoriedade*, já nada sendo definitivo.

«*Requestar* é em linguagem comezinha, andar atrás, arrastar a asa. Talvez me incomode ligeiramente a falta de requestação contemporânea, que vem, penso eu, do facto de o conceito de “bem de consumo” se ter estendido à forma humana. Tudo é rápido e imediatamente consumível (neste caso consumável)»

(Luísa Costa Gomes, 1996)

O casamento, para muitos mas ainda não todos os grupos sociais, virou-se crescentemente para a relação pura. O amor costumava estar ligado à sexualidade, para a maioria da população, através do casamento, mas actualmente estão cada vez mais ligados através da relação pura (Giddens, 1995).

As qualidades do amor romântico, o *para sempre* e o *único e exclusivo* são confrontadas com a “separação e divórcio” da sociedade contemporânea em que

descoberta da pessoa *especial* deixou de ser o mais importante, passando a ser a relação *especial* aquilo o que realmente interessa.

Talvez a última “moda” seja mesmo os chamados *casamentos a prazo*, proposta de uma especialista britânica em assuntos familiares, Helen Wilkinson. Como resultado de uma pesquisa realizada pelo Instituto Demos, esta autora propõe que a solução para a diminuição do número de casamentos pode passar, entre outras coisas, pela execução de contratos renováveis a termo certo. Wilkinson afirma: «uma das maiores mudanças culturais que se aproxima é talvez a assumpção de que uma instituição como o casamento não pode sobreviver às mentiras de pessoas que continuam a fazer promessas (até que a morte nos separe) que não podem cumprir» (*in* Soares, 1997).

O *amor confluyente*, que para Giddens representa o protótipo do amor subjacente à relação pura, em que os indivíduos envolvidos já não se descobrem por “intuição” como no amor romântico e que são “obrigados” a desenvolver uma determinada intimidade para assegurar a continuidade da relação, desenvolve-se como um ideal numa sociedade na qual quase todas as pessoas têm a possibilidade de se realizarem sexualmente.

1.3- O Amor sob o Ponto de Vista Evolucionista

Para os evolucionistas, sejam eles biólogos (que preferem investigar o *porquê* do amor), antropólogos ou mesmo psicólogos (que preferem o *como* se ama), o amor romântico evoluiu de modo a aperfeiçoar as estratégias reprodutivas humanas, assim como a solidificar os esforços parentais.

Este ponto de vista evolucionista tem criado uma determinada polémica, com diversos autores a expressarem opiniões contrárias.

Para os primeiros, o amor surge a partir do interior do próprio cérebro, independentemente do lado *social*, construído, da mente. Para Perper (1985), a espécie humana desenvolveu uma propensão para experimentar *algo* designado por *amor*, que se inicia na fase de namoro, manifestando-se posteriormente no sucesso reprodutivo (*in* Jankowiak, 1995).

Pesquisas bioquímicas indicam que as sensações de alegria, euforia e optimismo, tão comuns às primeiras fases da paixão, são causadas por aumentos de feniletilamina (FEA), uma anfetamina conhecida pelos seus efeitos energéticos revigorantes e melhoradores da boa-disposição (Liebowitz, 1983 *in* Jankowiak, 1995). No entanto, a acção da FEA não dura muito tempo, o que poderá explicar a efemeridade desses estados de paixão. Walsh (1991) e Fisher (1992) defendem que depois da FEA poderá actuar outro conjunto de substâncias químicas, as endomorfina, muito semelhantes à morfina e que ao contrário da FEA, acalmam e reduzem os estados de ansiedade, ajudando portanto, a manutenção das relações mais longas e duradouras (*in* Benokraitis, 1996).

Segundo D. Goleman (1995), o amor, os sentimentos de ternura e a satisfação sexual provocam uma excitação parassimpática, o oposto fisiológico da mobilização “luta-ou-fuga” compartilhada pelo medo e pela ira. O padrão parassimpático, designado “padrão de relaxamento”, é um conjunto de reacções ao nível de todo o corpo que geram um estado geral de calma e contentamento, facilitando a cooperação (Goleman, 1995).

Para outros, o amor romântico não deriva de contingências reprodutivas, sendo apenas uma resposta à necessidade que um indivíduo tem de experimentar uma união emocional com outro.

No entanto, o mais correcto será afirmar que o amor romântico será um fenómeno emocional complexo e multifacetado, derivando de uma reciprocidade entre a biologia, o próprio indivíduo e a sociedade e que é facilmente reconhecido

e entendido em todo o mundo, sendo por isso considerado como um fenómeno universal (Jankowiak, 1995).

Não se poderá renegar a importância da cultura no processo de formação e escolha do par amoroso, sendo esta por vezes bastante relevante na fase de atracção, assim como na duração do próprio tempo de namoro. Durante a infância, cada indivíduo desenvolve determinados gostos ou antipatias em resposta das influências da sua família, amigos e experiências, de modo que ao chegar à adolescência já carrega consigo uma estrutura mental, ou “*mapa do amor*” que se traduzirá numa série de características físicas, psicológicas ou comportamentais que esse indivíduo achará de mais atractivo no seu parceiro amoroso, revelando-se este “*mapa do amor*” como um produto do próprio ambiente do indivíduo (Money, 1986 *in* Fisher, 1995).

Esse ambiente é igualmente influenciador no “*timing*” do envolvimento amoroso - as pessoas só se apaixonam quando se sentem preparadas para tal, o que só ocorre em determinadas alturas das suas vidas (Lindsey, 1994; Tennov, 1979 *in* Fisher, 1995).

Deste modo, poder-se-á afirmar que a cultura desempenha um papel fundamental na selecção de *quem* um indivíduo acha atraente, *na altura* em que começa a cortejá-lo(a), *como e onde* o irá fazê-lo.

Para H. Fisher (1985), os componentes fundamentais do amor romântico - a *atracção e a ligação* - são considerados emoções primárias e pan-humanas, tais como o medo, a fúria, a tristeza, a alegria e a surpresa, e que estas emoções, tais como as anteriores, estão relacionadas com a fisiologia do cérebro. Para esta autora, o amor romântico progrediu a partir dos sistemas bioquímicos de afiliação dos mamíferos e que o ciclo humano de atracção e de ligação evoluiu há cerca de quatro milhões de anos atrás em conjunção com as primeiras estratégias reprodutivas humanas - formação seriada de casais, de modo a poderem criar vários filhos durante o seu período de infância (Fisher, 1995).

M. Liebowitz (1983), psiquiatra, considera igualmente o amor romântico dividido nos mesmos componentes anteriormente referidos, mas propõe que eles estarão associados a dois sistemas químicos do cérebro, que terão evoluído ao longo das estratégias reprodutivas da espécie humana. Este autor afirma: «para o homem primitivo, dois aspectos relativos ao sexo oposto se revelaram muito importantes para a sobrevivência como espécie. O primeiro foi que machos e fêmeas se sentissem atraídos uns pelos outros o tempo suficiente para terem relações sexuais e se reproduzirem. O segundo foi que os machos se sentissem fortemente ligados às fêmeas e que ficassem com elas enquanto estas criavam os seus filhos, ajudando-as na obtenção de alimentos, protegendo-as contra eventuais inimigos e ensinando aos descendentes algumas habilidades de defesa ou caça.» (*in* Fisher, 1995).

Fisher considera que ainda existe um terceiro componente do amor romântico - a *separação*. Este componente poderá também ter uma explicação bioquímica. Numa relação longa, os receptores cerebrais de determinados neuroquímicos, como as endomorfina, podem tornar-se sobrecarregados ou mesmo perder a sensibilidade para essas substâncias. Por outro lado, Norbert Bischof defende que quando um animal adquire um estado de excessiva segurança, tende a afastar-se do objecto de ligação (Fisher, 1995).

De qualquer modo, estes pontos de vista não sugerem que os homens e mulheres sejam forçados biologicamente a apaixonarem-se, ligarem-se ou separarem-se, embora o casamento seja uma instituição universal e o divórcio comum na maioria das sociedades, tendo este aumentado consideravelmente nos últimos tempos devido principalmente à crescente autonomia económica das mulheres.

No entanto, muitos dos indivíduos que se separam ou divorciam tendem a casar novamente, principalmente se ambos ainda se encontrarem na fase reprodutiva. Este aspecto, que à partida poderá não ter muito significado, poderá

servir de explicação para a monogamia sequencial, já referida anteriormente como o padrão mais comum nas sociedades actuais.

Ao longo da evolução dos homínidos, com o aparecimento do bipedalismo, as fêmeas passaram a carregar os seus filhos nos braços, em vez de o fazerem nas costas, o que terá aumentado a sua “carga reprodutora”. Por sua vez, os machos não conseguiam obter alimentos suficientes para sustentar várias fêmeas em simultâneo nas vastas savanas onde à partida estes já não seriam muito abundantes. Deste modo revelava-se ser extremamente prático para um macho sustentar e proteger só uma fêmea de cada vez, lucrando esta com a sua presença para a criação da prole.

Através de dados do EEA (*“environment of evolutionary adaptation”*)¹ será possível propor que os primeiros homínidos viajariam em comunidades semelhantes às dos actuais chimpanzés nas quais as fêmeas desenvolvem “amizades especiais” com determinados machos, amizades essas que evoluem para ligações mais longas que servem para as fêmeas poderem criar os seus filhos até à idade de estes serem integrados no grupo e poderem serem criados por qualquer outro membro da comunidade. Quando esta fase é alcançada, a maioria dos pares desfaz-se, ficando cada indivíduo livre para emparceirar de novo e criar nova descendência (Redley, 1993).

Poder-se-á afirmar que a monogamia sequencial terá sido benéfica do ponto de vista genético para a evolução da espécie humana, pois quem teria mais que um parceiro, poderia aumentar a vitalidade genética das suas linhagens. Os machos poderiam ir escolhendo parceiras sempre jovens, de modo a garantir uma melhor e viável descendência, enquanto que as fêmeas poderiam ir escolhendo os parceiros que melhor lhe garantiriam protecção e recursos para o seu sustento e dos seus filhos (Fisher, 1995).

¹ O conceito de EEA é ainda alvo de alguma polémica entre os autores, existindo alguns que defendem que ele não é consistente no caso da espécie humana.

Para além do ponto de vista genético, essencial à sobrevivência e adaptação de qualquer espécie, foi ocorrendo ao longo da evolução, uma expansão do córtex cerebral humano que serviu para que os nossos antepassados começassem a construir um núcleo de emoções primárias reprodutivas ao qual foram adicionando uma complexidade de sentimentos assim como uma série de rituais culturais relacionados com os processos de atracção, ligação e separação, de modo que se ia desenvolvendo uma rede complexa de emoções, com uma base fisiológica, associadas à criação de determinadas tradições, que os europeus muitos milhares de anos depois designariam por *amor romântico* (Fisher, 1995).

Para J. Chisholm, a *ecologia evolucionista*, foi a ciência que permitiu o reconhecimento das contingências e funções do amor, que para este autor representa um valor exclusivamente humano (Chisholm, 1995).

Em contraste com Fisher, este autor defende que as ligações amorosas são basicamente um produto de diferenças individuais que foram sendo “moldadas” pelas condições sociais e económicas de cada indivíduo, não havendo deste modo um único tipo de amor, mas sim vários, que foram evoluindo como características adaptativas de uma determinada socioecologia.

A predisposição para o amor romântico sugere que este sentimento, principalmente nos adultos, poderá ser mais uma vez, uma capacidade biológica e adaptativa a ambientes de *stress*, onde geralmente abundam as ligações inseguras e precárias (Chisholm, 1995). Numa perspectiva evolutiva, relações seguras e equilibradas são as mais sucedidas na criação dos filhos, pois o investimento parental é maior e mais prolongado (Lancaster, 1987 *in* Chisholm, 1995). Por outro lado, e segundo a teoria da ligação¹, relações seguras e afectuosas durante a infância revelam-se essenciais para a uma posterior saúde emocional do adulto, assim como para a construção das suas futuras ligações amorosas (Benokraitis, 1996).

¹ “Attachment Theory no original.

J. Bowlby (1969) acredita que a capacidade para o amor existe como um factor evolutivo de sobrevivência, e que na sua origem funcionou para promover a proximidade entre mãe e filho e garantir a viabilidade do desenvolvimento da criança ao longo da evolução da espécie humana (*in* Chisholm, 1995). Para Goleman, foi a formação do neocórtex no cérebro dos mamíferos, há cerca de 100 milhões de anos, que trouxe ao *Homo sapiens* (que apresenta um neocórtex maior que o de qualquer outra espécie) tudo o que é distintamente humano (como por exemplo, ter sentimentos a respeito de ideias, arte ou símbolos) e que através das suas ligações ao sistema límbico¹, permitiram o elo mãe-filho e a aceitação desse compromisso a longo prazo, o que tornou possível o desenvolvimento humano, pois é precisamente através do período da infância que o cérebro termina o seu processo de maturação (Goleman, 1995).

No entanto, a sobrevivência de um indivíduo por si só, não tem muita importância evolutiva, se estiver isolada da reprodução e por isso as mais recentes teorias sobre as ligações conduzem quase sempre à sua potencial função reprodutora, sendo encaradas numa perspectiva de futuro.

A evolução das estratégias reprodutivas (fisiológicas, comportamentais ou mesmo emocionais) parece ser orientada por uma série de trocas, incluindo aquelas que estão relacionadas com o *esforço reprodutivo*, isto é, o esforço de acasalamento (escolha do parceiro e sua “manutenção”) e o parental, seja ele actual ou futuro, e ainda aquelas que têm a ver com a própria descendência (quantidade e qualidade) (Betzig, 1988; Stearns, 1992 *in* Chisholm, 1995).

A *teoria da selecção sexual*², criada por Darwin (1871) e adoptada pela sociobiologia, defende que foram precisamente essas estratégias que ajudaram a definir bem o papel desempenhado por ambos os sexos no sucesso reprodutivo de cada espécie (a utilização da reciprocidade ou o planeamento familiar no caso da

¹ O sistema límbico é a parte do cérebro que circunda e limita o tronco cerebral, cujo nome deriva de *limbus*, a palavra latina que significa “orla” (Goleman, 1995).

² Descrita no capítulo “The Establishment and Maintenance of Sexual Biases” (Wasser & Waterhouse, 1983) - ver referência bibliográfica.

mulher), não implicando necessariamente que nessa definição aparecesse um sexo *dominador* e um sexo *dominado*¹ (que o aparecimento de sentimentos como o amor veio revelar ser uma ideia sem justificação), pois os papéis desempenhados complementam-se e o sucesso reprodutivo só poderá ter algum significado com a intervenção de ambos (Wilson, 1974; Hrdy & Williams, 1983; Irons, 1983 & Wasser & Waterhouse, 1983).

J. Belsky, L. Steinberg e G. Draper (1991) sugerem que a distribuição do esforço reprodutivo nos adultos é parcialmente condicionada pelos contextos socioecológicos nos quais os indivíduos se encontram inseridos e se desenvolveram. Quando o ambiente é competitivo, mas os pais possuem recursos sociais, económicos ou outros, suficientes, terão tendência para apresentar baixos níveis de *stress* podendo deste modo, garantir mais segurança aos seus filhos. Neste caso, a estratégia mais eficiente destes pais será concentrar o esforço parental num pequeno número de filhos, mas de “grande qualidade”, de modo que estes, devido ao investimento que receberam, estejam preparados para efectuar bons casamentos e criarem eles próprios filhos *competitivos e adaptados* ao seu meio (*in* Chisholm, 1995). Na espécie humana, o sucesso económico interactiva como sucesso reprodutivo, facto que foi durante muito tempo esquecido pela sociobiologia (Eldredge & Grene, 1992)

Numa situação contrária, em que no mesmo ambiente, os indivíduos não possuam os recursos suficientes, o nível de *stress* que apresentam aumenta, passando a ser um factor de risco nas suas próprias ligações, que poderão tornar-se mais instáveis, assim como na insegurança que poderão transmitir aos seus filhos. Neste caso, quando os pais não têm nem energia, tempo ou segurança para criar filhos competitivos, a melhor estratégia será sacrificar a “qualidade” da descendência em favor do aumento do seu número.

¹ Como vulgarmente ainda se pensa, resultado de algumas assimetrias da selecção sexual.

Autores como E. Hill, J. Young e J. Nord (s.d.) defendem que existe uma diferença de géneros nas relações amorosas, diferença essa que tem origem na própria história do desenvolvimento dos indivíduos e daquilo que herdaram do esforço parental dos seus pais - homens que receberam e revelam segurança têm tendência a desenvolverem relações mais longas que os outros, enquanto que mulheres nas mesmas condições, têm tendência para se comprometerem mais tarde e após um mais longo período de namoro do que as outras. Estas diferenças sugerem que o desenvolvimento individual pode ter consequências adaptativas, não só na própria vida do indivíduo, mas também no seu posterior comportamento reprodutivo (*in* Chisholm, 1995).

Chisholm (1995) afirma que «o que parece ser claro, é que o que tem evoluído não é nenhuma estratégia reprodutora ou tipo de amor essencial ou normal, mas sim mecanismos psicológicos de ligação que permitem o melhor e mais apropriado caminho para o nosso desenvolvimento socioecológico».

Há ainda quem afirme que a essência do amor romântico é acima de tudo um acto creativo da imaginação humana, manifestando-se como uma expressão cultural de transcendência do próprio indivíduo (Eldredge & Grene, 1992; Lindholm, 1995).

Este autor contrapõe a ideia de outros autores que defendem que o amor romântico não é mais do que uma expressão de pressões biológicas que compelem os indivíduos a encontrarem-se eroticamente e sexualmente com outros, de modo, que do ponto de vista socobiológico, ocorra um compromisso que mantenha a unidade familiar (MacFarlane, 1987; Stone, 1988 *in* Lindholm, 1995).

Para A. MacFarlane (1986) é precisamente o amor o factor que se encontra na origem do casamento. Na sua obra “Marriage and Love in England”, este autor cita Charles Darwin, quando este aos vinte e nove anos de idade elaborou uma lista com os bons e maus aspectos sobre o casamento. Os maus revelaram-se muito mais numerosos! E Darwin acabou por casar-se com Emma Wedgwood, um ano

mais velha e considerada como não atraente para os parâmetros da época! Teve sete filhos e uma das suas filhas considerava o casamento dos pais como “uma perfeita união!” (in Wright, 1994).

Macfarlane questiona-se porque razão terá Darwin realizado um acto tão irracional e argumenta que o amor é a “mola” para que determinada relutância racional face ao casamento seja ultrapassada que de outra forma os indivíduos tentariam evitar. Para além desta razão, o amor também representa um meio de socialização, impedindo que o isolamento dos indivíduos, servindo igualmente para que a sexualidade passasse a estar focada num determinado indivíduo especial, forçando e facilitando a escolha do parceiro (Lindholm, 1995).

Lindholm apresenta uma pequena perspectiva do amor romântico do ponto de vista da sociobiologia contemporânea, em que este é compreendido como derivado de uma pulsão biológica, provavelmente de origem hormonal, que intensificará o desejo sexual e que conduzirá a uma forte ligação entre os indivíduos do par amoroso, sendo por isso favorável à reprodução e criação dos filhos.

Mas este autor interroga-se sobre o papel da cultura neste complexo conceito, pois apenas nas sociedades ocidentais modernas é que o amor romântico se encontra directamente associado ao casamento e ao nascimento. Portanto, se o amor romântico se encontra relacionado com o sucesso reprodutivo, esperar-se-ia que as sociedades que mais favorecem as expressões culturais do amor apresentassem as maiores taxas de natalidade, o que na realidade não se verifica. Dando como exemplo os países do Norte da Europa, que apresentam reduzidas taxas de natalidade, casamentos tardios e uma grande autonomia individual simultaneamente com uma grande tradição e liberdade de expressão de amor romântico. Por isso é que este autor põe em causa a visão sociobiológica e consequentemente, a tríade conjunta - *amor romântico, sexualidade e reprodução* - porque embora sejam elementos com grande afinidade entre si, poderão

manifestar-se separadamente, principalmente quando enquadrados numa determinada realidade cultural.

Ao recusar encarar o amor como um instrumento, Lindholm (1995) afirma: «deve-se reconhecer o amor como um específico estado de transcendência - uma das maiores características do mundo moderno».

2. PERSPECTIVA SOCIOANTROPOLÓGICA

«O Amor não é apenas uma questão química, também precisa de tática»

Fidel Castro, 1997

Num sentido bastante estrito, os núcleos familiares renovam-se sempre a cada geração. Se os parceiros amorosos não forem “recrutados” fora da família e “apresentados” à família já existente e aos seus hábitos, a família como instituição poderá acabar repentinamente (Blood Jr, 1972).

A única solução com sucesso para a manutenção da continuidade familiar, geração após geração, é a *escolha ou selecção de novos elementos*, que através dos laços matrimoniais, possam assegurar essa mesma continuidade.

2.1.- A Selecção do Parceiro: Uma Escolha Pessoal

Uma vez que o quasi-universal tabu do incesto¹ previne que o recrutamento dos parceiros amorosos ocorra dentro do núcleo familiar (sendo um pouco mais frequente quando se estende a outros graus de parentesco, como o casamento entre primos), evitando igualmente que os recursos de uma família, sejam eles biológicos, económicos ou sociais, não fiquem estagnados dentro da própria ao serem partilhados apenas pelos seus membros (Scanzoni & Scanzoni, 1988).

¹ Este tema é extensamente abordado pela bibliografia antropológica. Há quem defenda que o incesto foi uma grande invenção cultural e que representou a passagem da espécie humana da natureza para a cultura (Van den Berghe, 1980).

Deste modo, o recrutamento de novos elementos terá de ocorrer para além da esfera familiar e embora teoricamente, cada um possa casar com cada um, a escolha *nunca se faz ao acaso* (Segalen, 1981; Benokraitis 1996)

Ao contrário do que ocorria em tempos mais antigos (mas não tanto como isso) ou do que ocorre ainda em determinadas sociedades mais conservadoras, a escolha do parceiro faz-se *livremente* e abertamente, sendo por isso mesmo uma escolha de carácter pessoal (embora possa sofrer variadas influências) (Segalen, 1981). No entanto, poder-se-á considerar como um produto de vários encontros, com a conseqüente imprevisibilidade de sentimentos que daí possam surgir, ou ainda mais especificamente, de um *cálculo de interesses longamente amadurecido e reflectido* (Kaufmann, 1993).

2.1.1- Agentes de Selecção

Mas se agora, em quase todas as sociedades, essa escolha é estritamente pessoal, em tempos era afectada por vários agentes de selecção que predeterminavam quem casava com quem, fenómeno que ainda se continua a verificar noutras sociedades que apresentam uma rígida estratificação social (como o sistema de castas na Índia) ou cuja influência religiosa é muito forte (Blood Jr, 1972).

Talvez o mais comum desses agentes seja *a própria família* dos envolvidos, particularmente os pais. Se estes apresentam uma grande autoridade sobre os próprios filhos, é natural que também interfiram no processo de escolha do novo elemento da família, sendo muitas vezes eles próprios que efectuem essa escolha (Scanzoni & Scanzoni, 1988). Este agente de selecção adquire ainda mais importância em casos em que esse novo elemento vá habitar a casa da família do seu parceiro, especialmente se for para a casa da sogra.

Outros casos também revelam a interferência da família, principalmente se esta for de um estrato social mais elevado, se possuir bens e *status*. Nestes casos, a família redobra as suas precauções, pois um mau casamento poderá destruir a destacada posição social que possui, que provavelmente já teria herdado dos seus antecessores, e que pretende manter e passar às gerações seguintes. Nas sociedades mais estratificadas, o sistema social poderá representar um verdadeiro perigo quando o amor romântico é o factor determinante da escolha do parceiro, pois nestes casos os casamentos reduzem-se apenas a compromissos de carácter prático e económico, que envolvem poderes, propriedades e privilégios, sendo simultaneamente influenciados e influenciadores dos laços familiares, linhagens e heranças (Blood Jr, 1972; Lindsey, 1994).

São portanto as sociedades menos estratificadas que apresentam uma menor interferência dos agentes de selecção, em que esta surge como um processo muito mais livre e pessoal, devido principalmente à não existência de estratos nem muito elevados (em que ninguém tem muito a perder), nem de estratos muito baixos (em que ninguém poderá constituir uma ameaça ou ser um elemento constrangedor), sendo também nestas sociedades que se verifica uma maior percentagem de relações monogâmicas (Segalen, 1981 & Wright, 1994).

Numa outra perspectiva, os pais poderão não interferir directamente na escolha do parceiro, deixando mesmo que esta ocorra livremente, mas ao actuar indirectamente e na “rectaguarda”, encorajando ou desencorajando determinada relação, no final poderão ter conseguido os seus objectivos de um modo muito mais discreto. Sussman (1953) considerou que muitos pais, em vez de proibir uma relação que não aprovariam, desencorajavam-na subtilmente, sendo por isso muito mais bem sucedidos (*in* Blood Jr, 1972).

Em casos extremos, a escolha do parceiro é efectuada através de *agências de casamento*, que se encarregam de procurar potenciais parceiros com as características pretendidas pelo indivíduo ou pela sua família, isto mesmo em sociedades em que os indivíduos podem fazer a sua escolha livremente (Blood Jr,

1972). Este tipo de agências ou os *anúncios de imprensa* utilizados para procurar parceiros (serviços que variam consoante as posses dos indivíduos que a eles recorrem) são particularmente populares nos E.U.A., começando já a ser frequentes noutros países, como a Índia ou China (Benokraitis, 1996). Como exemplo concreto, refira-se um anúncio publicado no *The Times of India* por um engenheiro indiano de 34 anos, residente nos E.U.A. desde os 12 anos - «*Alliance invited for smart, Bengali Hindu engineer, 34, 185cms, settled in the United States, music addict, no encumbrances*» (in Benokraitis, 1996). Este engenheiro recebeu cerca de 103 respostas e a sua família, após análise das mesmas, reduziu a lista só para 7, começando de imediato a estabelecer contactos com as famílias das potenciais parceiras, de modo a poder seleccionar a futura mulher.

Noutros casos são utilizados os *serviços de computadores (computadores cupido)* que apresentam programas específicos para marcar encontros amorosos. Actualmente, a *internet* está a substituir esses tipos de programas, pois as pessoas podem ter um papel mais participativo e entrar em conversa com centenas de pessoas diferentes através dos *chat-rooms*, com a vantagem de poderem permanecer anónimas o tempo que quiserem e poderem seleccionar melhor a pessoa que mais lhe interessa (Benokraitis, 1996). Várias pessoas já se apaixonaram através da rede.

2.1.2- Critérios de Selecção

Quer a selecção seja realizada por algum agente, quer seja um processo estritamente pessoal, existem sempre critérios que são realçados e empolados para que determinado indivíduo seja um bom parceiro e que represente a “escolha correcta”.

A família tende a atribuir mais importância ao *background* da família do potencial seleccionado e seu possível *status*, enquanto que na selecção livre, os

indivíduos procuram e realçam as qualidades pessoais, assim como as características de natureza idiossincrática.

Num estudo efectuado em Tóquio, Blood Jr (1972) concluiu que as mulheres preferiam parceiros com um bom, seguro e “conscencioso” emprego e que não pretendessem ficar a viver com os parentes após o casamento, enquanto que os homens preferiam parceiras que fossem fisicamente saudáveis e algo atraentes, de modo a poderem ter igualmente filhos saudáveis que continuassem a linhagem, assim como preferiam que fossem carinhosas e obedientes e que estivessem dispostas a trabalhar sempre que fosse necessário ajudar no orçamento familiar.

Nos E.U.A., país onde por tradição a escolha costuma ser livre e os critérios dos filhos não diferem muito dos dos pais, num estudo semelhante efectuado na Universidade de Temple, em Filadélfia por Bell e Buerkle (1962), quando as alunas foram questionadas sobre o que achavam de mais importante na escolha de um marido, 68% responderam que seria a sua personalidade ou o seu aspecto físico atraente. Mas quando as suas mães foram submetidas ao mesmo questionário, apenas 42% escolheram estas características, pois a maioria referiu que o emprego ou o *background* das famílias seriam os factores mais importantes (*in* Blood Jr, 1972).

Thiessen & Gregg (1980) apresentam um quadro-resumo (quadro 1) com os principais critérios de selecção, assim como a sua sequência ao longo do próprio processo de escolha:

Sequência	Crítérios
Primeiro	Propinquidade, idade, raça, etnicidade, estatuto socioeconómico, religião, política
Segundo	Inteligência, educação, personalidade, interesses profissionais
Terceiro	Algumas características antropométricas, talentos, habilidades

Quadro 1 - Critérios de selecção do parceiro (*in* Thiessen & Gregg, 1980)

A escolha livre acentua os sentimentos entre os indivíduos e as características comuns entre eles, de modo que se construa um relação o mais igualitária possível, mas a compatibilidade entre os valores e hábitos de ambas as famílias também contribui muito para a estabilidade da relação. Fromm (1956) sugere que uma das maiores forças impulsionadoras do casamento é a descoberta da compatibilidade entre dois indivíduos, seguida de uma vontade de “quebrar todas as barreiras” que possivelmente existam entre eles (*in* Blood Jr., 1972).

Outro aspecto relacionado com a escolha livre é que esta acentua a relação marido-mulher após o casamento, pois é construída uma ligação entre os parceiros que permanece contínua e que se torna na própria estrutura básica da vida familiar, enquanto que na escolha influenciada esta ligação torna-se secundária em relação à responsabilidade do casal para com o resto da família e futuros filhos.

Mas mesmo quando o parceiro é escolhido livremente e na origem dessa escolha se encontra o amor romântico, é evidente que ninguém se apaixona por um qualquer indivíduo, verificando-se que também o amor é condicionado por uma série de factores sociais e demográficos, ocorrendo uma tendência para que um indivíduo se sinta atraído e se ligue a outro que lhe seja *similar*. Essa similaridade poderá ser em termos de *idade, raça, religião, estatuto socioeconómico, educação, cultura, etc*, no que resulta numa formação de pares com mais características em comum¹ do que se esta ocorresse totalmente ao acaso (como a *panmixia*, em que a aleatoriedade é o factor dominante e os indivíduos não revelam nenhuma tendência para escolher parceiros com particulares características, embora na maioria das espécies animais se verifique sempre uma determinada selectividade) (Segalen, 1981; Halliday, 1983; Wickler & Seibt, 1983; Lindsey, 1994). Esta tendência designa-se por *homogamia*² e poderá ser encarada como uma forma de acasalamento que contribui para o aumento da similaridade genética entre os membros da família, facilitando simultaneamente a sua comunicação e altruísmo (Thiessen & Gregg, 1980).

2.2- Homogamia

A homogamia pode ser dividida em homogamia *vertical* e homogamia *horizontal* (Blood Jr, 1972).

A primeira traduz-se por uma elegibilidade social que se manifesta essencialmente nas sociedades estratificadas, não ocorrendo, salvo determinadas excepções, casamentos fora de um mesmo estrato social (sendo particularmente

¹ Este tipo de casamento, baseado numa escolha de características designa-se por “assortive mating”(no original).

² A homogamia também pode ser designada por “assortive mating” positivo, ie, as características tendem a ser similares (Burley, 1983).

acentuada nas extremidades da escala social, Kaufmann, 1993). O exemplo mais significativo será a endogamia existente no sistema social de castas na Índia, como já referido, mas a endogamia num sistema de classes sociais é muito frequente, sendo no entanto, um fenómeno mais complexo e subtil que o anterior. Em alguns casos torna-se muito difícil distinguir um casamento endogâmico de um casamento exogâmico, se estes não se situarem nos limites mais definidos.

Tradicionalmente, a maioria das pessoas casa dentro da sua classe social por partilharem atitudes, valores e estilos de vida comuns e também pelo facto da endogamia social se encontrar fortemente reflectida nos locais de trabalho e nos sistemas educativos (segundo Segalen, 1981, um bom nível educacional é sempre um bom caminho para se fazer um *bom casamento*¹), tendo portanto, bastante importância, o que à partida potenciará a homogamia vertical (Segalen, 1981; Benokraitis, 1996). No entanto, tanto um homem como uma mulher poderão “*transferir-se*” para uma classe superior, desde que se empenhem para o conseguirem. Esta transferência designa-se por *hipergamia* e é particularmente mais fácil para uma mulher do que para um homem (Lindsey, 1994).

As mulheres tendem a ser mais pragmáticas do que os homens, pelo menos no princípio do processo de escolha do parceiro, apresentando determinadas precauções que se poderão justificar pelo facto de o casamento se lhes apresentar como o factor mais determinante para o seu futuro estatuto social (Murstein, 1980 *in* Lindsey, 1994).

Por tradição, as mulheres habituaram-se a encarar o casamento e posteriormente a maternidade como as suas grandes fontes de realização, quer económica, quer emocional, mesmo que sejam sucedidas nas suas carreiras e autónomas financeiramente (Lindsey, 1994). De igual modo, também sempre foram mais pressionadas pelos pais e familiares para efectuarem casamentos *acertados e bem sucedidos* (Benokraitis, 1996). Talvez por isso, num estudo pioneiro sobre as

¹ Muitos pais, à partida, escolhem o estabelecimento de ensino dos seus filhos, de modo a estes poderem realizar as suas escolhas dentro de um determinado meio social e educacional (Segalen, 1981).

preferências de escolha dos parceiros, publicado por um psicólogo evolucionista, D. Buss (1989), num total de 37 culturas estudadas de todo o mundo, em todas elas, as mulheres deram maior ênfase do que os homens ao lado económico dos potenciais parceiros (Wright, 1994).

Concretamente na sociedade portuguesa, o modelo matrimonial existente (casamento-fusão, monogâmico, com ênfase no sentimento amoroso) continua a ser para as mulheres uma fonte importante de construção da identidade social dado o investimento neste campo em detrimento da actividade profissional, que é de uma maneira geral, desinteressante e pouco valorizada. As mulheres continuam a desempenhar o papel principal de mães e donas de casa, sendo secundariamente trabalhadoras (Santos, 1995).

Num estudo igualmente efectuado num colégio por W. Melton e D. Thomas (1976), as raparigas responderam, numa abordagem prospectiva, que atribuiriam um grande valor às qualidades práticas de um eventual parceiro, tais como a sua capacidade para trabalhar, para economizar, para pagar as contas ou para manter a integridade básica da unidade familiar, enquanto que os rapazes mostraram que as suas preferências seriam a beleza e a aparência física atractiva das eventuais parceiras (*in* Lindsey, 1994).

Os casamentos interclasses mais frequentes são sem dúvida aqueles em que um homem de uma classe superior casa com uma mulher de uma classe mais baixa (neste caso, *hipogamia*), porque esta não irá constituir nenhuma ameaça à sua posição social e a possibilidade de um homem casar “para baixo” poderá alargar o leque de parceiras potencialmente elegíveis (Scanzoni & Scanzoni, 1988).

Quando se trata do caso de ser o homem que casa com uma mulher de uma classe superior, este tipo de casamento poderá constituir uma ameaça para a auto-estima do homem, principalmente se ocorrer em sociedades estratificadas e competitivas e porque também nestes caso a mulher tende a desempenhar um papel dominante dentro do casal, o que muitos poucos homens toleram, uma vez

que nas sociedades actuais ainda são eles os detentores do poder e do *status* (Murstein, 1986 in Linsey, 1994). São fundamentalmente razões psicológicas que desencorajam estes casamentos (Blood Jr, 1972).

Portanto a tendência mais comum serão os casamentos dentro do mesmo tipo de classe social, sendo estes os mais sucedidos, seguindo-se os casos dos casamentos em que são as mulheres que casam “para cima”, estando no fim aqueles em que é o homem a fazê-lo.

A homogamia *horizontal* revela-se um pouco menos importante do que a homogamia vertical e baseia-se em características biológicas como a idade, a altura e de um certo modo, a raça (sendo este factor muito mais complexo e delicado).

Em relação à *idade*, a tendência é para que os parceiros sejam de idades próximas ou com um intervalo de diferença reduzido (em média três ou quatro anos) verificando-se, por regra, que o homem costuma ser mais velho que a mulher (assim como também costuma ser mais *alto*; em relação a este facto, a maioria das mulheres afirma que a altura de um homem é uma condição necessária da sua aparência física, funcionando como uma marca central da sua masculinidade, designando-se tais expectativas por *gradiente de casamento*) (Blood Jr, 1972; Scanzoni & Scanzoni, 1988; Bozon, 1991).

Nos casos de segundos casamentos é que se verifica um maior intervalo de idades, sendo agora mais vulgar aparecerem mulheres mais velhas que os homens, principalmente se forem viúvas (talvez devido ao facto da esperança de vida das mulheres ser superior à do homens) (Scanzoni & Scanzoni, 1988; Lindsey, 1994). Torna-se muito frequente neste tipo de casamentos, quando os homens são muito mais velhos que as suas mulheres, não pretenderem ter filhos, principalmente se já

os têm de anteriores casamentos e por já não apresentarem a mesma disponibilidade ou paciência para os criarem (Benokraitis, 1996).

Num estudo realizado por M. Bozon (1990), sobre a diferença de idades entre os parceiros, a mulher quando começa a relacionar-se amorosamente, prefere parceiros mais velhos cerca de 5/5 anos e meio ou 4/4 anos e meio (se ela tiver 17 ou 18 anos respectivamente). Se ela tiver 25 anos no início da sua relação amorosa, já poderá “aceitar” parceiros com uma idade semelhante à sua (em que a diferença nem chegue a 1 ano) e posteriormente poderá mesmo relacionar-se com parceiros mais novos, principalmente se tiverem um estatuto socioeconómico elevado (*in* Kaufmann, 1993).

Geralmente os homens são mais velhos que as mulheres porque por tradição são desencorajados a casar cedo, de modo a terem o tempo suficiente para receberem a educação e os requisitos necessários para poderem posteriormente manter uma família e porque, na generalidade, continuam a preferir parceiras mais jovens (Wright, 1994).

Actualmente ambos os sexos casam cada vez mais tarde (segundo Goody, 1995, esta já era uma característica do modelo de casamento europeu) sendo particularmente evidente a nível das mulheres, que preferem consolidar a carreira profissional antes de se casarem e formarem uma família. Talvez pela primeira vez, estas mulheres se encontrem numa situação que as permite serem *bastante selectivas* na escolha dos seus parceiros, porque estes já não representarão o seu suporte financeiro (pelo menos na sua totalidade). No entanto, ao serem demasiado selectivas, o leque de parceiros potencialmente elegíveis poderá diminuir drasticamente, podendo muitas delas acabar por optar pelo celibato. Este facto aliado à tendência natural de as mulheres continuarem a preferir parceiros ligeiramente mais velhos e combinado com as taxas de mortalidade masculinas, faz com que presentemente as possíveis escolhas de parceiros para as mulheres estejam mais limitadas (Lindsey, 1994).

De qualquer modo, em sociedades igualitárias, a homogamia por idade parece constituir um factor de sucesso do casamento. Aliás e na generalidade, *quanto maior for a homogamia na escolha do parceiro, mais sucedido poderá ser o casamento* (Blood Jr, 1972; Thiessen & Gregg, 1980).

Relativamente à *questão racial*, a maioria das pessoas casa-se com outras da mesma raça (homogamia racial, provavelmente a mais comum). Embora os casamentos interracialis sejam globalmente aceites, continuam a não ser ainda muito frequentes (Scanzoni & Scanzoni, 1988).

Nos E.U.A., país que aceita legalmente estes casamentos desde 1967, o número duplicou entre 1970 e 1990, mas continuam a representar somente 1.8% do total dos casamentos realizados, e destes, apenas menos de metade de 1% são entre afro-americanos/americanos brancos (sendo 70% entre mulher branca e marido negro). Os restantes são entre brancos e não-negros, especialmente asiáticos (e nestes casos, ao contrário dos anteriores, a tendência é para o marido ser branco) (Scanzoni & Scanzoni, 1988 & Surra, 1991 *in* Lindsey, 1994).

Os homens negros que casam com mulheres brancas são frequentemente acusados (mais do que os brancos que casam com mulheres de outras raças) pelos outros negros como complexados em relação à própria cor, sendo estes casamentos encarados ainda como se fossem questões puramente sociais ou políticas (Benokraitis, 1996), talvez porque nestes casamentos verifica-se frequentemente o facto de estes maridos apresentarem um nível educacional superior em relação aos outros homens negros que casam igualmente com mulheres negras. Para Z. Rubin, este facto é designa-se por *princípio da compensação*, como se tratasse de um mercado interpessoal, no qual o marido negro contribui com o seu elevado *status* educacional e a mulher branca com o seu elevado *status* social, simplesmente por causa da cor da sua pele (Scanzoni & Scanzoni, 1988).

As mulheres afro-americanas, por regra, deparam-se com um menor número de parceiros elegíveis do que as mulheres brancas e por isso apresentam também um menor número de características homogâmicas nos seus casamentos, sendo frequente casarem com homens mais velhos, pelo menos quatro anos, com um menor nível de educação ou que já tenham sido casados anteriormente. Quando a estes actores ainda se encontram aliados outros, como por exemplo uma situação económica desigual, poder-se-á justificar a elevada taxa de divórcio nos casamentos afro-americanos, comparativamente com os dos americanos brancos (Lindsey, 1994).

R. Staples (1981), como sociólogo negro afirma: « *As long as racial groups have self-styled definitions of superior and inferior, and the oppressor and oppressed, biracial unions cannot occur as natural events in the dating marketplace* » (in Scanzoni & Scanzoni, 1988).

Existe ainda um outro tipo de homogamia - a homogamia *organizada*, que se manifesta em determinadas organizações, principalmente de *natureza religiosa*, que encorajam os seus membros a casar entre si, ocorrendo deste modo uma elevada taxa de endogamia, designada por endogamia organizada (Blood Jr, 1972).

Estas organizações demonstram uma certa “habilidade” em arranjar potenciais parceiros de ambos os sexos dentro dos seus membros. Por exemplo, nos E.U.A. um determinado rabi e sua mulher foram subsidiados pela Fundação dos Judeus Unidos¹ para ajudar os judeus solteiros a conhecerem-se promovendo encontros entre ambos os sexos (Benokraitis, 1996).

No entanto, este tipo de endogamia encontra-se relacionado com a dimensão do grupo, pois quanto menor este fôr, maior a dificuldade em encontrar parceiros elegíveis. No Japão, por exemplo, a endogamia entre cristãos é limitada por uma

¹ “United Jewish Foundation” no original.

escassez de rapazes disponíveis para casarem com as raparigas cristãs (Blood Jr, 1972).

Embora a maioria das organizações aceitem parceiros exogâmicos quando convertidos, os que não o fazem podem ser encarados como uma fonte de conflitos. Alguns casamentos interorganizacionais criam valores que poderão funcionar como elementos destabilizadores do casal e um exemplo típico será o método contraceptivo a adoptar num casamento entre cristãos e protestantes, embora entre estes dois grupos ocorra uma elevada taxa de exogamia devido a uma maior tolerância por parte do Vaticano (Blood Jr, 1972; Scanzoni & Scanzoni, 1988).

2.3- Algumas Teorias Sobre a Escolha do Parceiro

Existem algumas perspectivas teóricas que tentam explicar o *como* do processo que envolve a escolha do parceiro amoroso (Benokraitis, 1996).

2.3.1- A Teoria da Filtragem¹

Considerando que existe um *filtro* na escolha do parceiro, uma vez que é impossível (na teoria e na principalmente na prática) que “todos empareirem com todos”, o processo de selecção que ocorre poderá ser de carácter a) *negativo* ou b) *positivo*.

a) De acordo com a própria biologia da espécie humana e da sua herança filogenética, a primeira filtragem que ocorre no processo de escolha do parceiro é

¹ “Filter Theory” no original.

negativa e feminina, devido ao facto de existir uma diferenciação sexual a nível do esforço reprodutivo, como já anteriormente referido.

Essa diferenciação manifesta-se pelo investimento das mulheres na produção dos gâmetas (sendo os óvulos encarados como material dispendioso, por serem maiores e por serem produzidos em pouca quantidade, ao contrário das gâmetas masculinos), no longo período de gestação, no nascimento e consequente aleitamento e nos cuidados parentais (principalmente nos primários) (Dawkins, 1989). Desta diferenciação (entre outros aspectos) resulta que as mulheres serão mais selectivas que os homens no seu processo de escolha, manifestando-se esta selectividade inicialmente pela *recusa*, pelo facto de as mulheres saberem e terem consciência primeiro de quem *não* querem como seus parceiros, mesmo que não exista nenhum potencial candidato. A esta consciência negativa dá-se o nome de “*K Cybernetic Choice*” por ser uma consequência da estratégia reprodutiva K.

b) Esta teoria defende que à partida um indivíduo *já possui* um vasto leque de possíveis candidatos e que através de vários critérios específicos vai filtrando e consequentemente estreitando o número desses candidatos até ficar reduzido ao potencial parceiro, sendo por isso considerada como positiva, uma vez que se trata de um processo de *aceitação* e não de *recusa* como a anterior.

Os principais e mais frequentes critérios que entram na filtragem são a proximidade geográfica, a idade, a rede social, os valores, a aparência física e consequente atracção, o tempo de duração do namoro, a orientação sexual e mais recentemente, a SIDA.

- *A proximidade geográfica* revela-se como um dos principais componentes da selecção do parceiro, pois torna-se muito mais fácil encontrar-se alguém que faça parte do círculo de interacção de um indivíduo, do que encontrar alguém que esteja espacialmente afastado. A maioria das pessoas afirma que conheceram

os seus parceiros ou nos liceus, universidades, locais de trabalho, organizações religiosas ou de lazer.

Torna-se muito dispendioso, quer em termos de tempo, quer em termos económicos, manter uma relação de longa distância por um longo período.

- *A rede social* é outro dos principais componentes, pois na maioria dos casos os indivíduos conhecem-se através dos seus contactos sociais ou através dos amigos. Aliás, estes funcionam geralmente como “intermediários informais no mercado dos casamentos” ao apresentarem indivíduos com *backgrounds* e interesses semelhantes. Simultaneamente, o próprio espaço físico onde se desenrolam os encontros é socialmente construído, favorecendo as escolhas homogâmicas.

M. Bozon e F. Héran (1988) dividem os locais de encontro em *espaços públicos, espaços reservados e espaços privados*, considerando que eles formam um triângulo, designado por *triângulo dos encontros*. Estes autores consideram ainda que cada um destes espaços se encontra bem definido simbolicamente pelas várias categorias sócio-profissionais que o ocupam. Deste modo, poder-se-á associar aos espaços públicos, como a rua, os cafés ou centros comerciais, as classes mais “populares”; aos espaços reservados (sendo alguns monetariamente controlados), como cinemas, associações, locais de estudo ou de animação cultural, as classes “intelectuais” e aos espaços privados, como os próprios locais de residência, festas de amigos ou de família, as profissões liberais, os quadros superiores de empresas, etc. (Bozon & Héran, 1988). No entanto, se questionarmos os casais que se encontraram num destes espaços referidos, a maioria irá referir que os seus encontros foram pura e simplesmente “obra do acaso”, o que os autores consideram como uma variável ambígua e imperceptível. Argumentam ainda que, ao responderem desta forma, os indivíduos poderão evitar dar outras explicações, funcionando portanto como uma forma de protecção, como se não admitissem que poderia ter ocorrido qualquer processo de escolha. Também

a própria ideologia amorosa se opõe à ideia que a formação do casal terá sido o resultado de uma escolha racional (Kaufmann, 1993).

F. de Singly afirma: «*Le social n'est pas estimé en référence au niveau de vie mais au mode de vie, au style de vie*» (in Kaufmann, 1993). Para esta autora, quando se descodifica a linguagem amorosa da escolha do parceiro, descobre-se que os indivíduos falam de homogamia sem se aperceberem. Trata-se de um *profundo processo cognitivo* que ocorre, independentemente da justificação atribuída.

- *Os valores* de escolha do parceiro “ideal” não se alteraram muito ao longo do tempo, permanecendo qualidades tais como inteligência, aparência física, capacidade de trabalho, saúde, carinho e compreensão, principalmente entre os indivíduos solteiros e honestidade, consideração, comunicação, lealdade, etc entre os indivíduos já casados.

- *A aparência física* continua a ser uma característica referida como tendo uma determinada importância para a escolha do parceiro, essencialmente para os homens. No entanto vários estudos mostram que os indivíduos têm tendência para escolher outros que apresentem um grau de atracção física semelhante ao seu (*homotipicismo*), embora o que seja considerado como uma característica atraente para uns, poderá não o ser para outros, pois os conceitos estéticos poderão variar de contexto cultural para contexto cultural e também ao longo do tempo (Berscheid *et al*, 1982 in Benokraitis, 1996; Burley, 1983; Murstein, 1977 in Duck & Miell, 1983). Observa-se ainda que a importância da aparência física do outro varia consoante a auto-estima e auto confiança do próprio indivíduo, principalmente para os homens, i.e., homens que tenham uma auto-confiança e auto-estima elevadas, independentemente do seu aspecto físico, têm tendência para procurar mulheres com um alto padrão de atracção física e vice-versa (Duck & Miell, 1983).

Numa experiência realizada por K. Grammer, cujo objectivo era estudar algumas diferenças comportamentais entre os sexos durante a fase de aproximação, o investigador colocou numa sala um grupo de jovens adultos alemães de ambos os sexos que não se conheciam e filmou-os através de um vidro espelhado. Após um certo período de tempo, entregou-lhes um questionário que pretendia avaliar o grau de atracção que tinham sentido pelo sexo oposto, o interesse e vontade de aproximação e a probabilidade de serem aceites (*in* Eibl-Eibesfeldt, 1989).

Como resultado, as mulheres demonstraram serem mais selectivas que os homens e estes revelaram uma maior disposição para iniciar um relacionamento. No entanto, esta disposição variava consoante se o outro indivíduo parecia muito ou pouco atraente e quanto maior fosse o grau de atracção, maior era a percepção do risco que seria necessário tomar para se ser bem sucedido e maior era a vontade de aproximação. Simultaneamente, o início da aproximação também se encontrava dependente da auto-confiança do homem, pois se a eleita se revelava demasiado atraente, ele poderia considerar as suas hipóteses muito reduzidas e recuar de modo a se preservar. Só os homens relacionam o seu poder de atracção com a *percepção de risco*. Deste modo, quanto mais atraentes se sentem mais reduzida se torna essa percepção (Eibl-Eibesfeldt, 1983).

M. Bozon (1991), no seu estudo “*Apparence physique et choix du conjoint*”, refere após a primeira filtragem, não premeditada e intencional, inerente ao próprio universo e regras da sociabilidade, ocorre uma segunda filtragem, mais selectiva, através dos julgamentos que cada indivíduo realiza em relação aos outros que vai encontrando precisamente na sua rede social. Esses julgamentos baseiam-se em apreciações e percepções que vão sendo interiorizadas e que diferem consoante o meio de origem e o sexo dos indivíduos e para as quais, a aparência física desempenha um papel particular e deverão ser interpretados dentro do contexto do conjunto de apreciações psicológicas, intelectuais e sociais que poderão ser feitas em relação ao parceiro.

Na construção de um ideal de aparência física de um futuro parceiro, as mulheres têm uma ideia muito mais definida do que os homens (embora esse ideal varie consoante a classe social a que pertencem), assim como atribuem mais importância ao vestuário do parceiro, principalmente no primeiro encontro. Mas, se elas observam mais sistematicamente as características físicas, estas rapidamente são incorporadas na análise das propriedades psicológicas, sociais e morais do parceiro, passando a ser atribuída uma maior importância à sua personalidade (Bozon, 1991).

As mulheres apreciam aparência física de um modo diferente que os homens. Para elas, a aparência física do parceiro ainda desempenha um papel social importante para o futuro *status* do casal. Pelo contrário, os homens são menos observadores e menos exigentes do que as mulheres, mas paradoxalmente, são eles que atribuem uma maior importância à aparência física das parceiras, sendo mais fortemente e directamente atraídos fisicamente por elas (Bozon, 1991).

- Existe uma forte correlação entre o *tempo de duração do namoro* e o sucesso e satisfação no casamento, pois na generalidade, um casamento entre dois indivíduos que tiveram o tempo suficiente para se conhecerem bem terá menores probabilidades de acabar em divórcio.

W. Wickler e U. Seibt (1977) realçam o facto que espécies que apresentam relações duradouras, inicialmente os parceiros passam funcionando portanto como uma forma de por um extenso período de corte (*in* Eibl-Eibesfeldt, 1983).

- Uma das regras da exogamia é que os indivíduos deverão casar com outros do sexo oposto (ocorrendo um “assortive mating” negativo (Burley, 1983)). No entanto, já existem alguns (poucos) países, como a Dinamarca ou a Suécia, que aceitam os casamentos homossexuais. De qualquer modo, um dos critérios de escolha será precisamente a *orientação sexual* dos indivíduos.

- Mais recentemente, a *SIDA* poderá ser um critério a ter em consideração, pois poderá estreitar o número de potenciais parceiros, porque ajudou a transformar alguns comportamentos mais promíscuos e a reduzir o número de parceiros sexuais que alguns indivíduos poderiam ter.

Kaufmann argumenta que se à partida o número de possíveis candidatas é reduzido então nem se poderá falar de uma escolha, mas sim de uma *descoberta*, sendo para este autor, uma descoberta “recheada de uma falsa surpresa”, pois é a própria sociedade que “puxa os cordelinhos” dos encontros amorosos, como se a principal questão fosse o encontro entre os indivíduos e não as suas escolhas (Kaufmann, 1993).

2.3.2- A Teoria das Trocas Sociais¹

Segundo esta teoria, os indivíduos são atraídos e escolhem aqueles que lhes parecem ser os que poderão fornecer os melhores “proveitos” na relação. Como em qualquer relacionamento se encontra subjacente uma série de trocas entre os indivíduos, nas quais ocorrem perdas e ganhos, o que se espera é que as primeiras sejam reduzidas e os segundos elevados.

Estas trocas poderão ser de características intrínsecas, como a inteligência ou sentido de humor, ou de comportamentos recompensadores, como sexual ou de companheirismo ou ainda de recursos directos, como dinheiro ou poder e algumas perdas poderão traduzir-se em questões de tempo, também de dinheiro ou em questões de comportamentos destrutivos, como a violência ou desprezo.

¹ “Social Exchange Theory” no original

3.3- A Teoria da Equidade¹

Sendo encarada como uma extensão da teoria anterior combinada com uma série de pressupostos psicológicos, esta teoria foi inicialmente formulada em 1973 por Walster *et al* (*in* Benokraitis, 1996) e defende que os indivíduos têm a capacidade de se aperceberem das injustiças existentes em relações não igualitárias e de reagirem a essas mesmas injustiças.

Esta teoria baseia-se em três pressupostos básicos:

1. Os indivíduos tentam maximizar os resultados da relação, que são definidos pelos ganhos com o mínimo de perdas.
2. Quando os indivíduos se encontram em relações desiguais, tornam-se angustiados e em *stress* e quanto maior a desigualdade, maior o mal-estar.
3. Os indivíduos que se encontram em situações descritas em 2, tendem a eliminar o seu mal-estar tentando recuperar a equidade da relação (nem que seja mentalmente) e quanto maior a desigualdade, maior é o esforço desenvolvido para restabelecer o equilíbrio da relação.

Um dos autores desta teoria (Walster, 1978) afirma que o *estar apaixonado* não é suficiente para a maioria das pessoas e que elas esperam sempre mais das suas relações do que aquilo que pensam (*in* Scanzoni & Scanzoni, 1988).

Talvez por este facto, o amor romântico esteja actualmente a ser encarado sob novas perspectivas, nas quais se inclui um processo de escolha do parceiro mais racional em que os indivíduos tomam consciência dos custos e recompensas da realidade envolvente e se questionam, pensando decisões sobre *qual, quando e quem*.

¹ “Equity Theory” no original

PARTE II

FACTORES, VONTADES E PREFERÊNCIAS SUBJACENTES À FORMAÇÃO DOS PARES AMOROSOS

1. APRESENTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES - A METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

*«Realizar um inquérito é interrogar um determinado
número de indivíduos tendo em vista uma generalização»*

Ghiglione & Matalon, 1992

Nesta segunda parte apresentar-se o estudo cujo objectivo é a análise dos factores, vontades e preferências que estarão por detrás da formação dos pares amorosos, segundo uma perspectiva de género.

A componente prática deste trabalho fundamenta-se na realização de um inquérito com consequente tratamento, análise e interpretação dos dados, de modo a poder-se confrontar possíveis conclusões com algumas expectâncias teóricas.

Sendo a observação empírica um método pouco aconselhado num estudo deste tipo, *de teor extremamente delicado*, precisamente por se tratar de um estudo que se dirige à esfera do privado ao solicitar opiniões e pensamentos de maior intimidade, considera-se, que de um ponto de vista deontológico, a utilização de inquéritos será o método mais adequado, por permitir uma maior privacidade de resposta aos inquiridos, por “exigir” que se manifestem apenas sobre determinados tópicos de uma forma perfeitamente concisa e objectiva, e também por não serem “obrigados” a um discurso narrativo, o que para alguns indivíduos, poderia tornar-se por vezes muito mais penoso.

Uma vez que se pretende compreender fenómenos como atitudes, opiniões, preferências, representações, etc., tão difíceis por vezes de serem “medidos” ou avaliados, principalmente por raramente se exprimirem de forma totalmente espontânea (Ghiglione & Matalon, 1992), considera-se que a sua acessibilidade torna-se facilitada através de uma linguagem precisa, oral ou escrita, sendo neste caso *escrita*, exactamente pelos motivos anteriormente referidos.

1.1.- Os Protagonistas

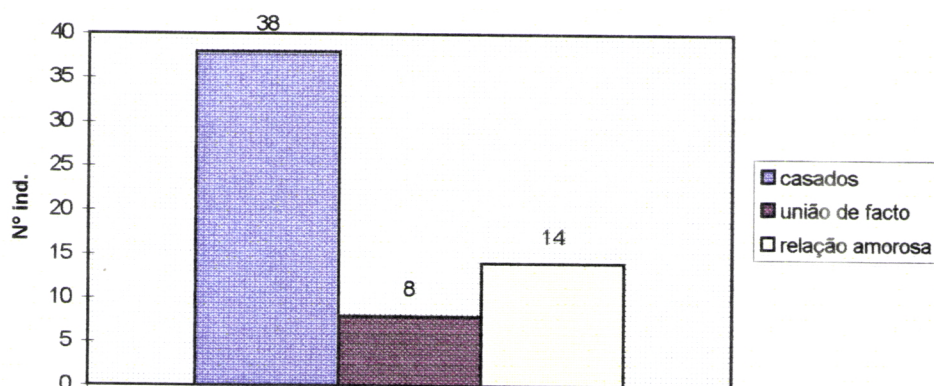
Uma das quatro principais categorias de informação que se obtém quase sempre de um estudo de carácter social são os *atributos* da amostra. “Quem são e quais as suas características?” (Newell, 1993).

a) Os inquéritos destinaram-se a *30 casais* residentes na cidade de Lisboa ou freguesias limítrofes, envolvendo a participação de cada elemento do casal (total de 60 inquéritos), de modo a se poder confrontar e cruzar as respostas de ambos os sexos.

A escolha do local da aplicação dos inquéritos foi condicionada à partida por um aspecto de carácter estritamente prático, somente por coincidir com o local de trabalho da investigadora e também porque, devido à reduzida dimensão da amostra, não se justificar uma maior expansão geográfica.

b) A *situação conjugal* compreendia indivíduos que fossem casados, que vivessem em união de facto ou que mantivessem apenas uma relação amorosa, de carácter (supostamente) estável, sem coabitação.

Gráfico I - Distribuição da situação conjugal



Como seria de esperar na nossa sociedade, as uniões de facto continuam a corresponder à situação de situação conjugal menos frequente, embora nesta amostra, devido às suas dimensões, a sua representação já possa adquirir um determinado significado.

Os indivíduos que responderam que mantêm uma relação amorosa, sem coabitação, correspondem, também como se esperaria, aos mais jovens, alguns ainda estudantes e portanto não assalariados.

c) Em relação à *idade* dos inquiridos, procurou-se que estes fossem relativamente jovens, com uma média de idades por volta dos 30 anos, de modo a se poder avaliar os valores e preferências que estão por detrás da escolha do parceiro nas gerações recentes, ainda com poucos anos de vida conjugal, sabendo-se ainda que a idade introduz efeitos de geração que se traduzem em diferenças de valores e atitudes face à conjugalidade, no sentido que os mais novos relativamente aos mais velhos, apresentam uma maior flexibilidade perante os aspectos institucionais da relação, como a perenidade do vínculo contratual, assim como uma maior visão de igualdade entre os géneros (Santos, 1995).

Gráfico II - Distribuição dos grupos etários pelo sexo

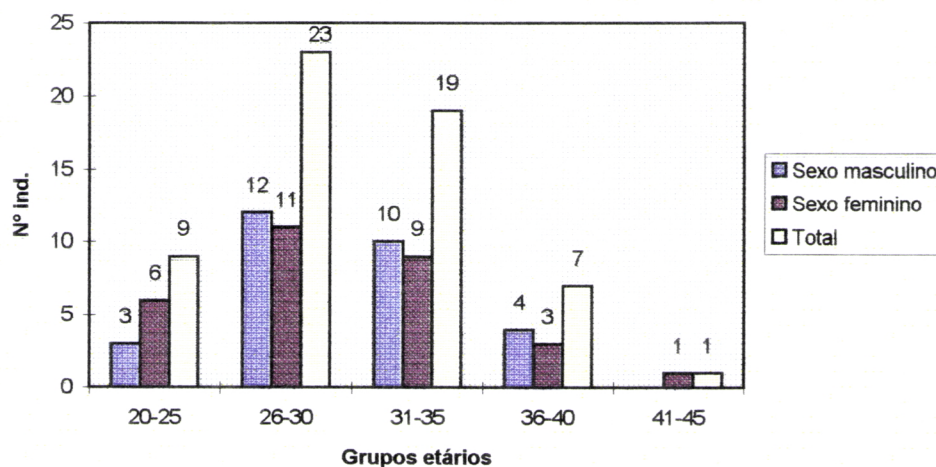
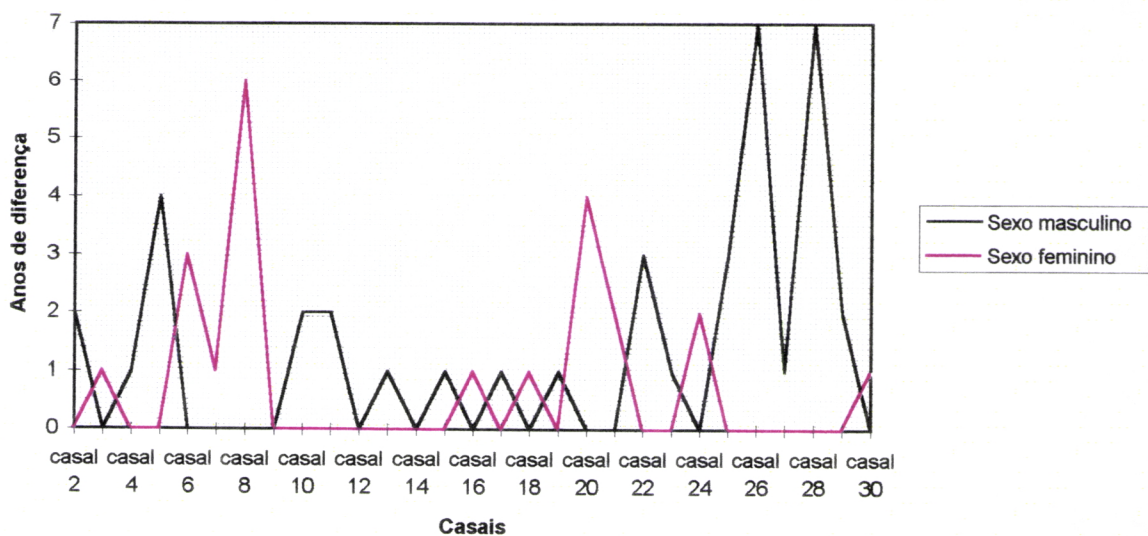


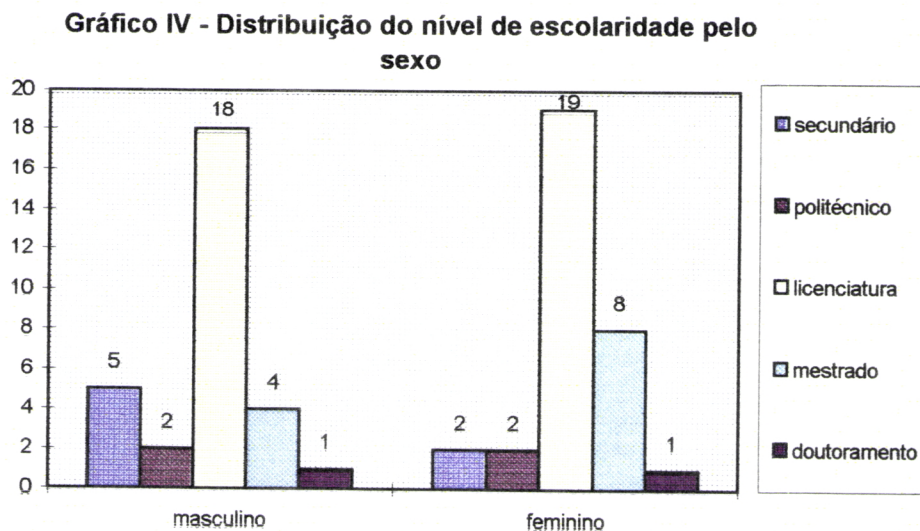
Gráfico III - Distribuição dos anos de diferença de idade entre os elementos de cada casal



Ao comparar-se a diferença de idades entre os sexos, verifica-se que não ocorre uma diferença muito acentuada (diferença máxima de 7 anos), apresentando os indivíduos idades bastante próximas entre si, embora globalmente

os homens sejam relativamente mais velhos que as mulheres (em média, cerca de 2-3 anos). No entanto, e ao contrário do que se esperaria, pois as mulheres preferem homens mais velhos do que elas (ou vice-versa), verifica-se que exactamente 1/3 dos casais da amostra o elemento feminino aparece como o elemento com mais anos de idade (e.g no casal 8, a diferença de idades é de 6 anos).

d) Em relação ao *nível de escolaridade*, determinou-se *a priori* que pelo menos um dos membros do casal teria que apresentar um nível de escolaridade superior (licenciatura ou outro grau superior), por se pensar que este tipo de inquérito seria melhor aceite e compreendido por indivíduos com uma determinada formação educacional e abertura de espírito.



Devido ao fenómeno relativamente recente da nossa sociedade de ser o sexo feminino o predominante nas universidades - quase 60% da população actual do ensino superior são mulheres, em contraste com os 29% existente em 1960,

apresentando igualmente uma maior taxa de sucesso (Barreto & Valadas Preto, 1996) - a amostra demonstra igualmente um número superior de mulheres licenciadas, assim como um número superior de mulheres com o grau de mestre, o que poderá servir como referência desta tendência social. Actualmente as mulheres representam quase metade da população activa (quando há cerca de três décadas atrás representavam apenas cerca de 15%), tendo acesso legal a profissões que anteriormente lhes estavam vedadas, como a magistratura, forças armadas, etc. (Barreto & Valadas Preto, 1996). Talvez pelo facto de ainda sentirem uma determinada discriminação a nível laboral, se empenhem mais e revelem maior sucesso na sua formação pessoal.

e) A homogeneidade do nível de escolaridade acabaria por condicionar o tipo de *profissões* que os inquiridos pudessem apresentar, com excepção daqueles que não eram empregados, ou por ainda serem estudantes finalistas (7 indivíduos, sendo 5 do sexo feminino) ou por serem domésticas (1) ou bolseiros (1).

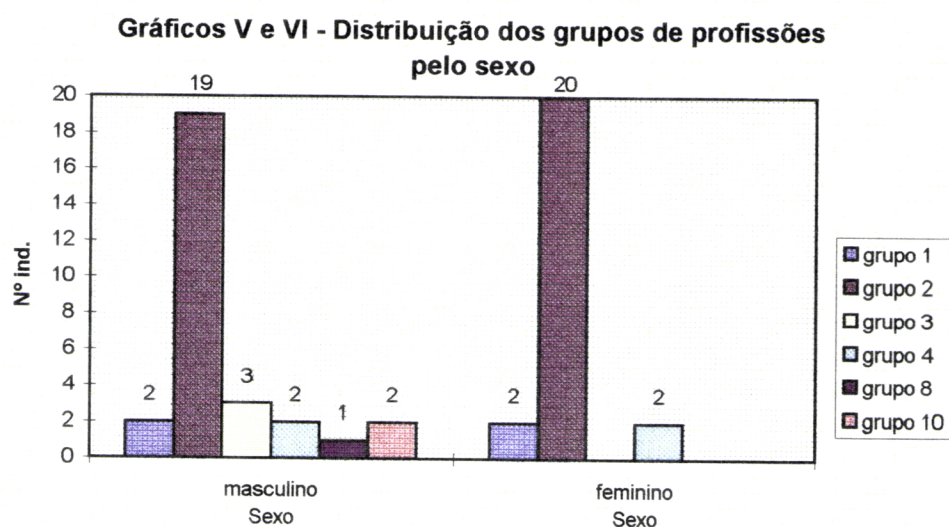
As profissões encontram-se agrupadas segundo a Classificação Internacional Tipo Profissões (C.I.T.P./88) adoptada pela Organização Internacional do Trabalho, actualmente em vigor (versão portuguesa, em anexo).

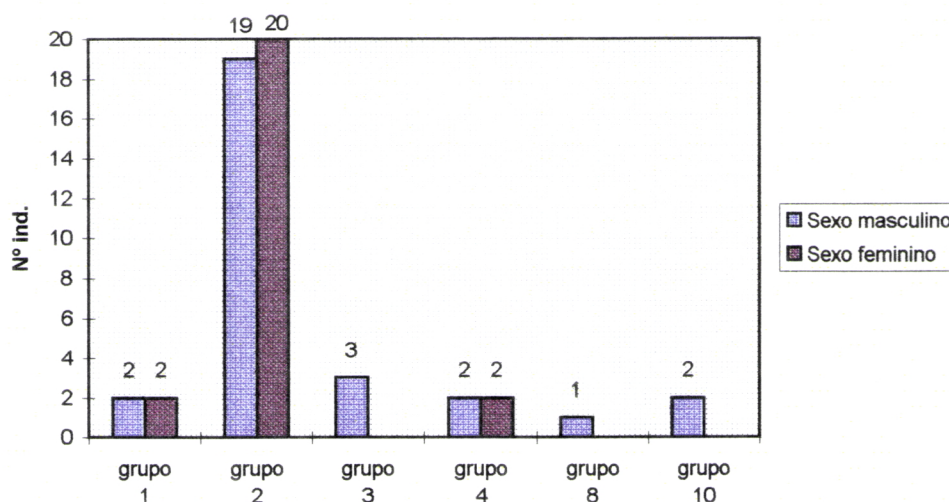
Grupos representados na amostra:¹

- Grupo 1 - Membros dos corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública, directores e quadros dirigentes de empresas.
- Grupo 2 - Profissões intelectuais e científicas.
- Grupo 3 - Profissões técnicas intermédias.

¹ Os grupos entre parêntesis não se encontram representados na amostra, sendo apenas descritos para melhor globalização dos grupos profissionais actualmente caracterizados.

- Grupo 4 - Empregados administrativos.
- (Grupo 5 - Trabalhadores dos serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores similares).
- (Grupo 6 - Trabalhadores da agricultura e da pesca).
- (Grupo 7 - Trabalhadores da produção industrial e artesãos).
- Grupo 8 - Operadores de instalações industriais e máquinas fixas, condutores e montadores.
- (Grupo 9 - Trabalhadores não qualificados da agricultura, indústria, comércio e serviço).
- Grupo 10 - Forças Armadas.





O grupo mais representado foi o *grupo 2* (profissões intelectuais e científicas), principalmente por incluir uma elevada percentagem de docentes (tanto de ensino superior, como de ensino básico e secundário, estes últimos em maior número), e que se deve ao facto de o meio escolar se ter apresentado como o mais acessível à investigadora e também, por si só, se prestar a este tipo de estudos e de metodologia (Newell, 1993).

1.2- O Inquérito

Devido ao carácter deste estudo, optou-se por um inquérito que fosse objectivo e com o mínimo de ambiguidade possível e que simultaneamente não causasse muita susceptibilidade aos inquiridos. Deste modo, achou-se que o mais correcto seria a inclusão de perguntas fechadas e perguntas abertas num total de 28, distribuídas por 7 páginas e com a devida nota introdutória, apresentando-se como um estudo sobre a formação dos casais no âmbito de um curso universitário (de mestrado em Ecologia Humana), relativamente ao qual se pedia a participação dos indivíduos (em anexo).

As perguntas fechadas apresentam uma série de vantagens, sendo talvez a principal, o facto de fornecer um leque de respostas já predefinidas, facilitando deste modo o processo de preenchimento e aumentando a vontade de colaboração por parte dos inquiridos. Este tipo de respostas automaticamente são muito mais rápida, são apenas de carácter optativo e não requerem fornecimento de informação adicional, o que por si só já representa um “apelativo” para a participação dos indivíduos. Neste caso, apareceram alguns inquiridos que apenas apresentavam respostas às perguntas que eram fechadas.

A maioria das perguntas fechadas do inquérito, para além das representativas de agrupamentos numéricos (questões nº1 e 2) e das escalonadas (questão nº 6, na qual se pretende uma avaliação de algumas características que podem ser importantes na escolha), resume-se a três hipóteses de resposta (concordo/discordo/é indiferente) ou a duas hipóteses (sim/não), respectivamente, naquelas que se pergunta «concorda que...?» ou «esse factor foi decisivo...?».

No entanto, visto que se trata de um inquérito que aborda um tema com uma determinada complexidade, em que os assuntos à partida não poderão ser abordados de uma forma demasiado simplista, apenas com respostas do tipo (sim/não), optou-se pela inclusão de algumas respostas do tipo aberto, que permitissem uma maior “abertura” às possíveis respostas dos inquiridos, e que fornecessem uma sensação de maior liberdade de expressão. Portanto, como complemento às hipóteses de resposta (concordo/discordo/é indiferente), pergunta-se ainda «de que forma?», de modo a se poder aprofundar, ou mesmo compreender, um pouco mais sobre as opiniões dos inquiridos, uma vez que nunca tinham sido anteriormente confrontados por este tipo de abordagem.

Como questão final, e como consequência de todo o inquérito, pretende-se que os inquiridos dêem a sua própria definição de amor (mesmo sabendo das possíveis dificuldades e renitências em responder), já que se trata do sentimento que poderá estar na essência das suas escolhas e porque ao perguntar-se o significado do amor, as respostas não são só limitadas pelo lado pessoal de cada

indivíduo ou pelas suas experiências de infância. Elas incluirão igualmente as estruturas sociais que condicionam as vivências, tais como o trabalho ou as condições de vida, os ideais familiares, os papéis desempenhados por cada um dos sexos e os valores que orientam e organizam as necessidades e desejos de cada indivíduo (Beck & Beck-Gernsheim, 1995).

A recolha dos dados decorreu ao longo do mês de Junho e a abordagem aos inquiridos ocorreu principalmente nos próprios locais de trabalho ou em alguns locais de lazer, como ginásios, cafés ou esplanadas.

Como na maioria dos casos se tornava muito difícil encontrar-se em simultâneo os dois membros do casal, muitas vezes devido a questões estritamente de teor prático, como horários desfasados, optou-se pela estratégia de se entregar os respectivos inquéritos do casal a apenas um dos membros, sempre com a recomendação *que preferencialmente, deveriam ser respondidos separadamente*, de modo a não se perder parte da genuinidade e da espontaneidade das respostas, visto algumas envolverem sentimentos mais íntimos.

As respostas foram sendo recolhidas pessoalmente, junto a um dos membros, sensivelmente 4-5 dias após a sua entrega. Perguntava-se sempre quais tinham sido as impressões e as reacções pessoais e do casal perante as questões propostas e o respectivo grau de dificuldade em responder a essas mesmas questões.

1.3- Emoções ou Razões?

«“*Why did you marry the man you did?*” a daughter asks her mother in Michael Cunningham’s novel *A Home at the End of the World*. Her mother waved the question away as if were a sluggish but persistent fly. “*We didn’t ask such big questions then*” she said» (in Beck & Beck-Gernsheim, 1995).

Moser e Kalton (1971) argumentam que um dos principais factores de um estudo baseado em inquéritos ou entrevistas é precisamente a *habilidade* e a *vontade* que os potenciais inquiridos poderão apresentar face às perguntas solicitadas. Este factor implica que os inquiridos apresentem os conhecimentos necessários sobre aquilo que lhes é solicitado, que as próprias perguntas lhes sejam minimamente relevantes e que *principalmente, tenham vontade em responder* e fornecer informações (in Newell, 1993).

Em relação aos inquiridos, a primeira reacção traduzia-se quase sempre em surpresa, principalmente pelo tema abordado. Após o seu desaparecimento, instalava-se geralmente um certo clima de desconfiança que teria de ser ultrapassado com determinadas explicações sobre o teor do estudo e seu carácter científico.

Depois ocorriam as mais diversas manifestações: «*Olhe que engraçado, nunca ninguém me tinha perguntado isto*»; «*Quantos parceiros é que tive? Mas isso interessa a alguém?*»; «*Mas isto é um tema bem interessante, faz pensar um pouco em coisas que estão armazenadas cá dentro*»; «*Não me importo nada em responder, não tenho nada a esconder do meu marido*»; «*Não vou responder porque teria de mentir e isso não seria correcto*»; «*Perdi o inquérito, tenho a casa em arrumações; não, não vale a pena entregar-me outro*»; «*Mas isto é divertido, é bem melhor do que aqueles inquéritos de rua*»; «*O amor não se define*», etc.

1.4- E Como se Tratam Essas Emoções ou Razões?

Após a recolha dos inquéritos procedeu-se ao seu tratamento, iniciando-se pela *organização* da informação e conseqüente *codificação* dos dados.

O processo de codificação revela-se um passo indispensável, pois independentemente da natureza quantitativa ou qualitativa dos dados, para se poder proceder a uma análise correcta, toda a informação terá que estar categorizada, mesmo a resultante de questões abertas (optativamente), de modo a se obter como produto final uma *matriz* pronta a ser utilizada pelo programa de computador escolhido (Fielding, 1993).

A cada *variável* (sexo, idade, situação conjugal, etc.) de cada *caso* (indivíduo) foi sendo atribuído um *valor*. A variável mais importante neste estudo é o *sexo*, uma vez que se pretende cruzar as respostas de ambos os elementos do casal. Ao sexo masculino atribuiu-se o valor 1 e ao sexo feminino, o valor 2 (ver anexos).

De um mesmo modo, a cada hipótese de resposta também se atribuiu um determinado valor (*e.g.* concordo- 1; discordo- 2; é indiferente- 3, ver anexos).

Às questões fechadas não respondidas (“missing values”), atribuiu-se o valor 9, (valor convencional para colunas simples de variáveis) (Fielding, 1993).

Relativamente às questões abertas, optou-se neste estudo apenas por uma análise posterior e complementar de carácter qualitativo, não sendo portanto codificadas, nem entrando na matriz final.

Após a codificação das variáveis e consequente criação da matriz, aplicou-se o SPSS/PC (“Statiscal Package for the Social Sciences”), programa estatístico, que como o nome indica, é largamente utilizado no âmbito das ciências sociais, tendo-se determinado inicialmente a distribuição marginal das frequências (“marginal frequency distribution”) procedendo-se posteriormente ao cruzamento das variáveis (Procter, 1993).

Neste estudo, a variável (independente, explicativa) que se cruza com as restantes (dependentes) é a variável *sexo*, uma vez que o estudo se fundamenta na análise das diferenças de género no processo de escolha do parceiro (ver anexos).

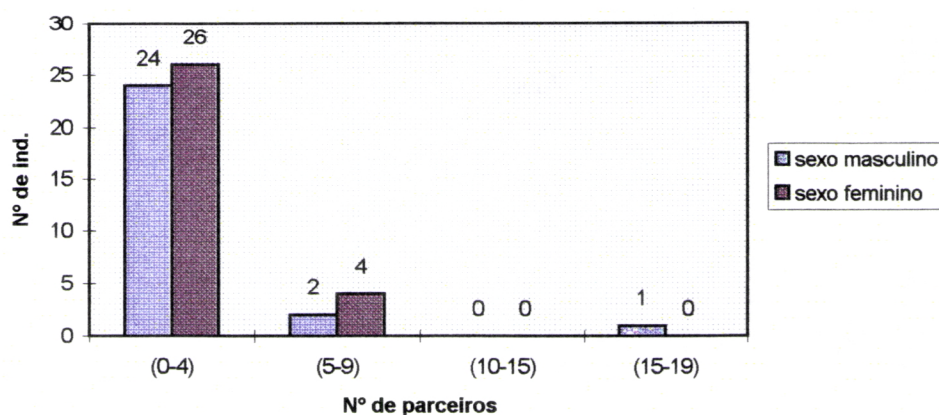
2. RESULTADOS E SUAS DIMENSÕES - A ANÁLISE DO INQUÉRITO

«*Qui se ressemble s'assemble?*» (in Kaufmann, 1993)

Considerando o tipo de inquérito e respeitando a sua estrutura, procedeu-se à apresentação dos resultados (sob a forma gráfica) e consequente análise questão a questão.

1. Número de parceiros amorosos anteriores

Gráfico VII - Distribuição do nº de parceiros pelo sexo



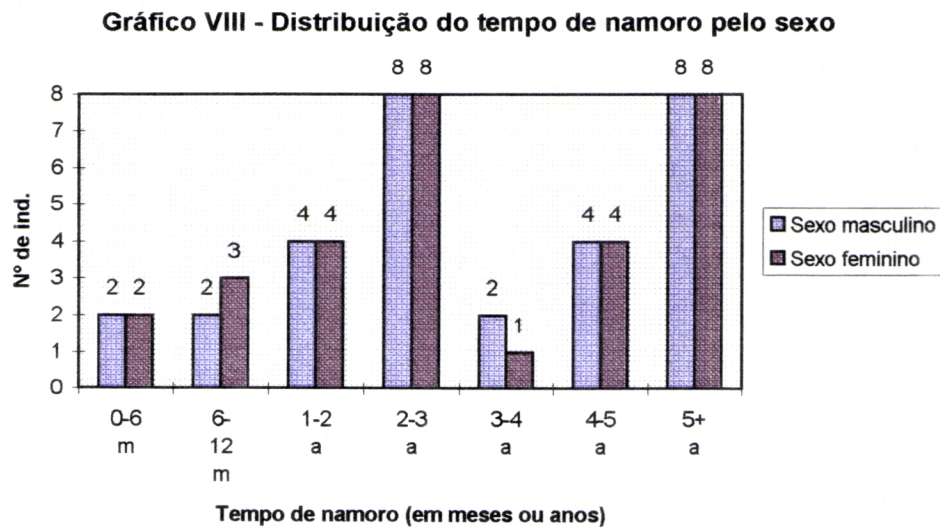
Sendo esta questão a primeira do inquérito, logo suscitou reacções de desconfiança ou mesmo de embaraço. Alguns dos inquiridos acharam que tal questão não seria relevante para o objectivo do trabalho ou que era demasiado íntima para ser feita. Mesmo entre aqueles que aceitaram responder, ocorreram três recusas (“missing values”=3), todas elas referentes a indivíduos do sexo

masculino. Aliás, foram os homens que mais reservas apresentaram em colaborar neste estudo.

Provavelmente devido à idade relativamente jovem dos inquiridos, a maioria afirmou ter tido um reduzido número de parceiros, ocorrendo apenas um caso de um inquiridos do sexo masculino (34 anos, solteiro) ter respondido que o seu número de parceiros anteriores se situava no intervalo 15-19.

Ainda de referir que esta questão por ser das que mais susceptibilidades causou e ainda pelo facto de um dos elementos dos casal poder não se ter sentido suficientemente à vontade ou apresentar algumas reservas em relação ao outro, especulativamente, algumas respostas *poderão* ter sido adulteradas.

2. Tempo de namoro



Neste caso não ocorreu nenhum “missing value”, o que poderá demonstrar que os indivíduos não se importaram de responder a esta questão, talvez por já se referir ao seu actual companheiro.

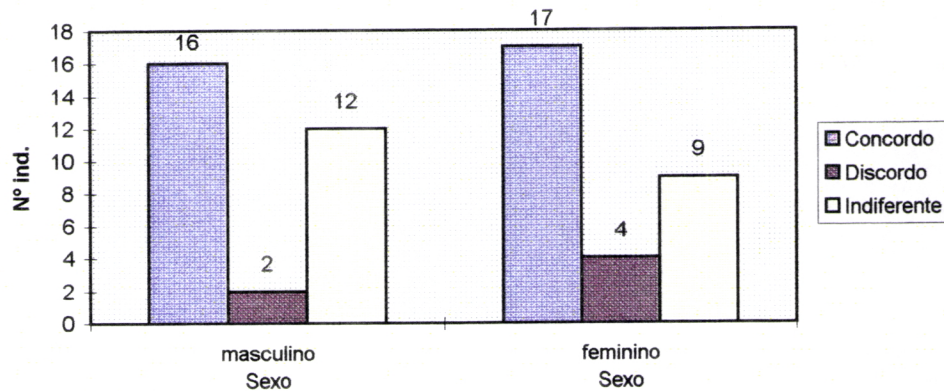
Trata-se de um *resultado forte*, pois ocorre uma concordância entre o que seria expectável e a realidade (da amostra), e que se traduz numa bimodalidade, com um primeiro pico nos 2-3 anos de namoro e depois com um segundo nos + de 5 anos.

De facto o que seria interessante investigar futuramente, seria a existência (ou não) de alguma correlação entre o tempo de namoro e a idade de início da relação, porque se a idade de início for baixa, provavelmente o tempo de namoro deverá ser mais longo por causa da influência dos factores profissionais, económicos ou mesmo temporais e também da disponibilidade para a manutenção de uma relação conjugal. Por outro lado, relações iniciadas com uma idade mais elevada, poderão conduzir a namoros mais curtos, precisamente pelo facto de as pessoas já terem as suas vidas “estabilizadas”.

Convém ainda salientar que os dois casais que referiram que o seu tempo de namoro era apenas de 0-6 meses foram os casais mais jovens da amostra, tendo comentado posteriormente em conversa, que sentiam a necessidade de mais tempo para se conhecerem um pouco melhor e também para reunirem as condições necessárias para uma futura união.

3. Relação sucesso/tempo de namoro

Gráfico IX - Distribuição da relação sucesso/tempo de namoro pelo sexo



A maioria dos inquiridos concorda que existe uma relação entre o sucesso de uma relação e o tempo de namoro com o parceiro, afirmando que o tempo é um factor de muita importância que serve para aprofundar o conhecimento mútuo e para solidificar os laços já estabelecidos. Aqueles que discordam apenas referem que o tempo de namoro poderá influenciar o sucesso, mas que não há nenhuma relação directa entre os dois factores

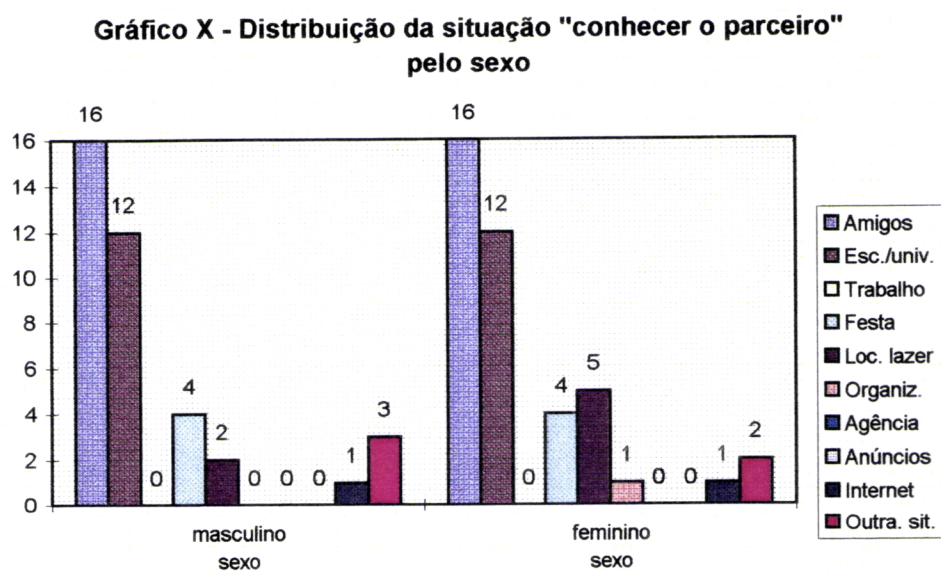
O que talvez não se esperaria é o número de inquiridos que acham que o tempo de namoro não influencia o sucesso da relação, sendo os indivíduos do sexo masculino os que mais emitem esta opinião.

Como afirma uma das inquiridas, casada, 31 anos, professora e que namorou mais de 5 anos com o seu marido :«*um namoro não deve ser muito breve, de modo a que as pessoas não se possam conhecer, nem muito longo, de modo a não se prolongar uma situação que deve evoluir para outra situação de vida conjunta, com outros interesses comuns e outros objectivos*».

Ou ainda como afirma um engenheiro electrotécnico, casado 29 anos , que namorou entre 1-2 anos com a sua mulher, e que discorda da relação

sucesso/tempo de namoro: «por mais tempo que se namore, nunca se conhece totalmente o parceiro, conhecimento que só se vem a revelar com o quotidiano da vida a dois».

4. Situação de conhecimento do parceiro/a

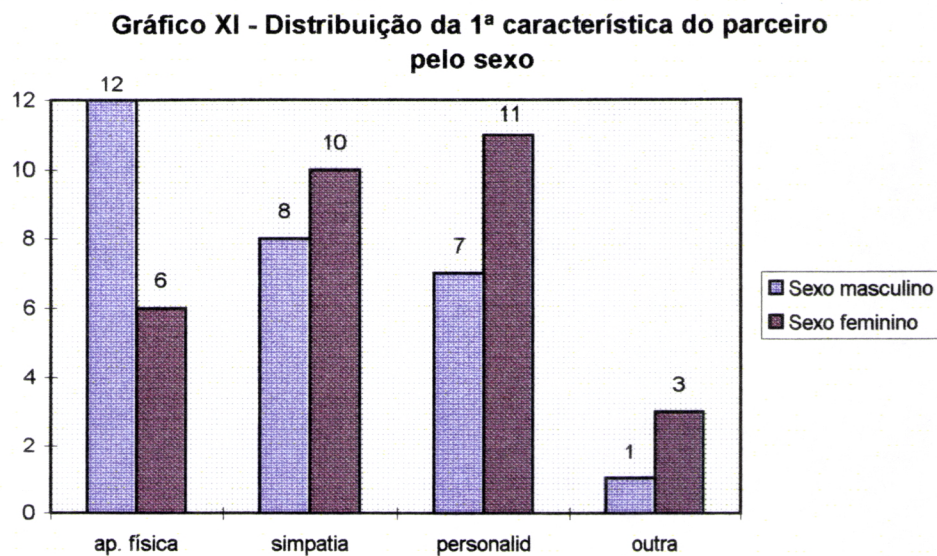


Observando-se o gráfico que revela a situação como os parceiros se conheceram, destaca-se que são os amigos e o local de estudo (escola ou universidade) que mais propiciam o encontro entre futuros parceiros, o que confirma que é a *sociabilidade*, seja privada ou pública (através dos amigos ou em festas, particulares ou não) e o *nível sociocultural* (repare-se na importância da escola como local de conhecimento) que continuam a ter muita importância na formação dos pares amorosos, o que acabará por se traduzir em ligações homogâmicas.

É ainda de referir, consequência da evolução tecnológica dos nossos tempos, o facto de existir nesta amostra um casal que se conheceu via internet, e que mesmo depois de se terem conhecido pessoalmente, continuam a utilizar

frequentemente este meio de comunicação na sua relação, o que poderá funcionar como um indicador que daqui a uns tempos, a tendência será para que as barreiras geográficas deixem de ser tão impeditivas, pelo menos para o estabelecimento de relações amorosas .

5. Primeira característica do parceiro/a



Como se esperaria e de acordo com a teoria, ocorre uma forte diferenciação sexual em relação à escolha da primeira característica que mais se revelou ser importante nos primeiros encontros.

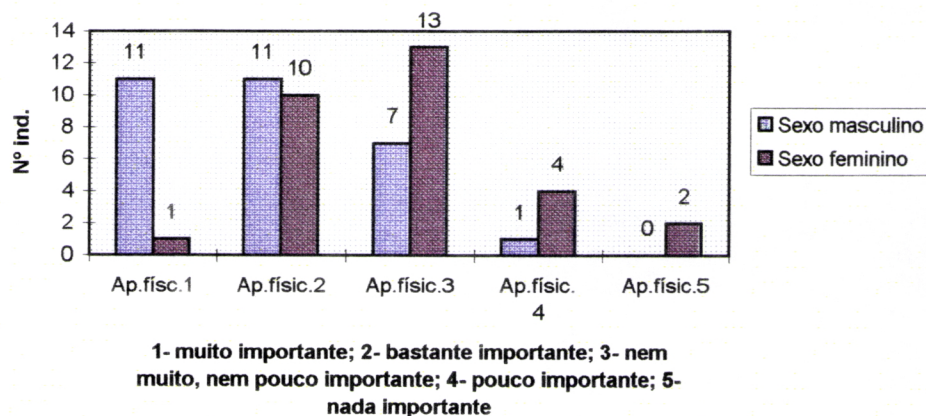
Deste modo, os indivíduos do sexo masculino tendencialmente optaram pela aparência física (o dobro em relação ao sexo feminino), o que demonstra que para os homens a aparência física continua a ser das características mais importantes nos contactos amorosos, contrariamente às mulheres que optam por características mais “íntimas” como a personalidade e simpatia (21 das inquiridas escolheram estas características, comparativamente aos 15 dos inquiridos que também as escolheram). Aliás, a chamada “afinidade espontânea” que se traduz exactamente

por essas características, funciona inconscientemente como uma garantia de homogamia ao aproximar indivíduos com hábitos e gostos semelhantes e conseqüentemente de condições sociais igualmente semelhantes.

6. Escala para algumas características do parceiro/a

a) Aparência física

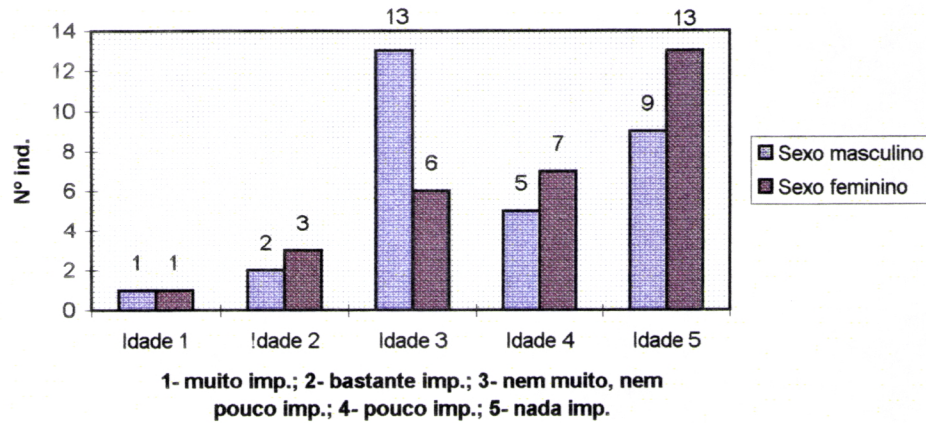
Gráfico XII - Distribuição da escala "aparência física" pelo sexo



Esta distribuição através da utilização de uma escala vem reforçar o que já anteriormente foi referido. Torna-se notório a importância que o sexo masculino atribui à aparência física da sua parceira (apenas uma das inquiridas refere esta característica como a mais importante), contrariamente ao sexo feminino, que maioritariamente refere como uma característica nem muito, nem pouco importante (aparecendo mesmo duas inquiridas que não lhe atribuem importância alguma).

b) Idade

Gráfico XIII - Distribuição da escala "idade" pelo sexo

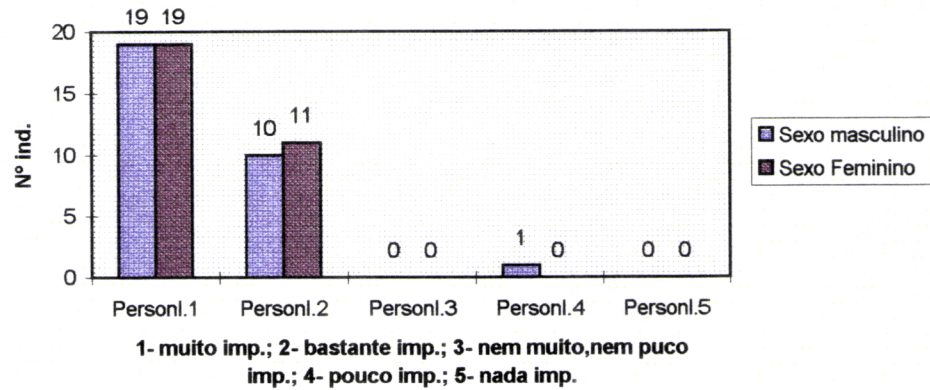


Contrariamente ao que se esperaria, a idade não aparece como um factor de muita importância para os inquiridos, contrariando a já referida teoria de que os homens preferem mulheres mais novas do que eles e as mulheres, homens mais velhos (destaca-se mais uma vez que nesta amostra aparece mais do que um casal em que o elemento feminino é mais velho que o elemento masculino).

Uma possível explicação para este facto é que como a relação já se tinha estabelecido, já existia, fundamentada provavelmente em muitas outras características, provavelmente não iria ser a idade do parceiro que iria funcionar como a característica decisiva na escolha final.

c) Personalidade

Gráfico XIV - Distribuição da escala "personalidade" pelo sexo

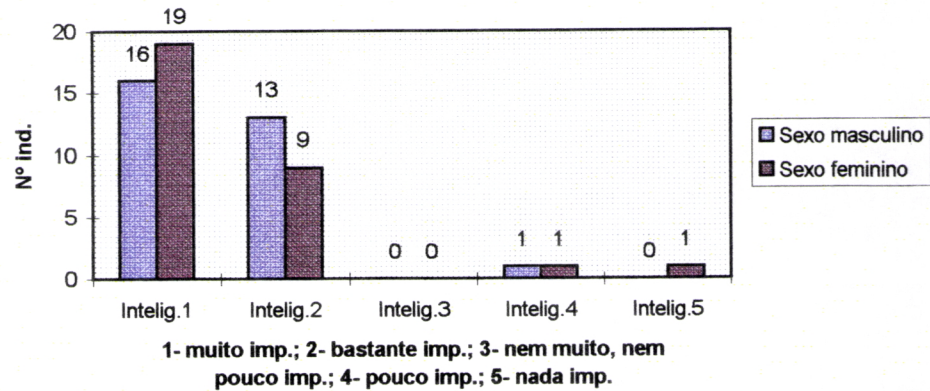


Neste caso não ocorre diferenciação sexual a nível de escolha da personalidade como característica muito importante na escolha do parceiro (aliás, só um elemento do sexo feminino lhe atribui pouca importância)

Seria interessante em analisar-se posteriormente, numa abordagem diferenciada, qual (ou quais) os parâmetros de personalidade que teriam maior importância na escolha do parceiro, como o poder de decisão, de determinação, a bondade, ternura, dedicação, etc.

d) Inteligência

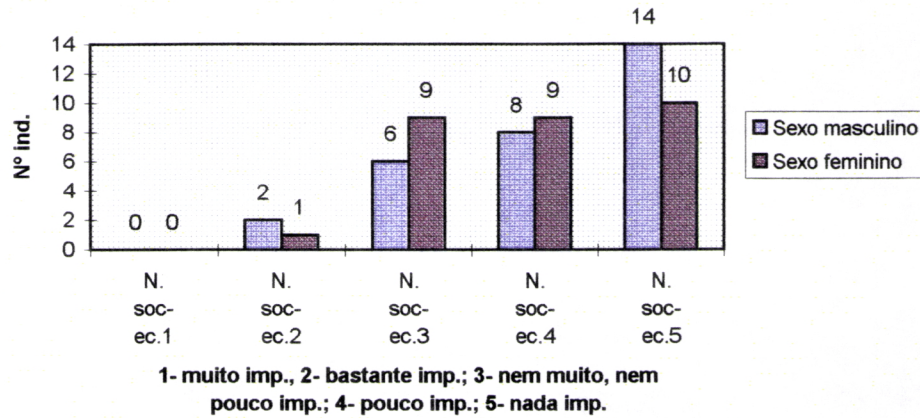
Gráfico XV - Distribuição da escala "inteligência" pelo sexo



Muito semelhante ao caso anterior, a característica inteligência surge como uma das características com mais importância para os inquiridos, só que neste caso a não diferenciação sexual não se revela tão acentuada (surgindo mais mulheres do que homens a atribuírem muita importância, o que confirma a sua tendência para a escolha de características mais “intrínsecas” ao próprio indivíduo), aparecendo ainda um caso isolado de uma inquirida a responder que para ela a inteligência do parceiro não lhe é nada importante.

e) Nível socioeconómico

Gráfico XVI - Distribuição da escala "nível socioeconómico" pelo sexo



Ao considerar-se esta característica, seria expectável que lhe fosse atribuída uma maior importância, principalmente por parte do sexo feminino. Mas, devido ao carácter metodológico do inquérito, ao provocar muito provavelmente um confronto presumível de respostas entre os elementos do casal, poderá levantar-se a questão de que poderá ter ocorrido uma ocultação de informação real.

Tendo sido a abordagem do nível socioeconómico, conjuntamente com a questão do número de parceiros, as partes do inquérito que mais reacções negativas provocaram e maior contestação levantaram, tais factos poderão legitimamente conduzir à emissão de semelhante especulação. De qualquer modo, o possível “melindre” que a abordagem do nível socioeconómico poderá suscitar será diferente daquele que possivelmente surgirá pela questão do número de parceiros amorosos. Hipoteticamente, para determinado casal a questão do número de parceiros poderá não levantar qualquer problema, se cada um conhecer o passado do outro, mas se entre eles existir alguma diferença socioeconómica, tal facto tornar-se-á muito mais difícil de ser admitido, principalmente para aquele que pertencer ao nível inferior, uma vez que se está a pedir que afirme se essa característica terá sido (ou não) importante para a sua escolha.

Como neste caso o expectável não se verificou, descreve-se um pequeno diálogo real e recente entre uma filha de doze anos e o seu pai, que se julga ser por si só demonstrativo da teoria:

«Pai - Amanhã vem cá almoçar o Filipe.

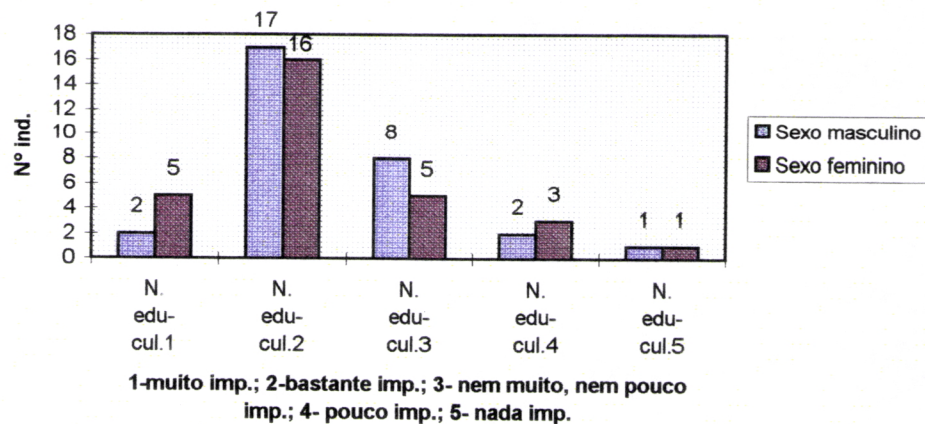
Filha - Quem é o Filipe?

Pai - É filho de um amigo meu.

Filha - E tem piscina?»

f) Nível educacional/ cultural

Gráfico XVII - Distribuição da escala "nível educacional-cultural" pelo sexo



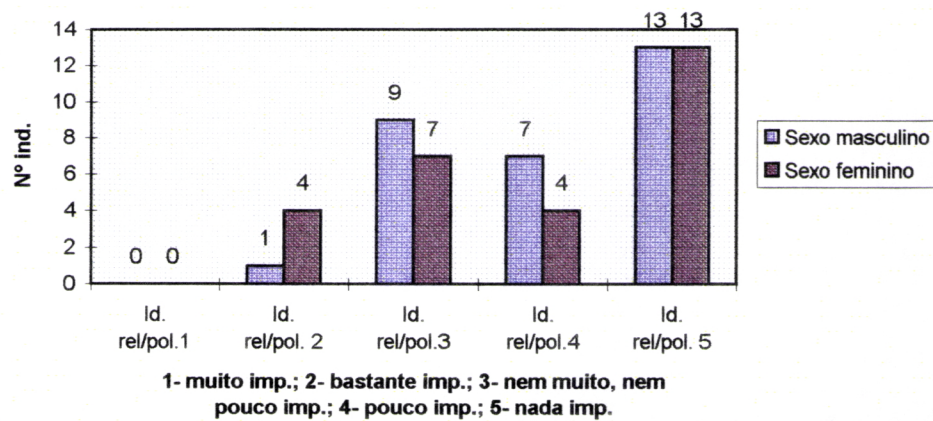
Neste caso confirma-se que o nível educacional e cultural é bastante importante para ambos os sexos, sendo muito importante principalmente para o sexo feminino (poderá ainda representar a questão de que um elevado nível educacional funcionará quase sempre como “garantia” de um bom casamento).

No entanto, e porque se procurou *a priori* que a amostra apresentasse uma determinada homogeneidade relativamente a este parâmetro, pensa-se que a

importância atribuída revela a expectativa que os indivíduos apresentam em possuírem com o seu parceiro uma comunicação “ao mesmo nível”, o que representa certamente uma base fundamental de qualquer relação.

g) Partilha do mesmo ideal religioso/político

Gráfico XVIII - Distribuição da escala "ideal religioso/político" pelo sexo

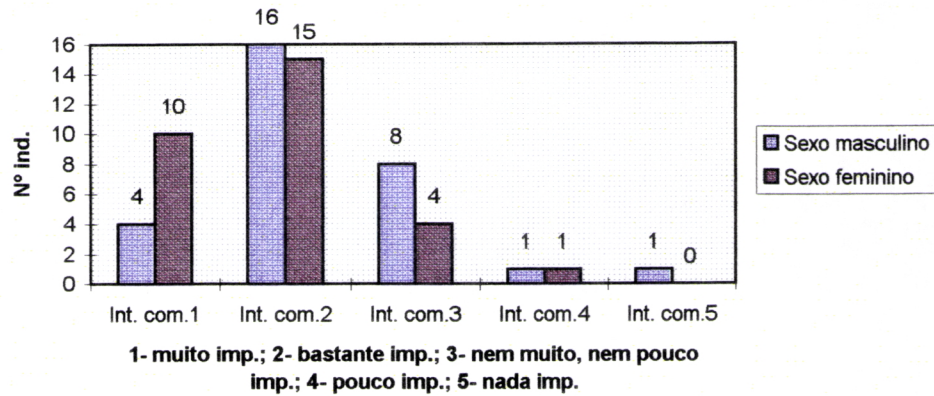


No mundo actual, e particularmente na nossa sociedade, embora encarada como uma sociedade bastante influenciada pela Igreja, a democratização política e religiosa parece indicar que este parâmetro, outrora tão relevante¹, apareça agora destituído de qualquer significado (a maioria dos inquiridos não lhe atribuiu qualquer importância).

¹ Veja-se o caso sempre clássico de Romeu e Julieta.

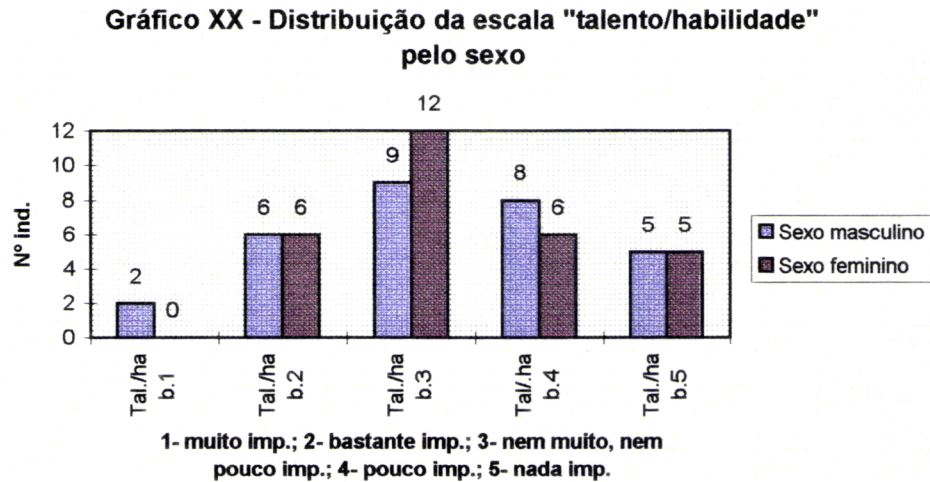
h) Partilha de outros interesses comuns

Gráfico XIX - Distribuição da escala "interesses comuns" pelo sexo



A maioria dos inquiridos atribuiu muita (neste caso mais as mulheres) ou bastante importância à partilha de interesses comuns. Poder-se-á considerar que esta importância reflita o conjunto de preferências subjacente à própria escolha e que traduza o “*nicho ecológico*” dos indivíduos, pois este na espécie humana poderá ser definido como o conjunto de hábitos e preferências que condicionam a vivência de cada um.

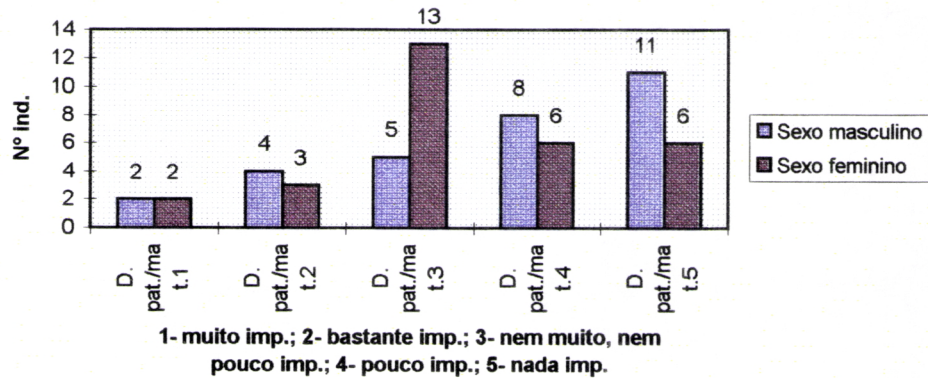
i) Determinado talento/habilidade



Neste caso não ocorre significativa diferenciação sexual, pois apenas dois indivíduos do sexo masculino atribuíram muita importância a um determinado talento ou habilidade das suas parceiras (provavelmente de carácter doméstico). A maioria não lhe atribui importância de maior, revelando-se como uma característica quase irrelevante para a escolha do parceiro.

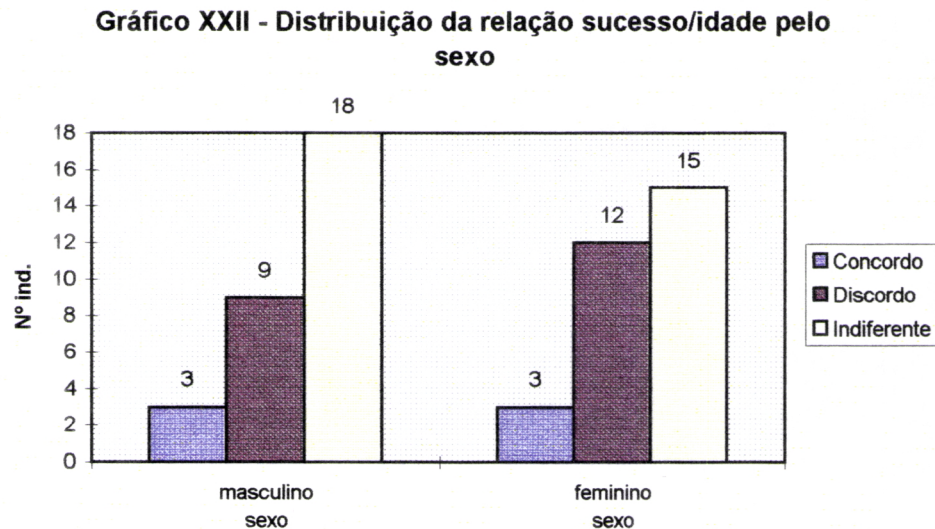
j) Desejo da paternidade/ maternidade

Gráfico XXI - Distribuição da escala "desejo da paternidade/maternidade" pelo sexo



Talvez a primeira conclusão (e única) que se pode retirar da análise deste gráfico é que a maioria dos indivíduos não inicia uma relação ou escolhe o seu parceiro com uma intenção prepositada de procriação, sendo portanto um desejo consequente e não determinístico da relação. No entanto, parece-nos um pouco estranho tal “indiferença” por esta característica, pois sabe-se que muitas vezes escolhas pela aparência física, juventude ou mesmo pelo nível socioeconómico reflectem uma vontade implícita de que os filhos possam herdar tais atributos físicos ou uma educação rodeada de bem-estar.

7/8. Relação sucesso/ idade dos parceiros

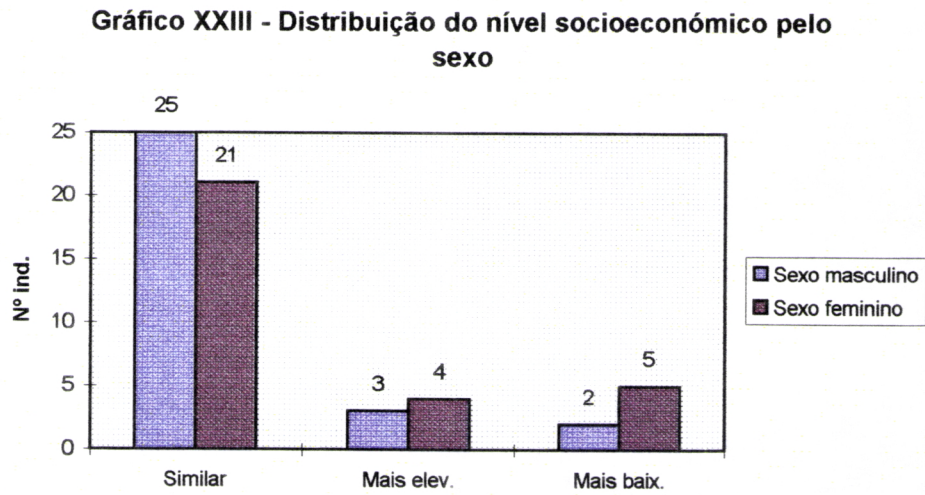


Como se confirma, para a maioria dos inquiridos a idade dos parceiros não representa um factor determinante para o sucesso de uma relação amorosa (o que está de acordo com o grau de importância anteriormente atribuído). Metade afirma que é indiferente e o restante afirma que discorda mesmo que exista alguma relação entre a idade e o sucesso.

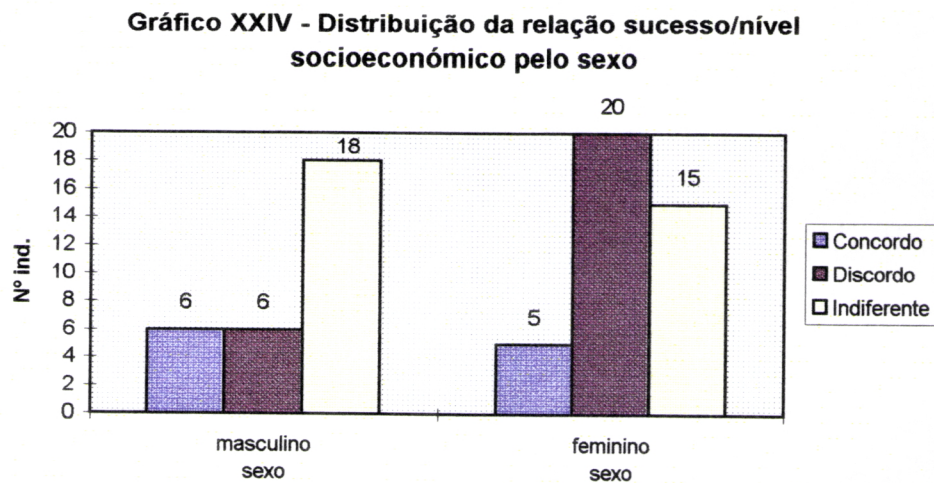
Como afirma uma das inquiridas, casada de 32 anos, técnica de estatística: *«não concordo que exista alguma relação entre a idade e o sucesso da relação porque a relação depende, entre outras coisas, do grau de maturidade adquirido e do “poder de encaixe” e não da idade real da pessoa».*

Ou então como afirma um dos inquiridos, casado de 34 anos, engenheiro electrotécnico, que concorda com a relação: *«parceiros com idades aproximadas compreendem melhor os problemas e preocupações do outro, para além de facilitar a partilha de gostos comuns».*

9. Similaridade do nível socioeconómico entre os parceiros



10. Relação sucesso/similaridade do nível socioeconómico



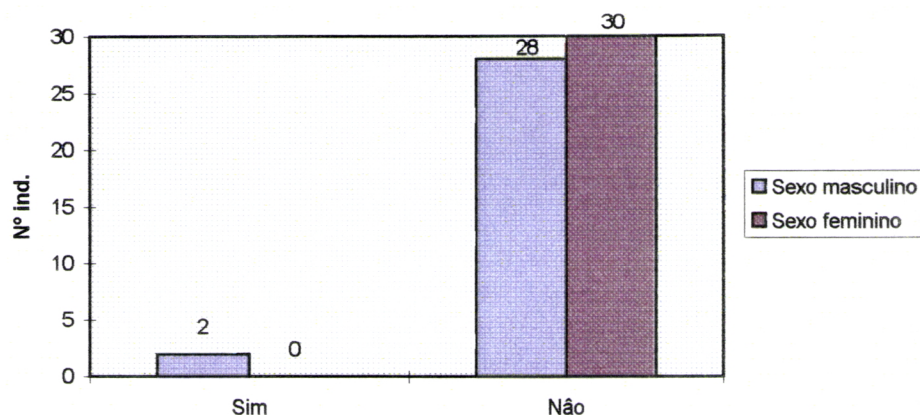
Quase todos os inquiridos responderam que o nível socioeconómico era similar ao do seu parceiro, o que poderá corresponder à realidade pelo facto da amostra ser de dimensões muito reduzidas e porque o nível educacional dos inquiridos poderá reflectir essa similaridade. No entanto, e como já foi referido

anteriormente, por ter sido das questões encaradas como das menos “apelativas” do inquérito e pela própria metodologia do estudo, os resultados poderão ter sido afectados.

O próprio gráfico XXIV relativo à relação sucesso/nível socioeconómico, demonstra que os resultados vão marcadamente contra a teoria sociobiológica geral, principalmente no que diz respeito ao sexo feminino, que neste caso foi o que mais discordou desta relação, embora algumas das inquiridas tivessem referido que a cooperação económica entre parceiros é muito importante numa relação a dois.

11. Nível socioeconómico como factor decisivo na escolha do parceiro

Gráfico XXV - Distribuição da escolha do nível socioeconómico pelo sexo

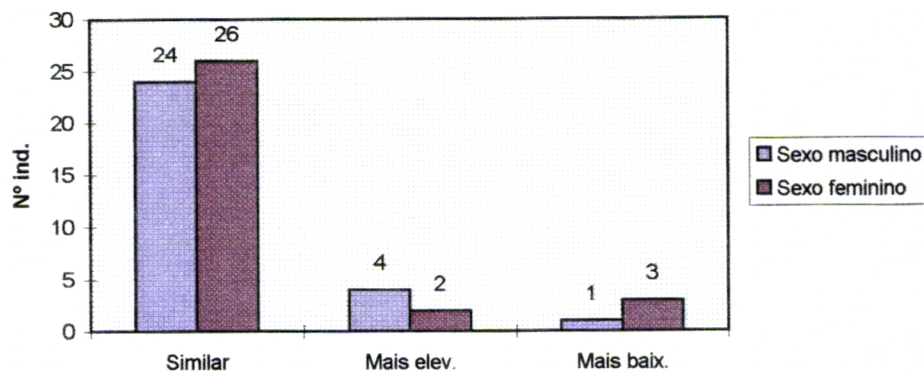


Neste caso, que confirma absolutamente o que se afirmou anteriormente, demonstra a grande dificuldade que os indivíduos apresentam em revelar determinadas diferenças entre eles. Ninguém gosta de admitir que o nível socioeconómico é o factor decisivo da sua escolha, porque tal facto não é bem aceite à vista dos outros, se bem que por outro lado, já quase ninguém acredita

“num amor e numa cabana”, porque muitos dos inquiridos referiram que se preocupam com a estabilidade económica, com o bem-estar material e com a sua qualidade de vida.

12. Similaridade do nível educacional/cultural

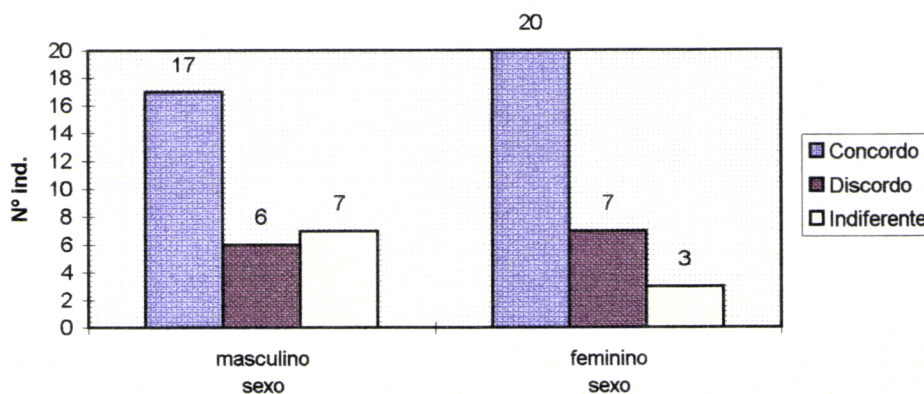
Gráfico XXVI - Distribuição do nível educacional/cultural pelo sexo



Agora, como se esperaria, quase todos afirmaram que o seu nível educacional/cultural era similar, ocorrendo algumas diferenças entre aqueles em que um dos membros do casal era licenciado e o outro não ou ainda como num casal, ele licenciado e ela doutorada, ele referiu que o seu nível educacional era menor e ela considerou que eram similares.

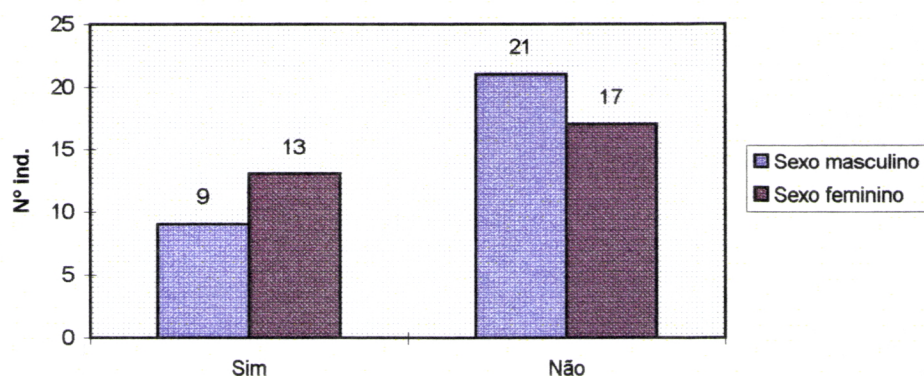
13. Relação sucesso/nível educacional/cultural

Gráfico XXVII - Distribuição da relação sucesso/nível educacional-cultural pelo sexo



14. Nível educacional/cultural como factor decisivo na escolha do parceiro

Gráfico XXVIII - Distribuição da escolha do nível educacional-cultural pelo sexo



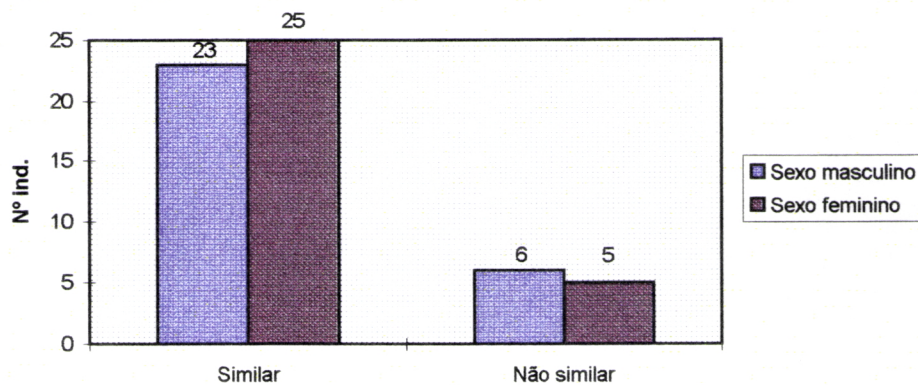
Ao comparar-se estes dois gráficos, verifica-se que existirá provavelmente uma contradição nas respostas dos inquiridos, pois a maioria já concorda que um nível educacional/cultural similar contribui para o sucesso de uma relação (ao

contrário do nível socioeconómico), mas depois continuam a responder que tal factor não foi decisivo para a sua escolha, sabendo-se que é precisamente este nível que favorece a mesma base de comunicação entre os indivíduos, assim como partilha de hábitos e interesses semelhantes.

No entanto, apenas poderá ter ocorrido uma oscilação dos resultados por defeito da metodologia utilizada, ao não permitir uma maior liberdade de expressão por parte dos inquiridos.

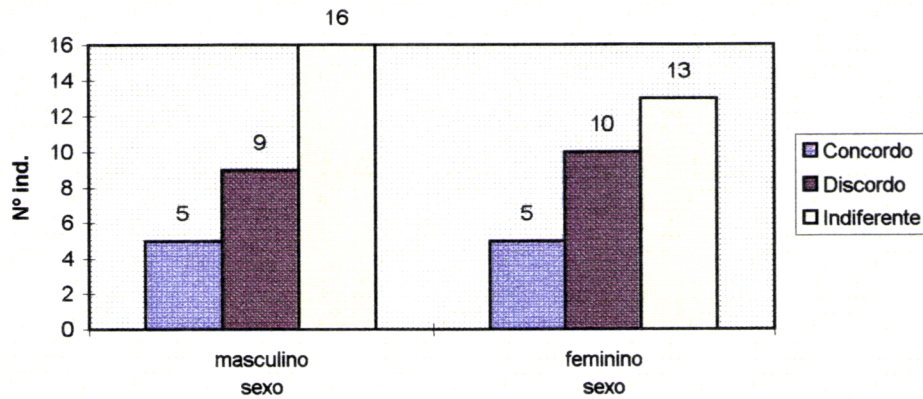
15. Partilha de um mesmo ideal religioso

Gráfico XXIX - Distribuição da partilha do ideal religioso pelo sexo



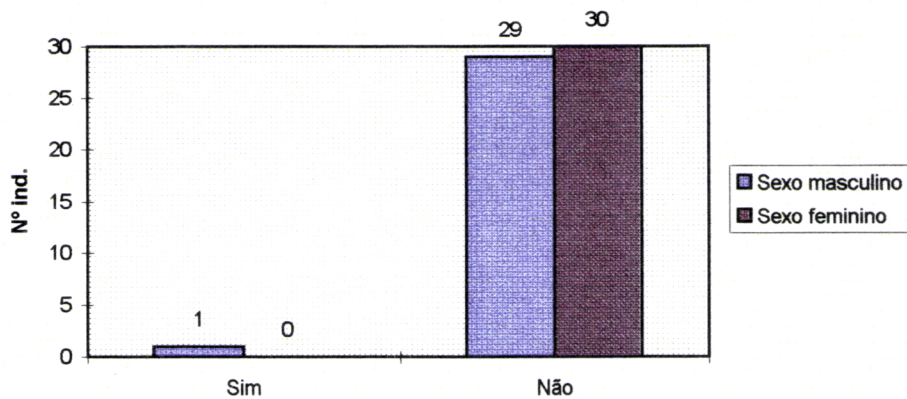
16. Relação sucesso/partilha de um mesmo ideal religioso

Gráfico XXX - Distribuição da relação sucesso/partilha do ideal religioso pelo sexo



17. Partilha de um mesmo ideal religioso como factor decisivo na escolha do parceiro

Gráfico XXXI - Distribuição da escolha do ideal religioso pelo sexo



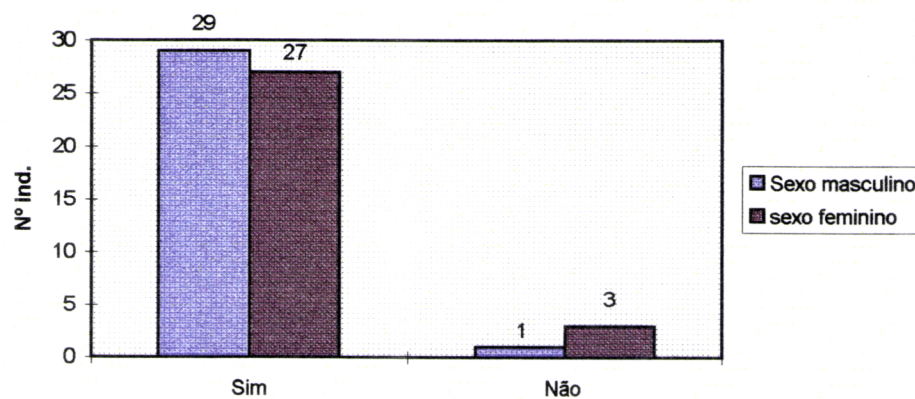
Analisando-se estes três gráficos em conjunto, poderá verificar-se que embora a maioria partilhe o mesmo ideal religioso (catolicismo), acham que esse factor não é determinante para o sucesso de uma relação, achando mesmo que é

completamente indiferente. Neste caso houve unanimidade nas respostas, pois com excepção de um indivíduo do sexo masculino, todos afirmaram que o ideal religioso não foi factor decisivo nas suas escolhas, o que está de acordo com as respostas anteriormente dadas quanto à sua importância, pois 26 dos inquiridos não lhe tinha atribuído nenhuma importância.

Tal facto poderá estar relacionado com o nível educacional/cultural dos inquiridos, que propicia uma maior tolerância e respeito por alguma diferença a este nível e que provavelmente por terem tido uma mesma aprendizagem de valores relacionados com a religião, acharão que isso não interferirá em absoluto com a sua vida amorosa.

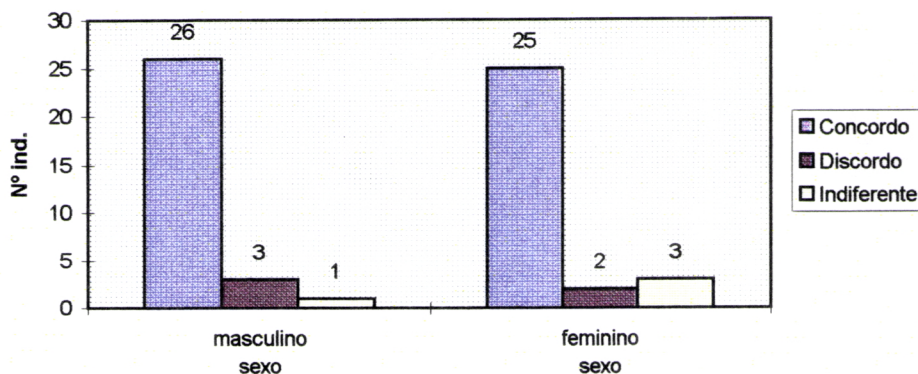
18. Partilha de interesses e ideais comuns

Gráfico XXXII - Distribuição da partilha de ideais/interesses comuns pelo sexo



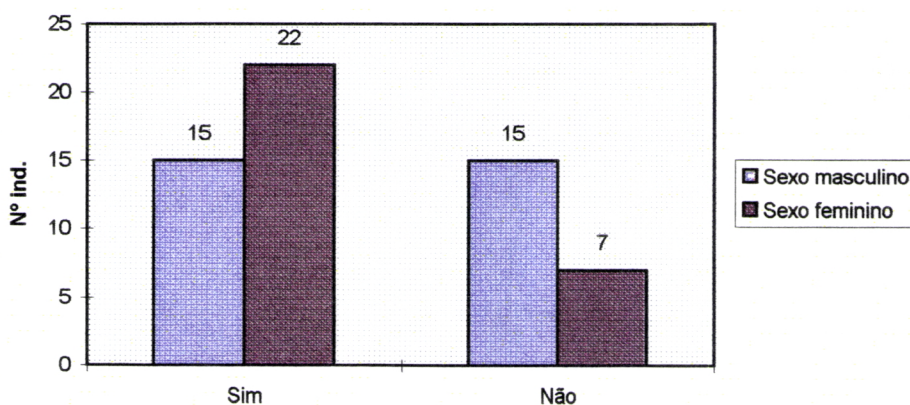
19. Relação sucesso/partilha de interesses e ideais comuns

Gráfico XXXIII - Distribuição da relação sucesso/partilha de ideais ou interesses comuns pelo sexo



20. Partilha de interesses e ideais comuns como factor decisivo na escolha do parceiro

Gráfico XXXIV - Distribuição da escolha da partilha de ideais/interesses comuns pelo sexo



Em relação aos interesses comuns, quase todos responderam que partilham interesses com os os seus parceiros e que essa partilha é importante para o sucesso de uma relação.

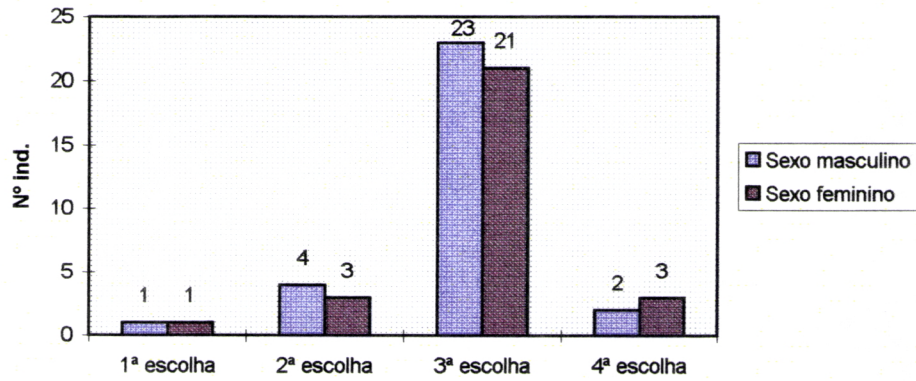
Entre os vários interesses nomeados, salientam-se alguns de carácter mais abrangente como a tranquilidade, o equilíbrio, a honestidade, a paz, a educação dos filhos. outros de carácter mais prático, como o próprio trabalho, actividades desportivas, culturais, viagens, natureza, animais, comida, música ou ainda outros de carácter mais materialista, como a independência económica, a casa, o sucesso ou mesmo o próprio carro.

Quando questionados se esses interesses teriam sido decisivos para as suas escolhas, a maioria dos elementos do sexo feminino respondeu que sim (22 contra 7), mas em relação ao sexo masculino, ocorreu uma perfeita divisão de respostas, pois 15 indivíduos responderam que sim e os outros 15 responderam que não, embora quase todos tenham concordado anteriormente que a partilha de interesses se encontrava relacionada com o sucesso de uma relação. Poder-se-á explicar este facto através da diferenciação sexual, pois as mulheres continuam a preferir a comunicação com o seu parceiro, enquanto que os homens continuam a achar que existem outras características mais determinantes para sua escolha, como os atributos físicos.

21. Preferências de alguns fins do casamento

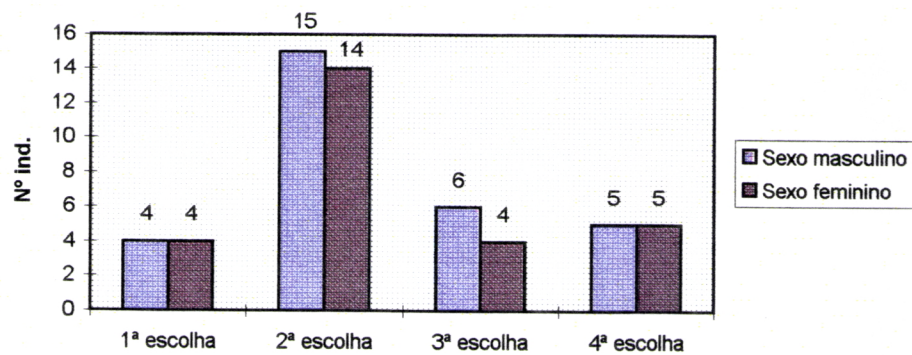
a) meio legítimo de satisfação das necessidades sexuais

Gráfico XXXV - Distribuição das escolhas da satisfação sexual como finalidade do casamento



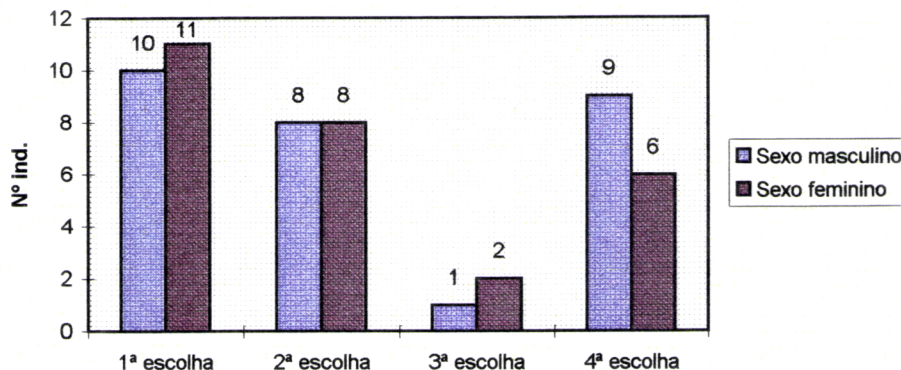
b) procriação e educação dos filhos

Gráfico XXXVI - Distribuição das escolhas da procriação/educação dos filhos como finalidade do casamento



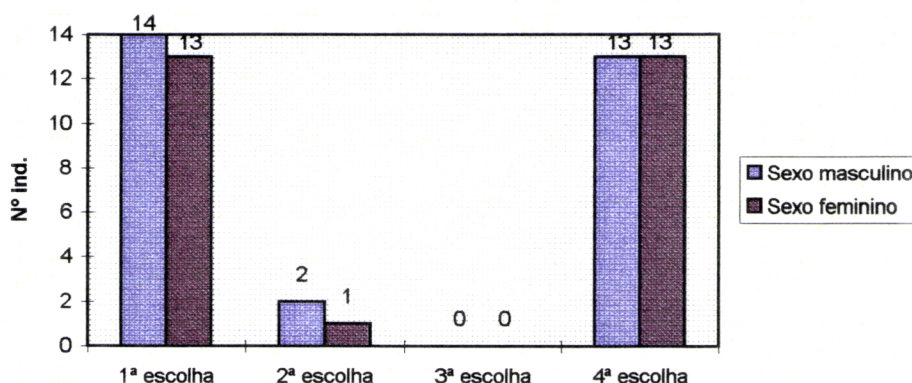
c) meio de realização afectiva/psicológica dos parceiros

Gráfico XXXVII - Distribuição das escolhas da realização afectiva/psicológica como finalidade do casamento



d) cooperação económica entre os parceiros

Gráfico XXXVIII - Distribuição das escolhas da cooperação económica como finalidade do casamento



Considerando estes gráficos em conjunto, que se referem a determinadas finalidades do casamento, poder-se-á retirar algumas conclusões sobre a forma de que como é que o casamento é actualmente encarado por uma geração relativamente jovem.

Relativamente ao primeiro gráfico, observa-se que o casamento já não representa um meio de satisfação das necessidades sexuais, pois as relações sexuais acontecem igualmente fora do casamento, iniciando-se normalmente durante o período da adolescência. Produto da evolução, na nossa sociedade provavelmente já quase ninguém associa a perda da virgindade ao casamento. Portanto, o facto de surgir como terceira escolha revela que a actividade sexual é encarada como algo pertencente ao casamento mas não representando uma finalidade concreta do mesmo, uma vez que os indivíduos não se sentem pressionados para terem relações sexuais só após se casarem (e a maioria já tinha tido parceiros anteriores).

O segundo gráfico revela alguma contradição de opiniões, em relação ao anteriormente referido quanto à importância atribuída sobre o desejo de procriação, pois embora esse desejo não tivesse sido uma característica importante na escolha do parceiro surge agora como segunda escolha do casamento, podendo-se concluir que só após a escolha do parceiro e o estabelecimento da relação é que aparece o desejo da maternidade/paternidade e que este, na maioria dos casos, se encontra associado a uma legalização da situação conjugal.

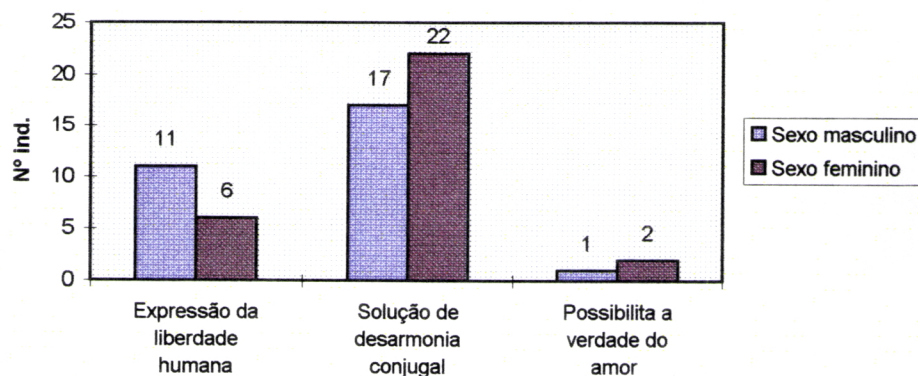
Quanto ao terceiro gráfico, este demonstra bem quanto à principal finalidade do casamento para a maioria dos inquiridos, ao considerá-lo como o meio de realização afectiva entre os parceiros. É no entanto de realçar, que em relação à escolha desta finalidade ocorre uma ligeira diferenciação sexual, pois embora como primeira escolha não exista uma diferença significativa (10 homens e 11 mulheres), o facto de surgirem mais homens do que mulheres a acharem que é apenas a quarta opção de casamento, poderá significar que para estes indivíduos e principalmente para os homens, a realização amorosa não passará forçosamente pela legalização de uma relação.

O quarto gráfico revela-se bastante importante e simultaneamente estranho ao apresentar uma divisão de opiniões tão notória. Para quase metade dos inquiridos, *afinal* a cooperação económica (o factor económico) surge como principal

finalidade do casamento (depois de terem afirmado que o nível socioeconómico do parceiro não tinha sido importante e muito menos decisivo nas suas escolhas) e para a outra metade, a cooperação económica será a finalidade menos importante, sendo muito provavelmente estes os mesmos que escolheram a realização afectiva como principal finalidade. É ainda de salientar que na primeira metade (os da primeira escolha) se encontram maioritariamente os indivíduos mais jovens da amostra, o que revela que estes, talvez por não terem as vidas profissionais totalmente resolvidas, se preocupem mais com este factor.

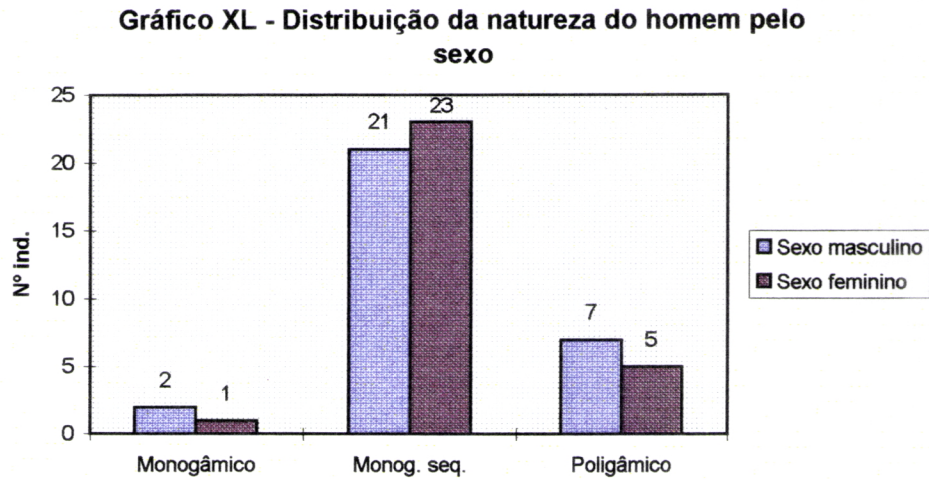
22. Razões de concordância do divórcio

Gráfico XXXIX - Distribuição das razões do divórcio pelo sexo

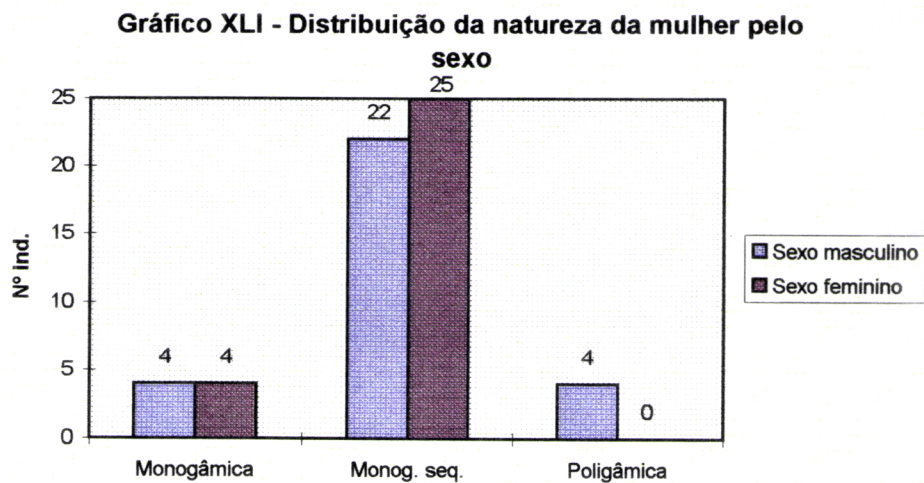


Uma vez que todos os inquiridos se manifestaram a favor do divórcio, tentou-se saber qual a razão que levaria a tal concordância e realmente o divórcio é maioritariamente encarado como um recurso para a resolução de problemas, neste caso de desentendimento e desarmonia conjugais. É ainda de referir aqueles que consideram o divórcio como algo que permite a liberdade e o rompimento de determinados laços, sendo os indivíduos do sexo masculino (quase o dobro do que o sexo feminino) os que mais concordam com esta razão, o que talvez não seja estranhar devido à sua própria “natureza”.

23. Natureza amorosa do homem



24. Natureza amorosa da mulher

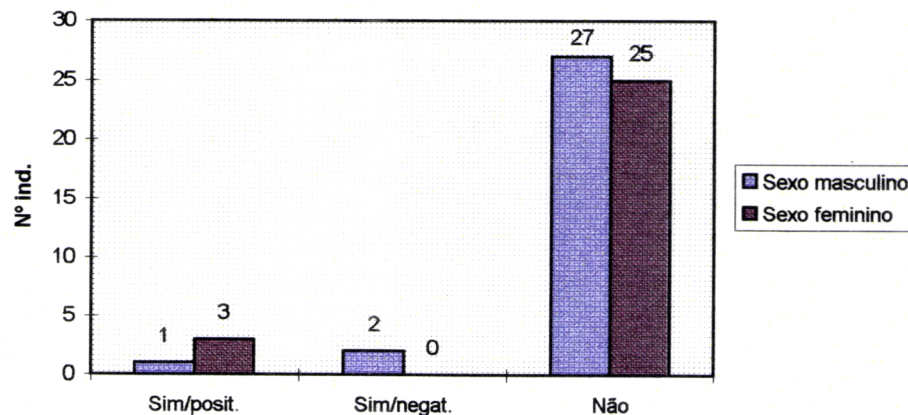


De acordo com a nossa sociedade e educação, a monogamia sequencial é a forma de relação mais aceite, uma vez que o adultério continua a não ser socialmente ou moralmente aceite. Deste modo, o modelo é ainda o do “casadescasa”. No entanto, como se tinha questionado sobre a própria “natureza dos indivíduos”, observam-se algumas diferenças de resposta em relação ao homem e

à mulher. Existem mais indivíduos considerar que o homem é poligâmico (mais eles do que elas a ter tal consideração, como se houvesse uma espécie de consciência) do que a achar que a mulher também o é (aliás, nenhuma mulher refere que a sua natureza é ser poligâmica). Pelo contrário, mais indivíduos consideram que a mulher é monogâmica (neste caso não aparece diferença de opinião entre os sexos, pois o número de homens e mulheres a terem esta opinião é igual).

25. Presença ou ausência de pressões familiares na escolha do parceiro

Gráfico XLII - Distribuição da pressão familiar pelo sexo

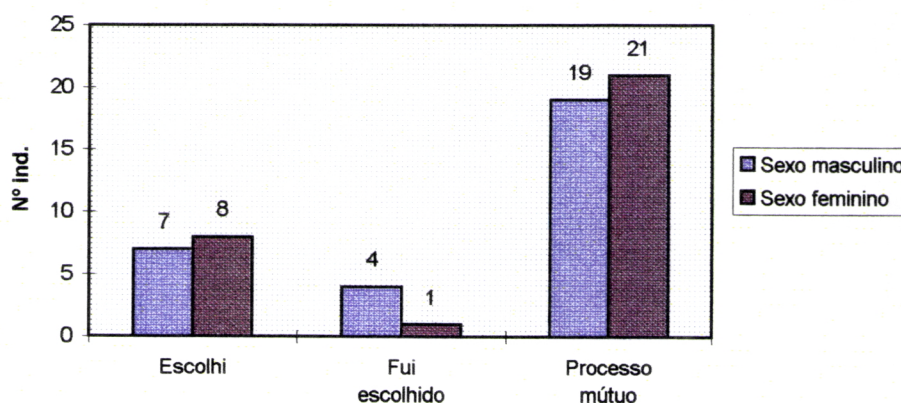


Devido a nossa sociedade ter sofrido uma rápida evolução de costumes, e também pelo facto da amostra se restringir a um meio urbano, verifica-se que os indivíduos já não sofrem pressões ou influências familiares tão marcadas (sejam elas positivas ou negativas) nas suas escolhas, e muitas vezes quando ocorrem, são positivas e de encorajamento.

Poder-se-á afirmar que a escolha do parceiro, dentro de um determinado conceito urbano e educacional/cultural¹ se faz livremente, sendo portanto, um processo estritamente pessoal.

26. Forma de escolha do parceiro

Gráfico XLIII - Distribuição da forma de escolha pelo sexo



Para quase todos os inquiridos, ocorreu um processo mútuo de escolha, em que ambos os elementos do casal se envolveram e se aperceberam que o outro seria o parceiro certo. No entanto, e talvez porque o envolvimento amoroso já se tinha estabelecido, nenhum dos membros conseguiu analisar de uma forma mais distanciada que a escolha acaba sempre por ser feita por um dos membros, geralmente pelo elemento feminino.

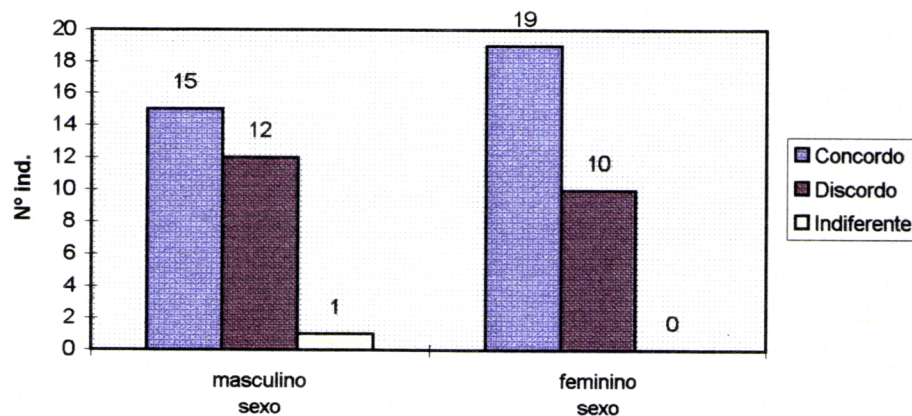
Será pois interessante realçar o facto de surgirem na amostra 8 mulheres a afirmar que a escolha final foi feita por elas (contra 7 homens que pensam o mesmo), enquanto que 4 dos inquiridos afirmam que foram eles os escolhidos (apenas 1 mulher sente o mesmo, o que não está de acordo com a resposta deles,

¹ Não esquecer, no entanto, que basta observar-se um meio mais fechado, principalmente rural, para se verificar que fortes influências e pressões familiares ainda se fazem sentir sobre a escolha de um futuro parceiro/a para uma filha ou filho (ou ainda se o meio for urbano, mas que revele uma elevada taxa de endogamia).

uma vez que 7 afirmam que escolheram). Isto poderá provar que a mulher quase nunca sente que é escolhida, porque pelo menos ou é ela que escolhe ou porque se envolve-se num processo totalmente equitativo.

27. O Amor como factor decisivo na escolha final do parceiro

Gráfico XLIV - Distribuição da relação amor/escolha final pelo sexo



No final do inquérito, perguntava-se se depois de todas as características anteriores, se afinal o sentimento amor é que tinha sido o factor mais importante e decisivo na escolha.

O “engraçado” das respostas, embora a maioria tivesse concordado que sim, pois afirmavam que todas aquelas características anteriores reunidas é que formavam o amor, (segundo um dos inquiridos, casado 29 anos, professor: «o amor é a reunião de todos os factores decisivos», o ainda segundo uma das inquiridas, vivendo em união de facto, 45 anos, professora: «eu não precisaria de um parceiro para qualquer outra coisa, se não fosse pelo amor»), é que aparecem 22 inquiridos, de ambos os sexos a afirmar que *não* é só o amor que conta na relação, pois como diz um deles, também casado, 29 anos e engenheiro

informático: «*o amor é apenas uma parte da relação*», ou então como afirma outra das inquiridas, casada, 30 anos, técnica de investigação: «*é apenas 50% amor e 50% de outros factores como a forma de estar e de encarar a vida*».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

J-G. Lemaire salienta que os casais se formam a partir de uma «percepção inconsciente de uma problemática comum, tendo em conta simultaneamente, com as formas complementares de reacção de um em relação ao outro» (*in* Kaufmann, 1993). Essa complementariedade não será apenas um elemento anexo à formação, sendo mais um reflexo da homogamia, mas que se situará no íntimo do casal. A articulação semelhanças/diferenças torna-se central na formação do casal, sendo mesmo considerada como uma “arte”, um processo dinâmico e complexo, aliado à recomposição das identidades.

Após este estudo, poder-se-á afirmar que Lemaire terá razão na sua afirmação, pois os resultados assim o indicam.

De facto, para a maioria dos casais inquiridos, “estas coisas não se explicam”, tratando-se precisamente de processos que são inconscientes e que portanto, não terão explicação. Daí a maioria ter afirmado que o seu processo de escolha terá sido um processo mútuo de escolha, não tendo havido um *seleccionador* e um *seleccionado*, como se estas palavras estivessem carregadas de uma carga negativa. No entanto, para aqueles que *assumiram* ou tiveram consciência do seu papel, é de salientar que mais mulheres do que homens referiram que foram elas que escolheram o seu parceiro e não o contrário. Surgiram igualmente alguns (poucos) homens a afirmar que tinham sido eles os seleccionadores, o que poderá ser explicado pela herança social da figura do macho dominador, activo, ao contrário da fêmea passiva, sem opções.

Tratando-se de uma amostra relativamente homogénea no que diz respeito ao nível educacional/cultural, o que se reflectiu posteriormente na actividade profissional, demonstra que todas as inquiridas (com excepção de uma)

desempenham um papel activo no mundo laboral, o que lhes permite serem mais selectivas e participarem equitativamente no envolvimento amoroso. O que seria interessante de se observar noutros estudos, era se as mulheres (ou mesmo os homens) dariam o mesmo tipo de respostas se estivessem incluídas noutro contexto social, em que não tivessem a sua própria autonomia financeira e assim determinar-se se é predominantemente o lado social e/ou cultural que condiciona a formação dos casais ou se pelo contrário, são sobretudo os factores genéticos e inerentes à biologia da espécie, muitas vezes não compreendidos ou ignorados pelos seus próprios elementos.

A homogeneidade da amostra, determinada *a priori* como possível garantia de sucesso do processo metodológico adoptado, por se pensar que um estudo como este seria melhor compreendido e aceite por indivíduos de um determinado nível educacional/cultural, acabou por falhar em parte. Com algumas excepções de grande receptividade, muitas pessoas acharam que se estava a entrar na esfera do privado e que tais assuntos não poderão ser objecto de estudo porque pertecerem à vida privada de cada um.

Quando confrontadas com determinadas questões que exigiam uma auto-análise mais profunda, as pessoas, principalmente as menos jovens, tentavam escapar, afirmando que já nem se lembravam como “tudo tinha começado”. Talvez o problema maior fosse o Outro, como se estes assuntos fossem interiorizados de tal forma que não valeria a pena serem explorados e muito menos discutidos com o próprio parceiro. Talvez a metodologia adoptada não tivesse sido a mais adequada, ao permitir ocultação ou fuga de informação. Talvez uma abordagem oral, através de entrevista e apenas com um elemento do casal de cada vez, se tivesse revelado mais proveitosa.

Tratando-se de uma amostra de reduzidas dimensões, sem significado estatístico, não se poderá extrapolar as conclusões para a realidade concreta da nossa sociedade. No entanto, parece-nos que algumas considerações poderão ser extraídas deste estudo.

A primeira é que as relações homogâmicas continuam a ser as mais frequentes, porque ao escolher-se um parceiro com gostos e interesses semelhantes (recorde-se a importância atribuída à partilha de interesses) está-se a definir um conjunto de circunstâncias similares que esse parceiro possa possuir, como o nível socioeconómico ou o nível educacional e/ou cultural.

Também algumas preferências ou características de escolha manifestadas por ambos os sexos se revelaram “inalteráveis”, como a importância atribuída pelo sexo masculino à aparência física e a importância atribuída pelo sexo feminino à personalidade ou inteligência do seu parceiro, tanto como características de escolha nos primeiros encontros, como características de escolha ao longo do processo.

De qualquer modo notou-se que ocorre uma maior liberdade, que as pessoas já não sofrem pressões muito fortes (nem familiares, nem institucionais, como a irrelevância atribuída aos factores religiosos assim o demonstrou) e que todo o processo se manifesta como um processo de carácter estritamente pessoal.

Todos os inquiridos sentem que sua relação poderá não ser para a vida, daí a concordância absoluta com o divórcio (embora alegando razões diferentes) e a concordância com o tipo de relação amorosa mais frequente, a monogamia sequencial.

Embora afirmando que o nível socioeconómico não se tivesse revelado importante ou decisivo nas suas escolhas, a verdade é que vários inquiridos revelaram uma determinada preocupação com a sua qualidade de vida e com o bem-estar que desejam proporcionar aos seus filhos. Em relação a este parâmetro, considera-se que talvez tivesse uma melhor aceitação se a sua abordagem aparecesse apenas no final do inquérito e não a meio, de forma a que os inquiridos já se sentissem suficientemente motivados para não o rejeitarem.

Relativamente ao desejo da maternidade/paternidade, uma vez que vários casais já tinham filhos ou planeassem ter, este aparece como uma consequência da própria relação que se estabelece com o parceiro escolhido e não como uma condicionante dessa escolha.

Por fim, quando questionados sobre a importância do sentimento *Amor* nas suas vidas, as opiniões dividiram-se em relação ao seu poder único de factor de decisão, mas todos concordaram quanto à sua importância no estabelecimento de uma relação amorosa.

Por isso e de modo a “suavizar” o inquérito, solicitava-se no final que os inquiridos tentassem dar, de um modo muito pessoal, a sua própria definição de *Amor*.

Muitos não responderam.

Outros afirmaram: «*Amor é o culminar de outros sentimentos, como sejam a Amizade, Carinho, Ternura ou Paixão, aliado a um forte desejo sexual*» ou «*Depois de uma ferosidade inicial, há quem chame de paixão, vem uma certa estabilidade emocional caracterizada pela compreensão, flexibilidade, tolerância, que possibilitam o “encaixe” entre duas personalidades, como se tratasse de uma longa paciência*» ou ainda e muito simplesmente, como um dos inquiridos respondeu: «*Amor é vida*».

«Olhando para o futuro, cada um pode seguramente adivinhar que o amor em toda a sua glória, a sua exaltação e profundos valores, os seus céus e infernos, em toda a sua integridade animal e humana, será a maior fonte de satisfação e de significado da vida» (Beck & Beck-Gernsheim, 1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barnard, A. (1991). *Mariage. Dictionnaire de L'Ethnologie et de L'Anthropologie*. Presses Universitaires de France. Paris.
- Barreto, A. & Valadares Preto, C. (1996). *Portugal 1960/1995 - Indicadores Sociais*. Cadernos do "Público", nº8. Lisboa.
- Beck, U. & Beck-Gernsheim, E. (1995). *The Normal Chaos of Love*. Polity Press. Cambridge.
- Benokraitis, N. (1996). *Marriages and Families - Changes, Choices and Constraints*. Prentice Hall. New Jersey.
- Betzig, L. (1988). Mating and Parenting in Darwinian Perspective. *Human Behavior - A Darwinian Perspective*. L Betzig, M. Mulder, P Turke (ed.). Cambridge University Press. Cambridge.
- Blood Jr, R. (1972). *The Family*. The Free Press. N.Y.
- Bozon, M. & Héran, F. (1988). La Découverte du Conjoint. II-Les Scènes de Rencontre dans l'Espace Social. *Population*. 1:121-150. Paris.
- Bozon, M (1991). Apparence Physique et Choix du Conjoint. *La Nuptialité: Évolution en France et dans les Pays Développés*. Congrès et Colloques nº7. Thérèse Hibert, Louis Roussel (ed). Institut National d'Études Démographiques. Presses Universitaires de France. Paris.

- Burley, N. (1983). The Meaning of Assortive Mating. *Ethology and Sociobiology*. vol.4, 4: 191-203. N.Y.
- Chisholm, J. (1995). Love's Contingencies: The Developmental Socioecology of Romantic Passion. *Romantic Passion - A Universal Experience?* William Jankowiak (ed.). Columbia University Press. N.Y.
- Daniels, D. (1983). The Evolution of Concealed Ovulation and Self-Deception. *Ethology and Sociobiology*. vol.4, 2:69-87. N.Y.
- Dawkins, R. (1989). *O Gene Egoísta*. Coleção Ciência Aberta 32. Gradiva. Lisboa.
- Duck, S. & Miell, D. (1983). Mate Choice as an Interpersonal Process. *Mate Choice*. P Bateson (ed.). Cambridge University Press. Cambridge.
- Eibl-Eibesfeldt, I (1970). *Amor e Ódio*. Ed, Bertrand. Lisboa.
- Eibl- Eibesfeldt, I. (1989). *Human Ethology*. A. Gruyer (ed.). N.Y.
- Eldredge, N. & Grene, M. (1992). *Interactions - The Biological Context of Social Systems*. Columbia University Press. N.Y.
- Fielding, J. (1993). Coding and Managing Data. *Researching Social Life*. Nigel Gilbert (ed.). Sage Publications. Londres.
- Fisher, H. (1995). The Nature and Evolution of Romantic Love. *Romantic Passion - A Universal Experience?* William Jankowiak (ed.). Columbia University Press. N.Y.

- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito - Teoria e Prática*. Celta Editora. Oeiras.
- Giddens, A. (1995). *Transformações da Intimidade - Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Celta Editora. Oeiras.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência Emocional*. Círculo de Leitores. Lisboa.
- Goody, J. (1995). *Família e Casamento na Europa*. Celta Editora. Oeiras.
- Halliday, T. (1983). The Study of Mate Choice. *Mate Choice*. P Bateson (ed.). Cambridge University Press. Cambridge.
- Héritier-Augé, F. (1991). Famille. *Dictionnaire de L'Ethnologie et de L'Anthropologie*. Presses Universitaires de France. Paris.
- Hrdy, S. (1981). *The Woman that Never Evolved*. Harvard University Press. Londres.
- Hrdy, S. & Williams, G. (1983). Behavioral Biology and the Double Standard. *Social Behavior of Female Vertebrates*. Samuel Wasser (ed.). Academic Press. N.Y.
- Irons, W. (1983). Human Female Reproductive Strategies. *Social Behavior of Female Vertebrates*. Samuel Wasser (ed.). Academic Press. N.Y.
- Jankowiak, W. (1995). *Romantic Passion - A Universal Experience?* William Jankowiak (ed.). Columbia University Press. N.Y.
- Kaufmann, J.C. (1992). *La Trame Conjugale - Analyse du couple par son linge*. Collection Essais & Recherches. Nathan Ed. Paris.

- Kaufmann, J.C. (1993). *Sociologie du Couple*. Collection Encyclopédique. Presses Universitaires de France. Paris.
- Lindholm, C. (1995). Love as an Experience of Transcendence. *Romantic Passion - A Universal Experience?* William Jankowiak (ed.). Columbia University Press. N.Y.
- Lindsey, L. (1994). *Gender Roles - A Sociological Perspective*. Prentice Hall. New Jersey.
- Muncie, J. & Sapsford, R. (1995). Issues in the Study of "The Family". *Understanding the Family*. J. Muncie, M. Wetherell, R. Dallos, A. Cochrane (ed.). Sage Publications. Londres.
- Newell, R. (1993). Questionnaires. *Researching Social Life*. Nigel Gilbert (ed.). Sage Publications. Londres.
- Phillips, A. (1996). *Monogamy*. Faber and Faber. Londres.
- Procter, M. (1993). Analysing Survey Data. *Researching Social Life*. Nigel Gilbert (ed.). Sage Publications. Londres.
- Redley, M. (1993). *The Red Queen - Sex and The Evolution of Human Nature*. Penguin Books. Londres.
- Ruffié, J. (1986). *Le Sexe et La Mort*. Odile Jacob (ed.). Paris.
- Santos, F. (1995). *Infidelidade Conjugal - Classe Social e Género*. Tese de Mestrado em Sociologia da Família. ISCTE. Universidade Técnica de Lisboa.

- Scanzoni, L.D. & Scanzoni, J. (1988). *Men, Women, and Change - A Sociology of Marriage and Family*. McGraw-Hill Book Company. N.Y.
- Segalen, M. & Jacquard, M. (1971). Choix du Conjoint et Homogamie. *Population*. 3:487-498. Paris.
- Segalen, M. (1981). *Sociologie de La Famille*. Armand Colin (ed.). Paris.
- Shaw, E. & Darling, J. (1985). *Estratégias Femininas*. Círculo de Leitores. Lisboa.
- Soares, M. (1997). Até Que a Validade Nos Separe. *Expresso*. Nº1273 de 22 de Março de 1997. Lisboa.
- Skyner, R. & Cleese, J. (1983). *Families and How to Survive Them*. Mandarin. Londres.
- Symons, D. (1979). *The Evolution of Human Sexuality*. Oxford University Press. Oxford.
- Thiessen, D. & Gregg, B. (1980). Human Assortive Mating and Genetic Equilibrium. *Ethology and Sociobiology*. vol.1, 2: 111-140. N.Y.
- Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de Si - Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Ed. Fim de Século, Lisboa.
- Van den Berghe, P. (1980). Incest and Exogamy: A Sociobiological Reconsideration. *Ethology and Sociobiology*. vol.1, 3: 151-162. N.Y.
- Wasser, S. & Waterhouse, M. (1983). The Establishment and Maintenance of Sexual Biases. *Social Behavior of Female Vertebrates*. Samuel Wasser (ed.). Academic Press. N.Y.

Wickler, W. & Seibt, U. (1983). Monogamy. *Mate Choice*. P Bateson (ed.).
Cambridge University Press. Cambridge.

Wilson, E.O.(1974). *Sociobiology*. Harvard University Press. Londres.

Wright, R. (1994). *The Moral Animal - Why We Are The Way We Are*. Abacus.
Londres.

ANEXOS

INQUÉRITO

Este inquérito destina-se à realização da componente prática de um trabalho académico de tese de Mestrado em Ecologia Humana, de carácter científico. Agradece-se a sua colaboração e garante-se a confidencialidade das respostas dadas.

Leia atentamente cada pergunta e as respectivas hipóteses de resposta. Assinale aquela que melhor estiver de acordo com a sua situação.

ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO

1. Nome (apenas o primeiro, sendo facultativo)-----

2. Sexo

Masculino

- Feminino

3. Idade-----

4. Nível de escolaridade (assinale o grau que frequenta ou o nível mais elevado que completou)

- Ensino primário

- Ensino secundário

- Ensino básico (2º ciclo)

- Ensino politécnico

- Ensino básico (3º ciclo)

- Ensino superior ⇨ licenciatura

⇨ mestrado

⇨ doutoramento

5. Condição perante o trabalho

- Empregado

- Estudante

Outra-----

- Desempregado

- Doméstica

6. Profissão e sua situação (a responder só pelos empregados)

- Profissão-----

- Trabalhador por conta de outrém

(continua)

- Trabalhador por conta própria

- Outra-----

7. Situação conjugal actual

- É casado/a

- Vive em união de facto

- Não vive em situação conjugal, mas mantém uma relação amorosa

PERGUNTAS

1. Antes do seu/sua actual parceiro/a, com quantas pessoas se relacionou amorosamente (com envolvimento sentimental)?

- 0 - 4

- 15 - 19

- 5 - 9

- Mais-----

- 10 - 15

2. Quanto tempo é que namorou (namora) com o seu/sua actual parceiro/a?

- <6 meses

- 3 - 4 anos

- 6 meses - 1 ano

- 4 - 5 anos

- 1 - 2 anos

- Mais-----

- 2 - 3 anos

3. Concorda que o tempo de namoro influencia o sucesso de uma relação?

- Concordo De que forma?-----

- Discordo De que forma?-----

- É indiferente

4. Como é que conheceu o seu/sua actual parceiro/a? (pode assinalar mais que uma resposta)

- Através de amigos
- Na escola/universidade
- No local de trabalho (seu ou dele/a)
- Numa festa
- Num local de lazer (cinema, praia, discoteca, por ex.)
- Através de uma organização (de carácter religioso, por ex.)
- Através de agência /anúncio /internet
- Outra situação-----

5. Qual foi a característica do/a seu/sua parceiro/parceira que mais lhe chamou à atenção nos primeiros encontros?

- Aparência física
- Personalidade
- Simpatia
- Outra-----

6. Ao longo do tempo de namoro, qual (ou quais) as características do seu/sua parceiro/a se revelaram mais importantes para a sua escolha?

Para cada uma das características atribua um valor baseado na seguinte escala de 1 a 5:

1- Muito importante

2- Bastante importante

3- Nem muito, nem pouco importante

4- Pouco importante

5- Nada importante

- Aparência física
- Nível educacional/cultural
- Idade
- Partilha do mesmo ideal religioso/ político
- Personalidade
- Partilha de outros interesses comuns
- Inteligência
- Determinado talento/habilidade
- Nível socioeconómico
- O desejo da paternidade/maternidade

7. O seu/sua parceiro/a tem uma idade próxima da sua? (máximo de 5 anos de diferença)

- Sim ⇨ Qual a diferença? (para mais ou para menos)-----

- Não ⇨ Qual a diferença? (para mais ou para menos)-----

8. Concorda que a diferença de idades entre os parceiros é um factor determinante para o sucesso de uma relação?

- Concordo De que forma?-----

- Discordo De que forma?-----

- É indiferente

9. O seu/sua parceiro/a e respectiva família apresentam o mesmo nível socioeconómico que o seu e o da sua família?

- Sim

- Não ⇨ - mais elevado - mais baixo

10. Concorda que um nível socioeconómico similar entre os parceiros é um factor determinante para o sucesso de uma relação?

- Concordo - É indiferente

- Discordo

11. Esse factor foi decisivo na escolha do/a seu/sua parceiro/a?

Sim

- Não

12. O/a seu/sua parceiro/a apresenta um nível educacional/cultural similar ao seu?

- Sim

- Não ⇨ - mais elevado - mais baixo

13. Concorda que um nível educacional/cultural similar entre parceiros é um factor determinante para o sucesso de uma relação?

- Concordo - É indiferente

- Discordo

14. Esse factor foi decisivo na escolha do/a seu/sua parceiro/a?

Sim

- Não

15. O seu/sua parceiro/a partilha de um mesmo ideal religioso que o seu?

(considere também como tal o ateísmo ou o agnosticismo)

- Sim

- Não ⇨ Qual?-----

16. Concorda que a partilha de um mesmo ideal religioso é um factor determinante para o sucesso de uma relação?

- Concordo

- É indiferente

- Discordo

17. Esse factor foi decisivo na escolha do/a seu/sua parceiro/a?

Sim

- Não

18. O seu/sua parceiro/a partilha interesses e ideais comuns aos seus?

- Sim ⇨

Refira três desses interesses-----
ou ideais-----

- Não

19. Concorda que a partilha de interesses e ideais é um factor determinante para o sucesso de uma relação?

- Concordo

- É indiferente

- Discordo

20. Esse factor foi decisivo na escolha do/a seu/sua parceiro/a?

Sim

- Não

21. Entre os seguintes fins do casamento, indique por ordem de preferência a importância de que lhes atribui:

- A-meio legítimo de satisfação das necessidades sexuais 1°-----
- B- procriação e educação dos filhos 2°-----
- C- meio de realização afectiva/psicológica dos parceiros 3°-----
- D- cooperação económica entre os parceiros 4°-----

Considera que o casamento serve **outros fins**, que não estes (indique três):

22. Concorda com o divórcio? (escolha a resposta que lhe parece ser mais importante)

- **Sim**, porque:
- a) é uma expressão natural da liberdade humana
 - b) é uma solução para situações graves de desarmonia conjugal
 - c) porque possibilita a verdade total do amor
- **Não**, porque
- a) o casamento é por natureza indissolúvel
 - b) porque pode transformar o casamento numa união temporária e de ensaio
 - c) porque impossibilita a educação dos filhos

23. Acha que o homem é por natureza um indivíduo:

- Monogâmico, i.e., só tem um único parceiro amoroso
- Monogâmico sequencial, i.e., só tem um único parceiro amoroso de cada vez
- Poligâmico, i.e., tem vários parceiros amorosos em simultâneo

24. Acha que a mulher é por natureza um indivíduo:

- Monogâmica, i.e., só tem um único parceiro amoroso
- Monogâmica sequencial, i.e., só tem um único parceiro amoroso de cada vez
- Poligâmica, i.e., tem vários parceiros amorosos em simultâneo

25. Sentiu (ou sente) alguma influência ou mesmo pressão por parte da sua família na escolha do/a seu/sua parceiro/parceira?

- Sim ⇒ positiva negativa
- Não, a escolha foi inteiramente livre

26. De alguma forma sente que foi você que escolheu o/a seu/sua parceiro/a ou que foi mais precisamente escolhido?

- Acho que fui eu que escolhi
- Acho que fui escolhido
- Acho que foi um processo mútuo de escolha

27. Concorda que é apenas o sentimento “amor” que representa o factor decisivo para a escolha final do/a seu/sua parceiro/a?

- Concordo De que forma?-----
- Discordo De que forma?-----
- É indiferente

28. Finalmente, agradecia-se, que de uma forma muito resumida, escrevesse o que significa para si o conceito de “amor”.

Obrigada pela sua colaboração!

Classificação Internacional de Profissões (versão portuguesa)

1 – MEMBROS DOS CORPOS LEGISLATIVOS, QUADROS DIRIGENTES DA FUNÇÃO PÚBLICA, DIRECTORES E QUADROS DIRIGENTES DE EMPRESAS

11 – MEMBROS DOS CORPOS LEGISLATIVOS E QUADROS DIRIGENTES DA FUNÇÃO PÚBLICA

111 – MEMBROS DOS CORPOS LEGISLATIVOS

1110 – Membros dos corpos legislativos

112 – QUADROS DIRIGENTES DA FUNÇÃO PÚBLICA

1120 – Quadros dirigentes da função pública

114 – DIRIGENTES E QUADROS DE ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS, SINDICAIS E ASSOCIATIVAS

1141 – Dirigentes e quadros de partidos políticos

1142 – Dirigentes e quadros de organizações patronais e sindicais

1143 – Dirigentes e quadros de organizações humanitárias e outras

12 – DIRECTORES E QUADROS DE DIRECÇÃO ESPECIALIZADA DE EMPRESAS

121 – DIRECTORES

1210 – Directores

122 – DIRECTORES DE PRODUÇÃO E EXPLORAÇÃO

1221 – Directores de produção e exploração agrícola

1222 – Directores de produção e exploração – Empresas industriais

1223 – Directores de produção e exploração – Empresas de construção civil

1224 – Directores de produção e exploração – Empresas de distribuição

1225 – Directores de produção e exploração – Restaurantes e hotéis

1226 – Directores de produção e exploração – Empresas de transportes e comunicações

1227 – Directores de produção e exploração – Empresas de serviços

1229 – Directores de produção e exploração não classificados em outra parte

123 – DIRECTORES ESPECIALIZADOS

1231 – Directores de serviços administrativos e financeiros

1232 – Directores de recursos humanos

1233 – Directores de vendas e marketing

1234 – Directores de relações públicas

1235 – Directores de compras e aprovisionamento

1236 – Directores de serviços de informática

1239 – Directores de departamento não classificados em outra parte

124 – DIRECTORES NÃO CLASSIFICADOS EM OUTRA PARTE

1240 – Directores não classificados em outra parte

13 – DIRIGENTES EM GERAL (PEQUENAS EMPRESAS)

131 – DIRIGENTES EM GERAL (PEQUENAS EMPRESAS)

1311 – Dirigentes de explorações agrícolas (pequenas empresas)

1312 – Dirigentes de empresas industriais (pequenas empresas)

1313 – Dirigentes de empresas de construção civil (pequenas empresas)

1314 – Dirigentes do comércio por grosso e a retalho (pequenas empresas)

1315 – Dirigentes de hotéis e restaurantes (pequenas empresas)

1316 – Dirigentes de empresas de transporte (pequenas empresas)

1317 – Dirigentes de empresas de serviços prestados às empresas (pequenas empresas)

1318 – Dirigentes de empresas de serviços pessoais e domésticos (pequenas empresas)

1319 – Outros dirigentes em geral (pequenas empresas)

- 2 – PROFISSÕES INTELLECTUAIS E CIENTÍFICAS
 - 21 – ENGENHEIROS, ESPECIALISTAS DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
 - 211 – INVESTIGADORES DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E PROFISSÕES SIMILARES
 - 2111 – Físicos e astrónomos
 - 2112 – Meteorologistas
 - 2113 – Químicos
 - 2114 – Geólogos e geofísicos
 - 212 – INVESTIGADORES DAS CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E ESTATÍSTICAS
 - 2121 – Matemáticos e profissões similares
 - 2122 – Estaticistas
 - 213 – ESPECIALISTAS E ENGENHEIROS DE INFORMÁTICA
 - 2131 – Engenheiros e analistas de sistemas
 - 2132 – Analistas de aplicações e profissões similares
 - 214 – OUTROS ENGENHEIROS, ARQUITECTOS E URBANISTAS
 - 2141 – Arquitectos, urbanistas e engenheiros de tráfego
 - 2142 – Engenheiros e engenheiros técnicos civis
 - 2143 – Engenheiros e engenheiros técnicos de electricidade
 - 2144 – Engenheiros e engenheiros técnicos de electrónica e telecomunicações
 - 2145 – Engenheiros e engenheiros técnicos mecânicos
 - 2146 – Engenheiros e engenheiros técnicos químicos
 - 2147 – Engenheiros e engenheiros técnicos metalúrgicos e minas
 - 2148 – Engenheiros geógrafos e hidrógrafos
 - 2149 – Engenheiros, arquitectos e urbanistas não classificados em outra parte
 - 22 – ESPECIALISTAS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E DAS CIÊNCIAS MÉDICAS
 - 221 – ESPECIALISTAS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA
 - 2211 – Biólogos, botânicos, zoólogos e profissões similares
 - 2212 – Bacteriologistas, farmacologistas e profissões similares
 - 2213 – Engenheiros e engenheiros técnicos agrónomos
 - 222 – MÉDICOS, VETERINÁRIOS E PROFISSÕES SIMILARES
 - 2221 – Médicos e cirurgiões
 - 2223 – Veterinários
 - 2224 – Farmacêuticos
 - 23 – DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR, SECUNDÁRIO E PROFISSÕES SIMILARES
 - 231 – DOCENTES DO ENSINO UNIVERSITÁRIO E ESTABELECIMENTOS DO ENSINO SUPERIOR
 - 2310 – Docentes do ensino universitário e estabelecimentos do ensino superior
 - 232 – PESSOAL DOCENTE DO ENSINO SECUNDÁRIO
 - 2320 – Pessoal docente do ensino secundário
 - 234 – PESSOAL DOCENTE DO ENSINO ESPECIAL
 - 2340 – Pessoal docente do ensino especial
 - 235 – PESSOAL DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR, SECUNDÁRIO E SIMILARES NÃO CLASSIFICADOS EM OUTRA PARTE
 - 2351 – Especialistas de métodos pedagógicos
 - 2352 – Inspectores de ensino

24 – ESPECIALISTAS DA ADMINISTRAÇÃO, COMÉRCIO, CIÊNCIAS SOCIAIS E PROFISSÕES SIMILARES

241 – ESPECIALISTAS DAS FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS E COMERCIAIS NAS EMPRESAS

2411 – Peritos contabilistas e quadros contabilistas

2412 – Especialistas de assuntos de pessoal e informação profissional

2419 – Especialistas das funções administrativas e comerciais nas empresas não classificados em outra parte

242 – ADVOGADOS, MAGISTRADOS E OUTRAS PROFISSÕES JURÍDICAS

2421 – Advogados e conselheiros jurídicos

2422 – Magistrados judiciais

2429 – Juristas não classificados em outra parte

243 – ARQUIVISTAS, BIBLIOTECÁRIOS E DOCUMENTALISTAS

2431 – Arquivistas e conservadores de museus

2432 – Bibliotecários e documentalistas

244 – ESPECIALISTAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E PROFISSÕES SIMILARES

2441 – Economistas

2442 – Sociólogos, antropólogos e profissões similares

2443 – Historiadores e especialistas das ciências políticas

2444 – Filólogos, tradutores e intérpretes

2445 – Psicólogos

2446 – Especialistas do trabalho social

245 – ESCRITORES, ARTISTAS CRIADORES E OUTROS ARTISTAS

2451 – Autores, jornalistas, escritores e profissões similares

2452 – Escultores, pintores artistas e criadores similares

2453 – Compositores, músicos e cantores

2454 – Coreógrafos e bailarinos

2455 – Actores, encenadores e realizadores

246 – MINISTROS DO CULTO E MEMBROS DE ORDENS RELIGIOSAS

2460 – Ministros do culto e membros de ordens religiosas

247 – TÉCNICOS SUPERIORES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

2470 – Técnicos superiores da administração pública

25 – OUTRAS PROFISSÕES INTELLECTUAIS E CIENTÍFICAS

251 – OUTRAS PROFISSÕES INTELLECTUAIS E CIENTÍFICAS

2510 – Outras profissões intelectuais e científicas

3 – PROFISSÕES TÉCNICAS INTERMÉDIAS

31 – TÉCNICOS DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E DE ENGENHARIA

311 – TÉCNICOS DE INVESTIGAÇÃO FÍSICA E FABRICAÇÃO INDUSTRIAL

3111 – Técnicos das ciências físico químicas

3112 – Técnicos de topografia e profissões similares

3113 – Técnicos intermédios de electricidade

3114 – Técnicos intermédios de electrónica e telecomunicações

3115 – Técnicos intermédios da mecânica

3116 – Técnicos intermédios de química industrial

3117 – Técnicos intermédios da indústria extractiva e metalúrgica

3118 – Desenhadores industriais

3119 – Técnicos das ciências físicas e químicas da indústria não classificados em outra parte

312 – PROGRAMADORES E OPERADORES DE INFORMÁTICA

3121 – Programadores e preparadores de trabalhos informáticos

3122 – Operadores de material informático

313 – OPERADORES DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS E ELECTRÓNICOS

3131 – Fotógrafos e operadores de registo de imagem e som

3132 – Operadores de equipamentos de emissões de rádio, televisão e telecomunicações

3133 – Técnicos de radiologia, cardiologia, neurologia, e outros técnicos operadores de aparelhos de diagnóstico

314 – OFICIAIS DA MARINHA, PILOTOS DE AVIÃO E TÉCNICOS DE TRÁFEGO MARÍTIMO E AÉREO

3141 – Oficiais de máquinas de navegação marítima e fluvial

3142 – Oficiais de convés e pilotos de navegação marítima e fluvial

3143 – Pilotos de avião e oficiais mecânicos de voo

3144 – Controladores aéreos

3145 – Técnicos intermédios de segurança aérea

315 – CONTROLADORES DE NORMAS DE SEGURANÇA, HIGIENE E QUALIDADE

3151 – Controladores de normas de segurança

3152 – Controladores de segurança, higiene e qualidade de produtos de consumo e condições de trabalho

32 – TÉCNICOS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E DAS CIÊNCIAS MÉDICAS

321 – TÉCNICOS INTERMÉDIOS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA

3211 – Técnicos das ciências biológicas e médicas

3212 – Técnicos intermédios da agronomia e silvicultura

3213 – Conselheiros agrícolas

322 – PROFISSÕES INTERMÉDIAS DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E SAÚDE EXCEPTO ENFERMEIROS

3222 – Conselheiros em higiene

3223 – Dietistas e técnicos de problemas de nutrição

3224 – Optometristas e técnicos de óptica

3225 – Assistentes de odontologia

3226 – Terapeutas e técnicos similares

3227 – Assistentes veterinários

3228 – Assistentes e preparadores de farmácia

3229 – Técnicos da saúde não classificados em outra parte

323 – ENFERMEIROS E PARTEIROS

3231 – Enfermeiros

3232 – Parteiros

33 – DOCENTES DO ENSINO PRIMÁRIO, PRÉ-PRIMÁRIO E PROFISSÕES SIMILARES

331 – PESSOAL DOCENTE DO ENSINO PRIMÁRIO

3310 – Pessoal docente do ensino primário

332 – PESSOAL DOCENTE DO ENSINO PRÉ-PRIMÁRIO

3320 – Pessoal docente do ensino pré-primário

333 – PESSOAL DOCENTE DO ENSINO DE DEFICIENTES

3330 – Pessoal docente do ensino de deficientes

334 – OUTRO PESSOAL DOCENTE DO ENSINO PRIMÁRIO E PRÉ-PRIMÁRIO

3340 – Docentes do ensino primário e pré-primário e profissões similares não classificados em outra parte

34 – TÉCNICOS DA ADMINISTRAÇÃO, DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS SOCIAIS

341 – TÉCNICOS INTERMÉDIOS COMERCIAIS E FINANCEIROS

- 3411 – Corretores da bolsa de valores
- 3412 – Corretores e produtores de seguros
- 3413 – Agentes imobiliários
- 3414 – Consultores e organizadores de viagens
- 3415 – Representantes comerciais
- 3416 – Compradores
- 3417 – Peritos avaliadores e vendedores em leilões
- 3419 – Técnicos comerciais e financeiros não classificados em outra parte

342 – CORRETORES E AGENTES COMERCIAIS

- 3421 – Corretores de bens e mercadorias
- 3422 – Agentes concessionários
- 3423 – Agentes de recrutamento de mão-de-obra e estabelecimentos de contratos de trabalho
- 3429 – Agentes corretores comerciais não classificados em outra parte

343 – TÉCNICOS INTERMÉDIOS DE GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO

- 3431 – Secretários de direcção e técnicos intermédios de gestão administrativa
- 3432 – Técnicos intermédios dos serviços jurídicos e profissões similares
- 3433 – Técnicos de contabilidade e trabalhadores similares
- 3434 – Técnicos intermédios dos serviços de estatística e profissões similares
- 3439 – Técnicos intermédios de gestão não classificados em outra parte

344 – TÉCNICOS INTERMÉDIOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

- 3441 – Controladores alfandegários e profissões similares
- 3442 – Inspectores de finanças e profissões similares
- 3443 – Inspectores da segurança social e profissões similares
- 3444 – Técnicos intermédios dos serviços públicos de licenças e vistos
- 3449 – Técnicos intermédios da administração pública não classificados em outra parte

345 – INSPECTORES DE POLÍCIA E DETECTIVES

- 3450 – Inspectores de polícia e detectives

346 – TRABALHADORES SOCIAIS

- 3460 – Trabalhadores sociais

347 – PROFISSÕES INTERMÉDIAS DAS ARTES, ESPECTÁCULOS E DESPORTOS

- 3471 – Decoradores de interiores, decoradores industriais e profissões similares
- 3472 – Apresentadores de programas de rádio, televisão e espectáculos
- 3473 – Artistas de variedades e profissões similares
- 3474 – Artistas de circo
- 3475 – Desportistas profissionais, treinadores profissionais e profissões similares

348 – ASSISTENTES LAICOS DE CULTO

- 3480 – Assistentes laicos de culto

4 – EMPREGADOS ADMINISTRATIVOS

41 – EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

411 – DACTILÓGRAFOS, ESTENÓGRAFOS E PROFISSÕES SIMILARES

- 4111 – Estenógrafos e dactilógrafos
- 4112 – Operadores de máquinas de tratamento de texto e profissões similares
- 4113 – Operadores de registos de dados
- 4114 – Operadores de máquinas de contabilidade

412 – EMPREGADOS DOS SERVIÇOS FINANCEIROS E CONTABILIDADE

- 4121 – Empregados de contabilidade e trabalhadores similares
- 4122 – Empregados administrativos dos serviços de estatística, financeiros e outros serviços administrativos

- 413 – EMPREGADOS DE GESTAÇÃO DE STOCKS E AGENTES ADMINISTRATIVOS DOS TRANSPORTES
 - 4131 – Empregados de aprovisionamento e armazém
 - 4132 – Empregados do planeamento da produção
 - 4133 – Empregados administrativos dos transportes

- 414 – EMPREGADOS DA DOCUMENTAÇÃO, CARTEIROS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 4141 – Empregados de biblioteca, classificadores de documentação e arquivistas
 - 4142 – Carteiros e trabalhadores similares
 - 4143 – Codificadores, revisores de provas tipográficas
 - 4144 – Escrivão público

- 419 – OUTROS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO
 - 4190 – Outros empregados de escritório

- 42 – CAIXAS, EMPREGADOS DA BANCA E DE AGÊNCIAS DE VIAGENS, RECEPCIONISTAS E PROFISSÕES SIMILARES
 - 421 – CAIXAS, BILHETEIROS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 4211 – Caixas e bilheteiros
 - 4212 – Caixas de estabelecimentos bancários
 - 4213 – Trabalhadores de banca de casinos e similares
 - 4214 – Penhoristas e trabalhadores similares
 - 4215 – Cobradores e trabalhadores similares

 - 422 – EMPREGADOS DE AGÊNCIAS DE VIAGENS, RECEPCIONISTAS E TELEFONISTAS
 - 4221 – Empregados de agências de viagem
 - 4222 – Recepcionistas
 - 4223 – Telefonistas

- 5 – PESSOAL DOS SERVIÇOS DE PROTECÇÃO E SEGURANÇA, DOS SERVIÇOS PESSOAIS E DOMÉSTICOS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 51 – EMPREGADOS DOS SERVIÇOS PESSOAIS E DOMÉSTICOS
 - 511 – AGENTES DE ACOMPANHAMENTO NOS TRANSPORTES, GUIAS TURÍSTICOS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 5111 – Agentes de acompanhamento, comissários, hospedeiros e trabalhadores similares
 - 5112 – Condutores de comboios, cobradores, revisores de bilhetes e trabalhadores similares de transporte
 - 5113 – Guias–intérpretes e trabalhadores similares

 - 512 – ECÓNOMOS E EMPREGADOS DOS SERVIÇOS DE RESTAURAÇÃO
 - 5121 – Ecónomos, governantas e trabalhadores similares
 - 5122 – Cozinheiros
 - 5123 – Empregados de mesa e trabalhadores similares

 - 513 – VIGILANTES DE CRIANÇAS E DAMAS DE COMPANHIA
 - 5131 – Vigilantes de crianças
 - 5132 – Ajudantes de serviços de saúde
 - 5133 – Agentes domiciliários (educadores sociais)
 - 5139 – Vigilantes de crianças e damas de companhia não classificados em outra parte

 - 514 – OUTROS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS PESSOAIS E DOMÉSTICOS
 - 5141 – Cabeleireiros, esteticistas, massagistas e trabalhadores similares
 - 5142 – Damas de companhia e empregados de quartos – casas particulares
 - 5143 – Agentes funerários
 - 5149 – Trabalhadores dos serviços pessoais e domésticos não classificados em outra parte

515 – ASTRÓLOGOS E PROFISSÕES SIMILARES

5151 – Astrólogos e profissões similares

5152 – Quiromantes e similares

516 – PESSOAL DOS SERVIÇOS DE SEGURANÇA

5161 – Bombeiros

5162 – Agentes de polícia

5163 – Guarda dos serviços prisionais

5169 – Pessoal de segurança não classificados em outra parte

52 – MODELOS, VENDEDORES E TRABALHADORES SIMILARES

521 – MANEQUINS E MODELOS

5210 – Manequins e modelos

522 – VENDEDORES E CAIXEIROS

5220 – Vendedores e caixeiros

6 – TRABALHADORES DA AGRICULTURA E DA PESCA

61 – TRABALHADORES DA AGRICULTURA, DA CRIAÇÃO DE ANIMAIS E DA PESCA

611 – TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGRICULTURA

6111 – Trabalhadores qualificados da agricultura – sementeiras e cultivo de árvores

6112 – Trabalhadores qualificados da agricultura – horticultura e jardinagem

612 – TRABALHADORES QUALIFICADOS DA CRIAÇÃO ANIMAL

6121 – Trabalhadores qualificados da criação de gado

6122 – Trabalhadores qualificados da avicultura

6129 – Trabalhadores qualificados da criação animal não classificados em outra parte

613 – TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGRICULTURA NÃO CLASSIFICADOS EM OUTRA PARTE

6130 – Trabalhadores qualificados da agricultura não classificados em outra parte

614 – TRABALHADORES FLORESTAIS QUALIFICADOS E SIMILARES

6141 – Trabalhadores florestais qualificados

6142 – Carvoeiros e trabalhadores similares

615 – TRABALHADORES QUALIFICADOS DA PESCA, AQUACULTORES COMERCIAIS, CAÇADORES E TRABALHADORES SIMILARES

6151 – Aquacultores comerciais e trabalhadores similares

6152 – Pescadores em águas doces e costeiras

6153 – Pescadores em alto mar

6154 – Caçadores

7 – TRABALHADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL E ARTESÃOS

71 – TRABALHADORES DA PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS EXTRACTIVAS E DA CONSTRUÇÃO CIVIL

711 – MINEIROS, TRABALHADORES DAS PEDREIRAS E TRABALHADORES SIMILARES

7111 – Mineiros e trabalhadores das pedreiras

7112 – Carregadores de fogo e trabalhadores similares

7113 – Canteiros e trabalhadores similares

7114 – Salineiros

712 – TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE TOSCO

7121 – Trabalhadores da construção civil e técnicas tradicionais

7122 – Pedreiros ladrilhadores

7123 – Montadores da construção civil e trabalhadores similares

7124 – Carpinteiros da construção civil, naval e trabalhadores similares

7129 – Trabalhadores da construção civil de tosko não classificados em outra parte

- 713 – TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE ACABAMENTOS
 - 7131 – Assentadores de telhados
 - 7132 – Assentadores de revestimentos
 - 7133 – Estocadores e marmoritadores
 - 7134 – Montadores de isolamentos térmicos e acústicos
 - 7135 – Vidraceiros
 - 7136 – Canalizadores e montadores de tubagens
 - 7137 – Electricistas da construção civil

- 714 – PINTORES E TRABALHADORES SIMILARES
 - 7141 – Pintores da construção civil
 - 7142 – Pintores à pistola e trabalhadores similares
 - 7143 – Recuperadores de fachadas

- 72 – TRABALHADORES DA PRODUÇÃO DA METALOMECÂNICA E METALURGIA, ELECTRICIDADE E ELECTRÓNICA
 - 721 – FUNDIDORES–MOLDADORES, SOLDADORES, CALDEIREIROS, SERRALHEIROS CIVIS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 7211 – Fundidores–moldadores e macheiros
 - 7212 – Soldadores e maçariqueiros
 - 7213 – Caldeireiros, latoeiros e bate chapas
 - 7214 – Serralheiros civis, montadores de estruturas metálicas e trabalhadores similares
 - 7215 – Montadores de cabos
 - 7216 – Escafandristas

 - 722 – FERREIROS, SERRALHEIROS, FERRAMENTEIROS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 7221 – Forjadores, marteladores e operadores de prensas de forjar
 - 7222 – Serralheiros–mecânicos e operadores de máquinas–ferramentas e traçadores
 - 7223 – Reguladores de máquinas ferramentas
 - 7224 – Operadores de máquinas de alisar, polir e afiar metais

 - 723 – AJUSTADORES–MONTADORES E MECÂNICOS DE REPARAÇÃO
 - 7231 – Ajustadores–montadores, mecânicos de reparação de veículos motorizados excepto aviões
 - 7232 – Ajustadores–montadores, mecânicos de reparação de motores de avião
 - 7233 – Ajustadores–montadores, mecânicos de reparação de máquinas não classificados em outra parte

 - 724 – ELECTRICISTAS, ELECTROMECAÑICOS E REPARADORES DE ELECTRICIDADE E ELECTRÓNICA
 - 7241 – Electromecânicos e electricistas
 - 7242 – Montadores–reparadores de aparelhagem electromecânica
 - 7243 – Reparadores de aparelhos receptores de rádio e televisão
 - 7244 – Montadores–reparadores de instalações telefónicas e telegráficas
 - 7245 – Montadores de linhas eléctricas

- 73 – TRABALHADORES DA PRODUÇÃO DA MECÂNICA DE PRECISÃO, ARTES GRÁFICAS, E ARTESÃOS
 - 731 – MECÂNICOS DE PRECISÃO, RELOJOEIROS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 7311 – Relojoeiros e mecânicos de precisão
 - 7312 – Trabalhadores do fabrico e reparação de instrumentos de música
 - 7313 – Joalheiros e trabalhadores de metais preciosos
 - 7314 – Lapidadores e classificadores de pedras preciosas

 - 732 – OLEIROS, VIDREIROS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 7321 – Oleiros e trabalhadores do fabrico de abrasivos e trabalhadores similares
 - 7322 – Vidreiros, moldadores, cortadores, polidores de vidro e trabalhadores similares
 - 7323 – Lapidadores, gravadores e acabadores de vidro e cerâmica
 - 7324 – Pintores decoradores de vidro e cerâmica

- 733 – ARTESÃOS E TRABALHADORES MANUAIS EM MADEIRA, TECIDO E OUTROS MATERIAIS
 - 7331 – Artesãos e trabalhadores manuais em madeira e materiais similares
 - 7332 – Artesãos e trabalhadores manuais têxteis e materiais similares
- 734 – COMPOSITORES–TIPOGRÁFICOS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 7341 – Compositores–montadores de artes gráficas
 - 7342 – Estereotipadores e trabalhadores similares
 - 7343 – Gravadores e fotogravadores de artes gráficas
 - 7344 – Reveladores e impressores em câmara escura
 - 7345 – Encadernadores e trabalhadores similares
 - 7346 – Serígrafos e trabalhadores similares
- 74 – TRABALHADORES DA PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, DO TRATAMENTO DAS MADEIRAS, TÊXTEIS E CORTUMES
 - 741 – TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES
 - 7411 – Magarefes, cortadores de carnes verdes e trabalhadores similares de preparação de carnes e peixes
 - 7412 – Padeiros, pasteleiros e confeitadores
 - 7413 – Trabalhadores do fabrico de queijo e manteiga
 - 7414 – Conserveiros de frutas e legumes
 - 7415 – Provadores e seleccionadores de produtos alimentares e bebidas
 - 7416 – Trabalhadores da preparação do tabaco
 - 742 – MARCENEIROS, CARPINTEIROS, CORTIÇEIROS E TRABALHADORES DO TRATAMENTO DAS MADEIRAS
 - 7421 – Trabalhadores do tratamento das madeiras
 - 7422 – Marceneiros, carpinteiros e trabalhadores similares
 - 7423 – Operadores/reguladores de máquinas para trabalhar madeira
 - 7424 – Cesteiros e escoveiros
 - 7425 – Trabalhadores da indústria corticeira
 - 7426 – Trabalhadores da indústria granuladora de aglomerados
 - 743 – TRABALHADORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DO VESTUÁRIO
 - 7431 – Preparadores de fibras
 - 7432 – Tecelões de teares manuais e trabalhadores similares
 - 7433 – Alfaiates, costureiras e chapeleiros
 - 7434 – Peleiros e trabalhadores similares
 - 7435 – Riscadores e cortadores de moldes
 - 7436 – Costureiras, bordadoras e trabalhadores similares
 - 7437 – Estofadores, colchoeiros e trabalhadores similares
 - 744 – TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE CORTUMES, PELES E SAPATOS
 - 7441 – Curtidores, preparadores e acabadores de peles e trabalhadores similares
 - 7442 – Sapateiros, trabalhadores de calçado e de artigos de couro
- 79 – ENCARREGADOS, CAPATAZES E PROFISSÕES SIMILARES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
 - 791 – ENCARREGADOS, CAPATAZES E PROFISSÕES SIMILARES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
 - 7910 – Encarregados, capatazes e profissões similares da produção industrial
- 8 – OPERADORES DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS E MÁQUINAS FIXAS, CONDUTORES E MONTADORES
- 81 – OPERADORES DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS
 - 811 – CONDUTORES DE INSTALAÇÕES DE EXTRAÇÃO E TRATAMENTO DE METAIS
 - 8111 – Condutores de instalações de extração de minas e pedreiras
 - 8112 – Condutores de instalações de tratamento de minérios e rochas
 - 8113 – Sondadores e perfuradores de poços

- 812 – CONDUTORES DE INSTALAÇÕES DE PRODUÇÃO E TRATAMENTO DE METAIS
 - 8121 – Condutores de fornos de metalurgia e trabalhadores similares
 - 8122 – Condutores de fornos de segunda fusão, laminadores e trabalhadores similares
 - 8123 – Trabalhadores do tratamento térmico dos metais
 - 8124 – Trefiladores e estiradores de metais

- 813 – CONDUTORES DE INSTALAÇÕES DO FABRICO DE VIDRO E CERÂMICA
 - 8131 – Forneiros, fundidores e trabalhadores similares do vidro e cerâmica
 - 8139 – Condutores de instalações de vidro e cerâmica não classificados em outra parte

- 814 – CONDUTORES DE INSTALAÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO DA MADEIRA E FABRICAÇÃO DE PAPEL
 - 8141 – Operadores de instalações de corte de madeiras e cortiça
 - 8142 – Preparadores de pasta para papel
 - 8143 – Trabalhadores de fabrico de papel

- 815 – CONDUTORES DE FORNOS E DE INSTALAÇÕES QUÍMICAS
 - 8151 – Operadores de instalações de moagem e trabalhadores similares
 - 8152 – Condutores de fornos e de aparelhos de tratamento térmico
 - 8153 – Operadores de instalações de filtração
 - 8154 – Operadores de aparelhos de destilação, reacção, cristalização e trabalhadores similares
 - 8155 – Trabalhadores da refinação do petróleo
 - 8159 – Operadores de instalações de moagem, condutores de fornos, operadores e aparelhos de filtração e destilação não c.o.p.

- 816 – CONDUTORES DE INSTALAÇÕES DE PRODUÇÃO DE ENERGIA E INSTALAÇÕES SIMILARES
 - 8161 – Condutores de máquinas de instalações fixas de produção de energia
 - 8162 – Fogueiros de turbina e caldeiras e trabalhadores similares
 - 8163 – Condutores de instalações de tratamento de água e trabalhadores similares

- 817 – CONDUTORES DE CADEIAS DE MONTAGEM AUTOMÁTICA E CONDUTORES DE ROBOTS INDUSTRIAIS
 - 8171 – Condutores de cadeias de montagem automática
 - 8172 – Condutores de robots industriais

- 82 – OPERADORES DE MÁQUINAS FIXAS E MONTADORES

- 821 – OPERADORES DE MÁQUINAS-FERRAMENTAS, BETONEIRAS E TRABALHADORES SIMILARES
 - 8211 – Operadores de máquinas-ferramentas de trabalho em série de metais
 - 8212 – Trabalhadores do fabrico de fibrocimento, aglomerados de cimento e outros produtos minerais

- 822 – CONDUTORES DE MÁQUINAS DA FABRICAÇÃO DE PRODUTOS QUÍMICOS
 - 8221 – Condutores de máquinas de fabricação de produtos farmacêuticos e produtos de cosmética
 - 8222 – Trabalhadores dos explosivos e pirotécnicos
 - 8223 – Trabalhadores da galvanoplastia e trabalhadores similares
 - 8224 – Operadores de máquinas de revelação
 - 8229 – Condutores de máquinas da fabricação de produtos químicos não classificados em outra parte

- 823 – OPERADORES DE MÁQUINAS DO FABRICO DE ARTIGOS DE BORRACHA E MATERIAIS DE PLÁSTICO
 - 8231 – Operadores de máquinas do fabrico de artigos de borracha
 - 8232 – Operadores de máquinas do fabrico de plástico

- 824 – OPERADORES DE MÁQUINAS DESTINADAS À PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE MADEIRA
 - 8240 – Alimentadores e vigilantes de máquinas de produção de artigos de madeira e cortiça

- 825 – OPERADORES DE MÁQUINAS DE TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICAÇÃO DE ARTIGOS DE PAPEL
- 8251 – Operadores de máquinas de imprimir – artes gráficas
 - 8252 – Operadores de máquinas de encadernação
 - 8253 – Cartonageiros e operadores de máquinas de cartonagem
- 826 – OPERADORES DE MÁQUINAS DE TÊXTEIS E DE VESTUÁRIO
- 8261 – Operadores de máquinas de fiar, tecer e bobinar
 - 8262 – Afinadores, preparadores e operadores de teares (tecelões)
 - 8263 – Operadores de máquinas para confecção
 - 8264 – Operadores de máquinas de tratamento de produtos têxteis
 - 8265 – Operadores de máquinas de preparação de peles e couros
 - 8266 – Operadores de máquinas de calçado e artigos de couro
 - 8269 – Operadores de máquinas de têxteis e vestuário não classificados em outra parte
- 827 – OPERADORES DE MÁQUINAS DESTINADAS AO FABRICO DE PRODUTOS ALIMENTARES
- 8271 – Operadores de máquinas de tratamento de carne e peixe
 - 8272 – Operadores de máquinas de fabrico de produtos lácteos
 - 8273 – Operadores de máquinas de moagem de cereais e trabalhadores similares
 - 8274 – Operadores de máquinas de fabrico de produtos de padaria, pastelaria e produtos à base de cereais
 - 8275 – Operadores de máquinas do tratamento de frutas e legumes
 - 8276 – Operadores de máquinas de produção de refinação do açúcar
 - 8277 – Operadores de máquinas de preparação de chá, café e cacau
 - 8278 – Cervejeiros e operadores de máquinas de preparação de vinho e outras bebidas
 - 8279 – Operadores de máquinas do tratamento de produtos de tabaco
- 828 – MONTADORES
- 8281 – Ajustadores–montadores de construções metálicas
 - 8282 – Montadores de aparelhagem eléctrica
 - 8283 – Montadores de aparelhagem electrónica
 - 8284 – Montadores de artigos metálicos, de plástico e de borracha e trabalhadores similares
 - 8285 – Montadores de artigos em madeira
 - 8286 – Montadores de artigos em cartão, tecido e materiais similares
 - 8290 – Outros condutores de máquinas fixas e trabalhadores da moagem
- 83 – CONDUTORES DE VEÍCULOS DE TRANSPORTE, DE MÁQUINAS DE ELEVAÇÃO E DE MANOBRA E TRABALHADORES SIMILARES
- 831 – MAQUINISTAS DE LOCOMOTIVAS E TRABALHADORES SIMILARES
- 8311 – Maquinistas de locomotivas
 - 8312 – Manobradores de estações, agulheiros e trabalhadores similares
- 832 – CONDUTORES DE VEÍCULOS A MOTOR
- 8321 – Condutores de motocicletas
 - 8322 – Condutores de veículos ligeiros
 - 8323 – Condutores de autocarros e carros eléctricos
 - 8324 – Condutores de veículos pesados
- 833 – CONDUTORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS, ESCAVAÇÃO E TERRAPLENAGEM E TRABALHADORES SIMILARES
- 8331 – Condutores de máquinas agrícolas
 - 8332 – Condutores de máquinas de escavação, terraplenagem e construção civil
 - 8333 – Condutores de gruas e aparelhos de elevação e transporte
 - 8334 – Condutores de empilhadoras e de outras máquinas de manobras
- 834 – MARINHEIROS E TRABALHADORES SIMILARES
- 8340 – Marinheiros e trabalhadores similares

- 89 – ENCARREGADOS, CAPATAZES E TRABALHADORES SIMILARES DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS E MÁQUINAS, DE CONDUTORES E MONTADORES
- 891 – ENCARREGADOS, CAPATAZES E TRABALHADORES SIMILARES DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS E MÁQUINAS, DE CONDUTORES E MONTADORES
- 8910 – Encarregados, capatazes e trabalhadores similares de instalações industriais e máquinas, de condutores e montadores
- 9 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇO:
- 91 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DO COMÉRCIO E SERVIÇOS
- 911 – VENDEDORES AMBULANTES E TRABALHADORES SIMILARES
- 9111 – Vendedores ambulantes de géneros alimentares
- 9112 – Vendedores ambulantes de artigos em geral
- 9113 – Vendedores ao domicílio ou por telefone
- 912 – ENGRAXADORES E TRABALHADORES SIMILARES
- 9120 – Engraxadores e trabalhadores similares
- 913 – EMPREGADOS DOMÉSTICOS E OUTRO PESSOAL DE LIMPEZA
- 9131 – Pessoal de limpeza de casas particulares e trabalhadores similares
- 9132 – Pessoal de limpeza de escritórios, hotéis e trabalhadores similares
- 9133 – Lavadeiros e engomadores de roupa
- 914 – PESSOAL DE LIMPEZA – EMPRESAS E ORGANISMOS
- 9141 – Trabalhadores não qualificados da manutenção de edifícios
- 9142 – Lavador de vidros e similares
- 915 – PORTEIROS, GUARDAS E DISTRIBUIDORES
- 9151 – Estafetas, distribuidores e trabalhadores similares
- 9152 – Porteiros e trabalhadores similares
- 9153 – Recolhedores de dinheiro de máquinas de venda e trabalhadores similares
- 916 – TRABALHADORES DA RECOLHA DE LIXO
- 9161 – Recolhedores do lixo
- 9162 – Cantoneiros de limpeza, recolhedores de lixo e trabalhadores similares
- 92 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DA AGRICULTURA E PESCA
- 921 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DA AGRICULTURA E PESCA
- 9211 – Trabalhadores agrícolas indiferenciados
- 9212 – Trabalhadores florestais indiferenciados
- 9213 – Trabalhadores da pesca indiferenciados
- 93 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DA INDÚSTRIA EXTRACTIVA, TRANSFORMADORA E TRANSPORTES
- 931 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DA INDÚSTRIA EXTRACTIVA E CONSTRUÇÃO CIVIL
- 9311 – Trabalhadores não qualificados das minas
- 9312 – Trabalhadores não qualificados da construção civil – obras públicas
- 9313 – Trabalhadores não qualificados da construção civil – construção de edifícios
- 932 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA
- 9321 – Trabalhadores não qualificados da montagem
- 9322 – Trabalhadores não qualificados da indústria transformadora

933 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS DOS TRANSPORTES

9331 – Carregadores e descarregadores

9332 – Condutores de veículos accionados à mão ou pedal

9333 – Condutores de veículos de tracção animal

99 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS NÃO CLASSIFICADOS EM OUTRA PARTE

991 – TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS NÃO CLASSIFICADOS EM OUTRA PARTE

9910 – Trabalhadores não qualificados não classificados em outra parte

0 – FORÇAS ARMADAS

01 – FORÇAS ARMADAS

011 – FORÇAS ARMADAS

0110 – Forças armadas

NQUES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	1	1.7	1.7	1.7
	2	1	1.7	1.7	3.3
	3	1	1.7	1.7	5.0
	4	1	1.7	1.7	6.7
	5	1	1.7	1.7	8.3
	6	1	1.7	1.7	10.0
	7	1	1.7	1.7	11.7
	8	1	1.7	1.7	13.3
	9	1	1.7	1.7	15.0
	10	1	1.7	1.7	16.7
	11	1	1.7	1.7	18.3
	12	1	1.7	1.7	20.0
	13	1	1.7	1.7	21.7
	14	1	1.7	1.7	23.3
	15	1	1.7	1.7	25.0
	16	1	1.7	1.7	26.7
	17	1	1.7	1.7	28.3
	18	1	1.7	1.7	30.0
	19	1	1.7	1.7	31.7
	20	1	1.7	1.7	33.3
	21	1	1.7	1.7	35.0
	22	1	1.7	1.7	36.7
	23	1	1.7	1.7	38.3
	24	1	1.7	1.7	40.0
	25	1	1.7	1.7	41.7
	26	1	1.7	1.7	43.3
	27	1	1.7	1.7	45.0
	28	1	1.7	1.7	46.7
	29	1	1.7	1.7	48.3
	30	1	1.7	1.7	50.0
	31	1	1.7	1.7	51.7
	32	1	1.7	1.7	53.3
	33	1	1.7	1.7	55.0
	34	1	1.7	1.7	56.7
	35	1	1.7	1.7	58.3
	36	1	1.7	1.7	60.0
	37	1	1.7	1.7	61.7
	38	1	1.7	1.7	63.3
	39	1	1.7	1.7	65.0
	40	1	1.7	1.7	66.7
	41	1	1.7	1.7	68.3
	42	1	1.7	1.7	70.0
	43	1	1.7	1.7	71.7
	44	1	1.7	1.7	73.3
	45	1	1.7	1.7	75.0
	46	1	1.7	1.7	76.7

NQUES

47	1	1.7	1.7	78.3
48	1	1.7	1.7	80.0
49	1	1.7	1.7	81.7
50	1	1.7	1.7	83.3
51	1	1.7	1.7	85.0
52	1	1.7	1.7	86.7
53	1	1.7	1.7	88.3
54	1	1.7	1.7	90.0
55	1	1.7	1.7	91.7
56	1	1.7	1.7	93.3
57	1	1.7	1.7	95.0
58	1	1.7	1.7	96.7
59	1	1.7	1.7	98.3
60	1	1.7	1.7	100.0

	Total	60	100.0	100.0
--	-------	----	-------	-------

Valid cases 60 Missing cases 0

SEXO Sexo

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
masculino	1	30	50.0	50.0	50.0
feminino	2	30	50.0	50.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

IDADE

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	21	2	3.3	3.4	3.4
	22	2	3.3	3.4	6.8
	24	2	3.3	3.4	10.2
	25	3	5.0	5.1	15.3
	26	4	6.7	6.8	22.0
	27	5	8.3	8.5	30.5
	28	6	10.0	10.2	40.7
	29	5	8.3	8.5	49.2
	30	3	5.0	5.1	54.2
	31	5	8.3	8.5	62.7
	32	6	10.0	10.2	72.9
	33	3	5.0	5.1	78.0
	34	2	3.3	3.4	81.4
	35	3	5.0	5.1	86.4
	37	3	5.0	5.1	91.5
	38	1	1.7	1.7	93.2
	39	3	5.0	5.1	98.3
	45	1	1.7	1.7	100.0
	99	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 59 Missing cases 1

ESCOLA Nível de Escolaridade

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Ensino secundário	4	5	8.3	8.3	8.3
Ensino politécnico	5	4	6.7	6.7	15.0
licenciatura	6	37	61.7	61.7	76.7
mestrado	7	12	20.0	20.0	96.7
doutoramento	8	2	3.3	3.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CPT Condição perante o Trabalho

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
empregado	1	51	85.0	85.0	85.0
estudante	3	7	11.7	11.7	96.7
doméstica	4	1	1.7	1.7	98.3
outra	5	1	1.7	1.7	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

PROF Profissão

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
militares	10	2	3.3	3.9	3.9
directores/quadros d	12	4	6.7	7.8	11.8
profissões intelectu	20	2	3.3	3.9	15.7
Engenheiros, ciência	21	14	23.3	27.5	43.1
ciências natureza/mé	22	2	3.3	3.9	47.1
docentes superior/se	23	18	30.0	35.3	82.4
administração, comérc	24	1	1.7	2.0	84.3
outras prof. intelec	25	2	3.3	3.9	88.2
técnicos adminis.,co	34	1	1.7	2.0	90.2
empregados escritóri	41	3	5.0	5.9	96.1
caixas, empregados b	42	1	1.7	2.0	98.0
operadores máquinas	82	1	1.7	2.0	100.0
NS/NR	99	9	15.0	Missing	
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	51	Missing cases	9		

SITUPROF Situação na Profissão

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
TPCO	1	43	71.7	86.0	86.0
TPCP	2	3	5.0	6.0	92.0
outra	3	4	6.7	8.0	100.0
NS/NR	9	10	16.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 50 Missing cases 10

CONJUGAL Situação conjugal actual

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
casado	1	38	63.3	63.3	63.3
união de facto	2	8	13.3	13.3	76.7
relação amorosa	3	14	23.3	23.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

COMPENH N° companheiros

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
0-4	1	50	83.3	83.3	83.3
5-9	2	9	15.0	15.0	98.3
15-19	4	1	1.7	1.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

TEMPO Tempo de Namoro

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
< seis meses	1	4	6.7	6.7	6.7
6 meses-lano	2	5	8.3	8.3	15.0
1-2 anos	3	8	13.3	13.3	28.3
2-3 anos	4	16	26.7	26.7	55.0
3-4 anos	5	3	5.0	5.0	60.0
4-5 anos	6	8	13.3	13.3	73.3
Mais de 5 anos	7	16	26.7	26.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

TEMPO1 Tempo/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	33	55.0	55.0	55.0
discordo	2	6	10.0	10.0	65.0
indiferente	3	21	35.0	35.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE1 Conhece/Amigos

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	28	46.7	46.7	46.7
Sim	1	32	53.3	53.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE2 Conhece/Escola-Universidade

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	36	60.0	60.0	60.0
Sim	1	24	40.0	40.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE3 Local de Trabalho

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	60	100.0	100.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE4 Conhece/Festa

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	52	86.7	86.7	86.7
Sim	1	8	13.3	13.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE5 Conhece/Local de lazer

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	53	88.3	88.3	88.3
Sim	1	7	11.7	11.7	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE6 Conhece/Organização

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	59	98.3	98.3	98.3
Sim	1	1	1.7	1.7	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE7 Conhece/Agência

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	60	100.0	100.0	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

CONHECE8 Conhece/Anúncios

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	60	100.0	100.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

CONHECE9 Conhece/Internet

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	58	96.7	96.7	96.7
Sim	1	2	3.3	3.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

CONHEC10 Conhece/Outra situação

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Não	0	55	91.7	91.7	91.7
Sim	1	5	8.3	8.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

PARCEIRO Característica(s) do Parceiro

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
aparência física	1	18	30.0	31.0	31.0
simpatia	2	18	30.0	31.0	62.1
personalidade	3	18	30.0	31.0	93.1
outra	4	4	6.7	6.9	100.0
	9	2	3.3	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 58 Missing cases 2

PARCEI1 Aparência Física

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	12	20.0	20.0	20.0
bastante importante	2	21	35.0	35.0	55.0
nem muito, nem pouco	3	20	33.3	33.3	88.3
pouco importante	4	5	8.3	8.3	96.7
nada importante	5	2	3.3	3.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PARCEI2 Idade

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	2	3.3	3.3	3.3
bastante importante	2	5	8.3	8.3	11.7
nem muito, nem pouco	3	19	31.7	31.7	43.3
pouco importante	4	12	20.0	20.0	63.3
nada importante	5	22	36.7	36.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PARCEI3 Personalidade

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	38	63.3	63.3	63.3
bastante importante	2	21	35.0	35.0	98.3
pouco importante	4	1	1.7	1.7	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PARCEI4 Inteligência

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	35	58.3	58.3	58.3
bastante importante	2	22	36.7	36.7	95.0
pouco importante	4	2	3.3	3.3	98.3
nada importante	5	1	1.7	1.7	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PARCEI5 Nível Socioeconómico

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
bastante importante	2	3	5.0	5.1	5.1
nem muito, nem pouco	3	15	25.0	25.4	30.5
pouco importante	4	17	28.3	28.8	59.3
nada importante	5	24	40.0	40.7	100.0
	9	1	1.7	Missing	
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 59 Missing cases 1

PARCEI6 Nível Educacional-Cultural

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	7	11.7	11.7	11.7
bastante importante	2	33	55.0	55.0	66.7
nem muito, nem pouco	3	13	21.7	21.7	88.3
pouco importante	4	5	8.3	8.3	96.7
nada importante	5	2	3.3	3.3	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

PARCEI7 Ideal Religioso/Político

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
bastante importante	2	5	8.3	8.6	8.6
nem muito, nem pouco	3	16	26.7	27.6	36.2
pouco importante	4	11	18.3	19.0	55.2
nada importante	5	26	43.3	44.8	100.0
	9	2	3.3	Missing	
		-----	-----		
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	58	Missing cases	2		

PARCEI8 Interesses Comuns

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	14	23.3	23.3	23.3
bastante importante	2	31	51.7	51.7	75.0
nem muito, nem pouco	3	12	20.0	20.0	95.0
pouco importante	4	2	3.3	3.3	98.3
nada importante	5	1	1.7	1.7	100.0
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

PARCEI9 Talento/Habilidade

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	2	3.3	3.3	3.3
bastante importante	2	12	20.0	20.0	23.3
nem muito, nem pouco	3	21	35.0	35.0	58.3
pouco importante	4	14	23.3	23.3	81.7
nada importante	5	11	18.3	18.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PARCEI10 Paternidade/Maternidade

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
muito importante	1	4	6.7	6.7	6.7
bastante importante	2	7	11.7	11.7	18.3
nem muito, nem pouco	3	18	30.0	30.0	48.3
Pouco importante	4	14	23.3	23.3	71.7
nada importante	5	17	28.3	28.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PAIDADE Idades Próximas

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	49	81.7	81.7	81.7
Não	2	11	18.3	18.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PAIDADE1 Anos de Diferença

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	10	16.7	16.7	16.7
	1	19	31.7	31.7	48.3
	2	14	23.3	23.3	71.7
	3	5	8.3	8.3	80.0
	4	6	10.0	10.0	90.0
	6	2	3.3	3.3	93.3
	7	4	6.7	6.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

SUCESSO Idade/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	6	10.0	10.0	10.0
discordo	2	21	35.0	35.0	45.0
indiferente	3	33	55.0	55.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

SOCIOECO Nível Socioeconómico

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	46	76.7	76.7	76.7
Não	2	14	23.3	23.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

SOCIOEC1 Diferença Nível Socioeconómico

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
mais elevado	1	7	11.7	50.0	50.0
mais baixo	2	7	11.7	50.0	100.0
	0	46	76.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 14 Missing cases 46

SUCCESSO1 Socioeconómico/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	11	18.3	18.3	18.3
discordo	2	16	26.7	26.7	45.0
indiferente	3	33	55.0	55.0	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

ESCOLHA Socioeconómico/Escolha

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	2	3.3	3.3	3.3
Não	2	58	96.7	96.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

FINS3 Realização Afectiva/Psicológica

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1ª escolha	1	21	35.0	38.2	38.2
2ª escolha	2	16	26.7	29.1	67.3
3ª escolha	3	3	5.0	5.5	72.7
4ª escolha	4	15	25.0	27.3	100.0
	9	5	8.3	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 55 Missing cases 5

FINS4 Cooperação Económica

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1ª escolha	1	27	45.0	48.2	48.2
2ª escolha	2	3	5.0	5.4	53.6
4ª escolha	4	26	43.3	46.4	100.0
	9	4	6.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 56 Missing cases 4

DIVORCIO

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	59	98.3	100.0	100.0
	9	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 59 Missing cases 1

DIVORCI1 Divórcio/Razões

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
expressão liberdade	1	17	28.3	28.8	28.8
solução desarmonia c	2	39	65.0	66.1	94.9
possibilita verdade	3	3	5.0	5.1	100.0
	9	1	1.7	Missing	
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	59	Missing cases	1		

HOMEM Natureza do Homem

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
monogâmica	1	3	5.0	5.1	5.1
monogâmica sequencia	2	44	73.3	74.6	79.7
Poligâmica	3	12	20.0	20.3	100.0
	9	1	1.7	Missing	
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	59	Missing cases	1		

MULHER Natureza da Mulher

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
monogâmica	1	8	13.3	13.6	13.6
monogâmica sequencia	2	47	78.3	79.7	93.2
poligâmica	3	4	6.7	6.8	100.0
	9	1	1.7	Missing	
		-----	-----	-----	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	59	Missing cases	1		

PRESSAO Pressão Familiar1

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	8	13.3	13.3	13.3
Não	2	52	86.7	86.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

PRESSAO1 Sim: Positiva/Negativa

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
positiva	1	5	8.3	71.4	71.4
negativa	2	2	3.3	28.6	100.0
	0	52	86.7	Missing	
	9	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 7 Missing cases 53

ESCOLHE Escolheu/Foi Escolhido

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Escolhi	1	15	25.0	25.0	25.0
escolhido	2	5	8.3	8.3	33.3
mútua escolha	3	40	66.7	66.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

AMOR Amor/Escolha Final

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	34	56.7	59.6	59.6
discordo	2	22	36.7	38.6	98.2
indiferente	3	1	1.7	1.8	100.0
	9	3	5.0	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 57 Missing cases 3

IDADE1 Grupos Etários

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
20-25	1	9	15.0	15.3	15.3
26-30	2	23	38.3	39.0	54.2
31-35	3	19	31.7	32.2	86.4
36-40	4	7	11.7	11.9	98.3
41-45	5	1	1.7	1.7	100.0
	.	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 59 Missing cases 1

EDUCA Nível Educacional/Cultural

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	50	83.3	83.3	83.3
Não	2	10	16.7	16.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

EDUCA1 Diferença Educacional/Cultural

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
mais elevado	1	5	8.3	55.6	55.6
mais baixo	2	4	6.7	44.4	100.0
	0	50	83.3	Missing	
	9	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 9 Missing cases 51

SUCCESSO2 Educacional-Cultural/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	37	61.7	61.7	61.7
discordo	2	13	21.7	21.7	83.3
indiferente	3	10	16.7	16.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

EDUCA Nível Educacional/Cultural

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	50	83.3	83.3	83.3
Não	2	10	16.7	16.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

EDUCA1 Diferença Educacional/Cultural

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
mais elevado	1	5	8.3	55.6	55.6
mais baixo	2	4	6.7	44.4	100.0
	0	50	83.3	Missing	
	9	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	9	Missing cases	51		

SUCCESSO2 Educacional-Cultural/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	37	61.7	61.7	61.7
discordo	2	13	21.7	21.7	83.3
indiferente	3	10	16.7	16.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	
Valid cases	60	Missing cases	0		

ESCOLHA1 Educacional-cultural/Escolha

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	22	36.7	36.7	36.7
Não	2	38	63.3	63.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

RELIGI Religião

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	48	80.0	81.4	81.4
Não	2	11	18.3	18.6	100.0
	9	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 59 Missing cases 1

SUCESSO3 Religião/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	10	16.7	17.2	17.2
discordo	2	19	31.7	32.8	50.0
indiferente	3	29	48.3	50.0	100.0
	9	2	3.3	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 58 Missing cases 2

ESCOLHA2 Religião/Escolha

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	1	1.7	1.7	1.7
Não	2	59	98.3	98.3	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

IDEAIS Ideais Comuns

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	56	93.3	93.3	93.3
Não	2	4	6.7	6.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

SUCCESSO4 Ideais/Sucesso

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
concordo	1	51	85.0	85.0	85.0
discordo	2	5	8.3	8.3	93.3
indiferente	3	4	6.7	6.7	100.0
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 60 Missing cases 0

ESCOLHA3 Ideais/Escolha

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
Sim	1	37	61.7	62.7	62.7
Não	2	22	36.7	37.3	100.0
	9	1	1.7	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 59 Missing cases 1

FINS1 Satisfação Sexual

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1ª escolha	1	2	3.3	3.4	3.4
2ª escolha	2	7	11.7	12.1	15.5
3ª escolha	3	44	73.3	75.9	91.4
4ª escolha	4	5	8.3	8.6	100.0
	9	2	3.3	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 58 Missing cases 2

FINS2 Procriação/Educação Filhos

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1ª escolha	1	8	13.3	14.0	14.0
2ª escolha	2	29	48.3	50.9	64.9
3ª escolha	3	10	16.7	17.5	82.5
4ª escolha	4	10	16.7	17.5	100.0
	9	3	5.0	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 57 Missing cases 3

PROF1 grandes grupos

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
direct./quadros diri	1	4	6.7	7.8	7.8
prof. intelect. cien	2	39	65.0	76.5	84.3
prof. técincas inter	3	1	1.7	2.0	86.3
empregados administr	4	4	6.7	7.8	94.1
operadores instal.in	8	1	1.7	2.0	96.1
militares	10	2	3.3	3.9	100.0
	99	9	15.0	Missing	
	Total	60	100.0	100.0	

Valid cases 51 Missing cases 9

SEXO Sexo by IDADE

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	IDADE					Row Total
		21	22	24	25	26	
masculino	1		2 6.9 100.0 3.4		1 3.4 33.3 1.7	2 6.9 50.0 3.4	29 49.2
	2	2 6.7 100.0 3.4		2 6.7 100.0 3.4	2 6.7 66.7 3.4	2 6.7 50.0 3.4	30 50.8
(Continued)	Column Total	2 3.4	2 3.4	2 3.4	3 5.1	4 6.8	59 100.0

SEXO Sexo by IDADE

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	IDADE					Row Total
		27	28	29	30	31	
masculino	1	4 13.8 80.0 6.8	2 6.9 33.3 3.4	3 10.3 60.0 5.1	1 3.4 33.3 1.7	3 10.3 60.0 5.1	29 49.2
	2	1 3.3 20.0 1.7	4 13.3 66.7 6.8	2 6.7 40.0 3.4	2 6.7 66.7 3.4	2 6.7 40.0 3.4	30 50.8
(Continued)	Column Total	5 8.5	6 10.2	5 8.5	3 5.1	5 8.5	59 100.0

SEXO Sexo by IDADE

Page 3 of 4

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	IDADE					Row Total
		32	33	34	35	37	
masculino	1	2	1	1	3	2	29 49.2
		6.9	3.4	3.4	10.3	6.9	
		33.3	33.3	50.0	100.0	66.7	
		3.4	1.7	1.7	5.1	3.4	
feminino	2	4	2	1		1	30 50.8
		13.3	6.7	3.3		3.3	
		66.7	66.7	50.0		33.3	
		6.8	3.4	1.7		1.7	
Column		6	3	2	3	3	59
(Continued) Total		10.2	5.1	3.4	5.1	5.1	100.0

SEXO Sexo by IDADE

Page 4 of 4

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	IDADE			Row Total
		38	39	45	
masculino	1		2		29 49.2
			6.9		
			66.7		
			3.4		
feminino	2	1	1	1	30 50.8
		3.3	3.3	3.3	
		100.0	33.3	100.0	
		1.7	1.7	1.7	
Column		1	3	1	59
Total		1.7	5.1	1.7	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by ESCOLA Nivel de Escolaridade

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	ESCOLA					Row Total
		Ensino s ecundári 4	Ensino p olitécni 5	licencia tura 6	mestrado 7	doutoram ento 8	
		1	5 16.7 100.0 8.3	2 6.7 50.0 3.3	18 60.0 48.6 30.0	4 13.3 33.3 6.7	
2		2 6.7 50.0 3.3	19 63.3 51.4 31.7	8 26.7 66.7 13.3	1 3.3 50.0 1.7	30 50.0	
Column Total	5 8.3	4 6.7	37 61.7	12 20.0	2 3.3	60 100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CPT Condição perante o Trabalho

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	CPT				Row Total
		empregad o	estudant e	doméstic a	outra	
		1	3	4	5	
masculino	1	27	2		1	30
		90.0	6.7		3.3	50.0
		52.9	28.6		100.0	
		45.0	3.3		1.7	
feminino	2	24	5	1		30
		80.0	16.7	3.3		50.0
		47.1	71.4	100.0		
		40.0	8.3	1.7		
Column Total		51 85.0	7 11.7	1 1.7	1 1.7	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PROF Profissão

Page 1 of 3

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF					Row Total
		militares 10	director es/quadr 12	profissõ es intel 20	Engenhei ros, ciê 21	ciências naturez 22	
masculino	1	2	2		10	1	27
		7.4	7.4		37.0	3.7	52.9
		100.0	50.0		71.4	50.0	
		3.9	3.9		19.6	2.0	
feminino	2		2	2	4	1	24
			8.3	8.3	16.7	4.2	47.1
			50.0	100.0	28.6	50.0	
			3.9	3.9	7.8	2.0	
(Continued)	Column Total	2 3.9	4 7.8	2 3.9	14 27.5	2 3.9	51 100.0

SEXO Sexo by PROF Profissão

Page 2 of 3

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF					Row Total
		docentes superio 23	administ ração,co 24	outras p rof. int 25	técnicos adminis 34	empregad os escri 41	
masculino	1	7		1	1	1	27
		25.9		3.7	3.7	3.7	52.9
		38.9		50.0	100.0	33.3	
		13.7		2.0	2.0	2.0	
feminino	2	11	1	1		2	24
		45.8	4.2	4.2		8.3	47.1
		61.1	100.0	50.0		66.7	
		21.6	2.0	2.0		3.9	
(Continued)	Column Total	18 35.3	1 2.0	2 3.9	1 2.0	3 5.9	51 100.0

SEXO Sexo by PROF Profissão

Page 3 of 3

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF		Row Total
		caixas, empregad 42	operador es máqui 82	
masculino	1	1	1	27
		3.7	3.7	52.9
		100.0	100.0	
		2.0	2.0	
feminino	2			24
				47.1
	Column Total	1 2.0	1 2.0	51 100.0

Number of Missing Observations: 9

SEXO Sexo by SITUPROF Situação na Profissão

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	SITUPROF			Row Total
		TPCO	TPCP	outra	
		1	2	3	
masculino	1	26	2		28
		92.9	7.1		56.0
		60.5	66.7		
		52.0	4.0		
feminino	2	17	1	4	22
		77.3	4.5	18.2	44.0
		39.5	33.3	100.0	
		34.0	2.0	8.0	
Column Total		43 86.0	3 6.0	4 8.0	50 100.0

Number of Missing Observations: 10

SEXO Sexo by CONJUGAL Situação conjugal actual

Page 1 of 1

		CONJUGAL			
SEXO	Count	casado	união de relação	amorosa	Row Total
	Row Pct	facto			
	Col Pct	1	2	3	
	Tot Pct				
masculino	1	19	4	7	30
		63.3	13.3	23.3	50.0
		50.0	50.0	50.0	
		31.7	6.7	11.7	
feminino	2	19	4	7	30
		63.3	13.3	23.3	50.0
		50.0	50.0	50.0	
		31.7	6.7	11.7	
Column		38	8	14	60
Total		63.3	13.3	23.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by COMPENH N° companheiros

Page 1 of 1

		COMPENH			
SEXO	Count	0-4	5-9	15-19	Row Total
	Row Pct				
	Col Pct	1	2	4	
	Tot Pct				
masculino	1	24	5	1	30
		80.0	16.7	3.3	50.0
		48.0	55.6	100.0	
		40.0	8.3	1.7	
feminino	2	26	4		30
		86.7	13.3		50.0
		52.0	44.4		
		43.3	6.7		
Column		50	9	1	60
Total		83.3	15.0	1.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by TEMPO Tempo de Namoro

		TEMPO					
		< seis meses	6 meses-1 ano	1-2 anos	2-3 anos	3-4 anos	
Count	Row Pct						Row Total
Col Pct	Tot Pct	1	2	3	4	5	
SEXO							
masculino	1	2 6.7 50.0 3.3	2 6.7 40.0 3.3	4 13.3 50.0 6.7	8 26.7 50.0 13.3	2 6.7 66.7 3.3	30 50.0
feminino	2	2 6.7 50.0 3.3	3 10.0 60.0 5.0	4 13.3 50.0 6.7	8 26.7 50.0 13.3	1 3.3 33.3 1.7	30 50.0
Column Total		4 6.7	5 8.3	8 13.3	16 26.7	3 5.0	60 100.0

(Continued)

SEXO Sexo by TEMPO Tempo de Namoro

		TEMPO		
		4-5 anos	Mais de 5 anos	
Count	Row Pct			Row Total
Col Pct	Tot Pct	6	7	
SEXO				
masculino	1	4 13.3 50.0 6.7	8 26.7 50.0 13.3	30 50.0
feminino	2	4 13.3 50.0 6.7	8 26.7 50.0 13.3	30 50.0
Column Total		8 13.3	16 26.7	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by TEMPO1 Tempo/Sucesso

		TEMPO1			
		concordo	discordo	indiferente	
Count	Row Pct				Row Total
Col Pct	Tot Pct	1	2	3	
SEXO					
masculino	1	16 53.3 48.5 26.7	2 6.7 33.3 3.3	12 40.0 57.1 20.0	30 50.0
feminino	2	17 56.7 51.5 28.3	4 13.3 66.7 6.7	9 30.0 42.9 15.0	30 50.0
Column Total		33 55.0	6 10.0	21 35.0	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE1 Conhece/Amigos

		CONHECE1		Page 1 of 1
SEXO	Count	Não	Sim	Row Total
	Row Pct			
	Col Pct			
	Tot Pct	0	1	
masculino	1	14	16	30
		46.7	53.3	50.0
		50.0	50.0	
		23.3	26.7	
feminino	2	14	16	30
		46.7	53.3	50.0
		50.0	50.0	
		23.3	26.7	
Column		28	32	60
Total		46.7	53.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE2 Conhece/Escola-Universidade

		CONHECE2		Page 1 of 1
SEXO	Count	Não	Sim	Row Total
	Row Pct			
	Col Pct			
	Tot Pct	0	1	
masculino	1	18	12	30
		60.0	40.0	50.0
		50.0	50.0	
		30.0	20.0	
feminino	2	18	12	30
		60.0	40.0	50.0
		50.0	50.0	
		30.0	20.0	
Column		36	24	60
Total		60.0	40.0	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE3 Local de Trabalho

		CONHECE3		Page 1 of 1
SEXO	Count	Não	Row Total	
	Row Pct			
	Col Pct			
	Tot Pct	0		
masculino	1	30	30	
		100.0	50.0	
		50.0		
		50.0		
feminino	2	30	30	
		100.0	50.0	
		50.0		
		50.0		
Column		60	60	
Total		100.0	100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE4 Conhece/Festa

		CONHECE4		Page 1 of 1
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	Não	Sim	Row Total
		0	1	
masculino	1	26	4	30
		86.7	13.3	50.0
		50.0	50.0	
		43.3	6.7	
feminino	2	26	4	30
		86.7	13.3	50.0
		50.0	50.0	
		43.3	6.7	
Column		52	8	60
Total		86.7	13.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE5 Conhece/Local de lazer

		CONHECE5		Page 1 of 1
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	Não	Sim	Row Total
		0	1	
masculino	1	28	2	30
		93.3	6.7	50.0
		52.8	28.6	
		46.7	3.3	
feminino	2	25	5	30
		83.3	16.7	50.0
		47.2	71.4	
		41.7	8.3	
Column		53	7	60
Total		88.3	11.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE6 Conhece/Organização

		CONHECE6		Page 1 of 1
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	Não	Sim	Row Total
		0	1	
masculino	1	30		30
		100.0		50.0
		50.8		
		50.0		
feminino	2	29	1	30
		96.7	3.3	50.0
		49.2	100.0	
		48.3	1.7	
Column		59	1	60
Total		98.3	1.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE7 Conhece/Agência

CONHECE7 Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	CONHECE7		Row Total
		Não	0	
masculino	1	30	30	50.0
		100.0	50.0	
	2	30	30	50.0
		100.0	50.0	
Column		60	60	
Total		100.0	100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE8 Conhece/Anúncios

CONHECE8 Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	CONHECE8		Row Total
		Não	0	
masculino	1	30	30	50.0
		100.0	50.0	
	2	30	30	50.0
		100.0	50.0	
Column		60	60	
Total		100.0	100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHECE9 Conhece/Internet

CONHECE9 Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	CONHECE9		Row Total
		Não	Sim	
		0	1	
masculino	1	29	1	30
		96.7	3.3	
	2	50.0	50.0	50.0
		48.3	1.7	
feminino	1	29	1	30
		96.7	3.3	
	2	50.0	50.0	50.0
		48.3	1.7	
Column		58	2	60
Total		96.7	3.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by CONHEC10 Conhece/Outra situação

CONHEC10 Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	CONHEC10		Row Total
		Não 0	Sim 1	
masculino	1	27	3	30
		90.0	10.0	50.0
		49.1	60.0	
		45.0	5.0	
feminino	2	28	2	30
		93.3	6.7	50.0
		50.9	40.0	
		46.7	3.3	
Column Total		55	5	60
		91.7	8.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEIRO Característica(s) do Parceiro

PARCEIRO Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEIRO				Row Total
		aparênci a física 1	simpatia 2	personal idade 3	outra 4	
masculino	1	12	8	7	1	28
		42.9	28.6	25.0	3.6	48.3
		66.7	44.4	38.9	25.0	
		20.7	13.8	12.1	1.7	
feminino	2	6	10	11	3	30
		20.0	33.3	36.7	10.0	51.7
		33.3	55.6	61.1	75.0	
		10.3	17.2	19.0	5.2	
Column Total		18	18	18	4	58
		31.0	31.0	31.0	6.9	100.0

Number of Missing Observations: 2

SEXO Sexo by PARCEI1 Aparência Física

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEI1					Row Total
		muito im portante 1	bastante importa o, 2	nem muit o, nem p 3	pouco im portante 4	nada imp ortante 5	
masculino	1	11	11	7	1		30
		36.7	36.7	23.3	3.3		50.0
		91.7	52.4	35.0	20.0		
		18.3	18.3	11.7	1.7		
feminino	2	1	10	13	4	2	30
		3.3	33.3	43.3	13.3	6.7	50.0
		8.3	47.6	65.0	80.0	100.0	
		1.7	16.7	21.7	6.7	3.3	
Column Total	12 20.0	21 35.0	20 33.3	5 8.3	2 3.3	60 100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI2 Idade

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEI2					Row Total
		muito im portante 1	bastante importa o, 2	nem muit o, nem p 3	pouco im portante 4	nada imp ortante 5	
masculino	1	1	2	13	5	9	30
		3.3	6.7	43.3	16.7	30.0	50.0
		50.0	40.0	68.4	41.7	40.9	
		1.7	3.3	21.7	8.3	15.0	
feminino	2	1	3	6	7	13	30
		3.3	10.0	20.0	23.3	43.3	50.0
		50.0	60.0	31.6	58.3	59.1	
		1.7	5.0	10.0	11.7	21.7	
Column Total	2 3.3	5 8.3	19 31.7	12 20.0	22 36.7	60 100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI3 Personalidade

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEI3			Row Total
		muito im portante 1	bastante importa o, 2	pouco im portante 4	
masculino	1	19	10	1	30
		63.3	33.3	3.3	50.0
		50.0	47.6	100.0	
		31.7	16.7	1.7	
feminino	2	19	11		30
		63.3	36.7		50.0
		50.0	52.4		
		31.7	18.3		
Column Total	38 63.3	21 35.0	1 1.7	60 100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI4 Inteligência

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEI4				Row Total
		muito im portante 1	bastante importa 2	pouco im portante 4	nada imp ortante 5	
masculino	1	16	13	1		30
		53.3	43.3	3.3		50.0
		45.7	59.1	50.0		
		26.7	21.7	1.7		
feminino	2	19	9	1	1	30
		63.3	30.0	3.3	3.3	50.0
		54.3	40.9	50.0	100.0	
		31.7	15.0	1.7	1.7	
Column Total		35 58.3	22 36.7	2 3.3	1 1.7	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI5 Nível Socioeconómico

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEI5				Row Total
		bastante importa 2	nem muit o, nem p 3	pouco im portante 4	nada imp ortante 5	
masculino	1	2	6	8	14	30
		6.7	20.0	26.7	46.7	50.8
		66.7	40.0	47.1	58.3	
		3.4	10.2	13.6	23.7	
feminino	2	1	9	9	10	29
		3.4	31.0	31.0	34.5	49.2
		33.3	60.0	52.9	41.7	
		1.7	15.3	15.3	16.9	
Column Total		3 5.1	15 25.4	17 28.8	24 40.7	59 100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by PARCEI6 Nível Educacional-Cultural

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PARCEI6					Row Total
		muito im portante 1	bastante importa 2	nem muit o, nem p 3	pouco im portante 4	nada imp ortante 5	
masculino	1	2	17	8	2	1	30
		6.7	56.7	26.7	6.7	3.3	50.0
		28.6	51.5	61.5	40.0	50.0	
		3.3	28.3	13.3	3.3	1.7	
feminino	2	5	16	5	3	1	30
		16.7	53.3	16.7	10.0	3.3	50.0
		71.4	48.5	38.5	60.0	50.0	
		8.3	26.7	8.3	5.0	1.7	
Column Total		7 11.7	33 55.0	13 21.7	5 8.3	2 3.3	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI7 Ideal Religioso/Político

Page 1 of 1

		PARCEI7				
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	bastante	nem muito	pouco im	nada imp	Row Total
		importa o, nem p 2	portante o, nem p 3	portante ortante 4	portante ortante 5	
masculino	1	1	9	7	13	30
		3.3	30.0	23.3	43.3	51.7
		20.0	56.3	63.6	50.0	
		1.7	15.5	12.1	22.4	
feminino	2	4	7	4	13	28
		14.3	25.0	14.3	46.4	48.3
		80.0	43.8	36.4	50.0	
		6.9	12.1	6.9	22.4	
Column Total		5 8.6	16 27.6	11 19.0	26 44.8	58 100.0

Number of Missing Observations: 2

SEXO Sexo by PARCEI8 Interesses Comuns

Page 1 of 1

		PARCEI8					
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	muito im	bastante	nem muito	pouco im	nada imp	Row Total
		portante 1	importa o, nem p 2	portante o, nem p 3	portante ortante 4	portante ortante 5	
masculino	1	4	16	8	1	1	30
		13.3	53.3	26.7	3.3	3.3	50.0
		28.6	51.6	66.7	50.0	100.0	
		6.7	26.7	13.3	1.7	1.7	
feminino	2	10	15	4	1		30
		33.3	50.0	13.3	3.3		50.0
		71.4	48.4	33.3	50.0		
		16.7	25.0	6.7	1.7		
Column Total		14 23.3	31 51.7	12 20.0	2 3.3	1 1.7	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI9 Talento/Habilidade

Page 1 of 1

		PARCEI9					
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	muito im	bastante	nem muito	pouco im	nada imp	Row Total
		portante 1	importa o, nem p 2	portante o, nem p 3	portante ortante 4	portante ortante 5	
masculino	1	2	6	9	8	5	30
		6.7	20.0	30.0	26.7	16.7	50.0
		100.0	50.0	42.9	57.1	45.5	
		3.3	10.0	15.0	13.3	8.3	
feminino	2		6	12	6	6	30
			20.0	40.0	20.0	20.0	50.0
			50.0	57.1	42.9	54.5	
			10.0	20.0	10.0	10.0	
Column Total		2 3.3	12 20.0	21 35.0	14 23.3	11 18.3	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PARCEI10 Paternidade/Maternidade

		PARCEI10					
Count							
Row	Pct	Count	Count	Count	Count	Count	Row
Col	Pct	1	2	3	4	5	Total
Tot	Pct						
SEXO							
	1	2	4	5	8	11	30
masculino		6.7	13.3	16.7	26.7	36.7	50.0
		50.0	57.1	27.8	57.1	64.7	
		3.3	6.7	8.3	13.3	18.3	
	2	2	3	13	6	6	30
feminino		6.7	10.0	43.3	20.0	20.0	50.0
		50.0	42.9	72.2	42.9	35.3	
		3.3	5.0	21.7	10.0	10.0	
Column		4	7	18	14	17	60
Total		6.7	11.7	30.0	23.3	28.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PAIDADE Idades Próximas

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PAIDADE		Row Total
		Sim 1	Não 2	
masculino	1	25	5	30
		83.3	16.7	50.0
		51.0	45.5	
		41.7	8.3	
feminino	2	24	6	30
		80.0	20.0	50.0
		49.0	54.5	
		40.0	10.0	
Column	49	11	60	
Total	81.7	18.3	100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PAIDADE1 Anos de Diferença

Page 1 of 2

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PAIDADE1					Row Total
		0	1	2	3	4	
masculino	1	5	10	7	2	3	30
		16.7	33.3	23.3	6.7	10.0	50.0
		50.0	52.6	50.0	40.0	50.0	
		8.3	16.7	11.7	3.3	5.0	
feminino	2	5	9	7	3	3	30
		16.7	30.0	23.3	10.0	10.0	50.0
		50.0	47.4	50.0	60.0	50.0	
		8.3	15.0	11.7	5.0	5.0	
Column	10	19	14	5	6	60	
(Continued) Total	16.7	31.7	23.3	8.3	10.0	100.0	

SEXO Sexo by PAIDADE1 Anos de Diferença

Page 2 of 2

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PAIDADE1		Row Total
		6	7	
masculino	1	1	2	30
		3.3	6.7	50.0
		50.0	50.0	
		1.7	3.3	
feminino	2	1	2	30
		3.3	6.7	50.0
		50.0	50.0	
		1.7	3.3	
Column	2	4	60	
Total	3.3	6.7	100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	SUCESSO			Row Total
		concordo	discordo	indifere nte	
		1	2	3	
masculino	1	3	9	18	30
		10.0	30.0	60.0	50.0
		50.0	42.9	54.5	
		5.0	15.0	30.0	
feminino	2	3	12	15	30
		10.0	40.0	50.0	50.0
		50.0	57.1	45.5	
		5.0	20.0	25.0	
Column Total		6	21	33	60
		10.0	35.0	55.0	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by SOCIOECO Nível Socioeconómico

SOCIOECO Page 1 of 1

SEXO	Count	Row Pct	SOCIOECO		Row Total
			Sim	Não	
	Col Pct		1	2	
	Tot Pct				
masculino	1		25	5	30
			83.3	16.7	50.0
			54.3	35.7	
			41.7	8.3	
feminino	2		21	9	30
			70.0	30.0	50.0
			45.7	64.3	
			35.0	15.0	
Column		46	14	60	
Total		76.7	23.3	100.0	

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by SOCIOEC1 Diferença Nível Socioeconómico

SOCIOEC1 Page 1 of 1

SEXO	Count	Row Pct	SOCIOEC1		Row Total
			mais ele vado	mais baixo	
	Col Pct		1	2	
	Tot Pct				
masculino	1		3	2	5
			60.0	40.0	35.7
			42.9	28.6	
			21.4	14.3	
feminino	2		4	5	9
			44.4	55.6	64.3
			57.1	71.4	
			28.6	35.7	
Column		7	7	14	
Total		50.0	50.0	100.0	

Number of Missing Observations: 46

SEXO Sexo by SUCESSO1 Socioeconómico/Sucesso

Page 1 of 1

		SUCESSO1			
		concordo	discordo	indifere	
				nte	
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	1	2	3	Row Total
masculino	1	6	6	18	30
		20.0	20.0	60.0	50.0
		54.5	37.5	54.5	
		10.0	10.0	30.0	
feminino	2	5	10	15	30
		16.7	33.3	50.0	50.0
		45.5	62.5	45.5	
		8.3	16.7	25.0	
	Column	11	16	33	60
	Total	18.3	26.7	55.0	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by ESCOLHA Socioeconómico/Escolha

Page 1 of 1

		ESCOLHA		
		Sim	Não	
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	1	2	Row Total
masculino	1	2	28	30
		6.7	93.3	50.0
		100.0	48.3	
		3.3	46.7	
feminino	2		30	30
			100.0	50.0
			51.7	
			50.0	
	Column	2	58	60
	Total	3.3	96.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by EDUCA Nível Educacional/Cultural

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	EDUCA		Row Total
		Sim 1	Não 2	
masculino	1	24	6	30
		80.0	20.0	50.0
		48.0	60.0	
		40.0	10.0	
feminino	2	26	4	30
		86.7	13.3	50.0
		52.0	40.0	
		43.3	6.7	
Column		50	10	60
Total		83.3	16.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by EDUCA1 Diferença Educacional/Cultural

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	EDUCA1		Row Total
		mais ele vado 1	mais bai xo 2	
masculino	1	4	1	5
		80.0	20.0	50.0
		66.7	25.0	
		40.0	10.0	
feminino	2	2	3	5
		40.0	60.0	50.0
		33.3	75.0	
		20.0	30.0	
Column		6	4	10
Total		60.0	40.0	100.0

Number of Missing Observations: 50

SEXO Sexo by SUCESSO2 Educacional-Cultural/Sucesso

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	SUCESSO2			Row Total
		concordo 1	discordo 2	indifere nte 3	
masculino	1	17	6	7	30
		56.7	20.0	23.3	50.0
		45.9	46.2	70.0	
		28.3	10.0	11.7	
feminino	2	20	7	3	30
		66.7	23.3	10.0	50.0
		54.1	53.8	30.0	
		33.3	11.7	5.0	
Column		37	13	10	60
Total		61.7	21.7	16.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by ESCOLHA1 Educacional-cultural/Escolha

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	ESCOLHA1		Row Total
		Sim 1	Não 2	
masculino	1	9	21	30
		30.0	70.0	50.0
		40.9	55.3	
		15.0	35.0	
feminino	2	13	17	30
		43.3	56.7	50.0
		59.1	44.7	
		21.7	28.3	
Column		22	38	60
Total		36.7	63.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by RELIGI Religião

		RELIGI		Page 1 of 1
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	Sim	Não	Row Total
		1	2	
masculino	1	23	6	29
		79.3	20.7	49.2
		47.9	54.5	
		39.0	10.2	
feminino	2	25	5	30
		83.3	16.7	50.8
		52.1	45.5	
		42.4	8.5	
Column		48	11	59
Total		81.4	18.6	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by SUCESSO3 Religião/Sucesso

		SUCESSO3			Page 1 of 1
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	concordo	discordo	indifere nte	Row Total
		1	2	3	
masculino	1	5	9	16	30
		16.7	30.0	53.3	51.7
		50.0	47.4	55.2	
		8.6	15.5	27.6	
feminino	2	5	10	13	28
		17.9	35.7	46.4	48.3
		50.0	52.6	44.8	
		8.6	17.2	22.4	
Column		10	19	29	58
Total		17.2	32.8	50.0	100.0

Number of Missing Observations: 2

SEXO Sexo by ESCOLHA2 Religião/Escolha

		ESCOLHA2		Page 1 of 1
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	Sim	Não	Row Total
		1	2	
masculino	1	1	29	30
		3.3	96.7	50.0
		100.0	49.2	
		1.7	48.3	
feminino	2		30	30
			100.0	50.0
			50.8	
			50.0	
Column		1	59	60
Total		1.7	98.3	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by IDEAIS Ideais Comuns

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	IDEAIS		Row Total
		Sim	Não	
		1	2	
masculino	1	29	1	30
		96.7	3.3	50.0
		51.8	25.0	
		48.3	1.7	
feminino	2	27	3	30
		90.0	10.0	50.0
		48.2	75.0	
		45.0	5.0	
Column		56	4	60
Total		93.3	6.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by SUCESSO4 Ideais/Sucesso

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	SUCESSO4			Row Total
		concordo	discordo	indifere nte	
		1	2	3	
masculino	1	26	3	1	30
		86.7	10.0	3.3	50.0
		51.0	60.0	25.0	
		43.3	5.0	1.7	
feminino	2	25	2	3	30
		83.3	6.7	10.0	50.0
		49.0	40.0	75.0	
		41.7	3.3	5.0	
Column		51	5	4	60
Total		85.0	8.3	6.7	100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by ESCOLHA3 Ideais/Escolha

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	ESCOLHA3		Row Total
		Sim	Não	
		1	2	
masculino	1	15	15	30
		50.0	50.0	50.8
		40.5	68.2	
		25.4	25.4	
feminino	2	22	7	29
		75.9	24.1	49.2
		59.5	31.8	
		37.3	11.9	
Column		37	22	59
Total		62.7	37.3	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by FINS1 Satisfação Sexual

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	FINS1				Row Total
		1ª escol ha	2ª escol ha	3ª escol ha	4ª escol ha	
		1	2	3	4	
masculino	1	1	4	23	2	30
		3.3	13.3	76.7	6.7	51.7
		50.0	57.1	52.3	40.0	
		1.7	6.9	39.7	3.4	
feminino	2	1	3	21	3	28
		3.6	10.7	75.0	10.7	48.3
		50.0	42.9	47.7	60.0	
		1.7	5.2	36.2	5.2	
Column Total		2 3.4	7 12.1	44 75.9	5 8.6	58 100.0

Number of Missing Observations: 2

SEXO Sexo by FINS2 Procriação/Educação Filhos

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	FINS2				Row Total
		1ª escol ha	2ª escol ha	3ª escol ha	4ª escol ha	
		1	2	3	4	
masculino	1	4	15	6	5	30
		13.3	50.0	20.0	16.7	52.6
		50.0	51.7	60.0	50.0	
		7.0	26.3	10.5	8.8	
feminino	2	4	14	4	5	27
		14.8	51.9	14.8	18.5	47.4
		50.0	48.3	40.0	50.0	
		7.0	24.6	7.0	8.8	
Column Total		8 14.0	29 50.9	10 17.5	10 17.5	57 100.0

Number of Missing Observations: 3

SEXO Sexo by FINS3 Realização Afectiva/Psicológica

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	FINS3				Row Total
		1ª escol ha	2ª escol ha	3ª escol ha	4ª escol ha	
		1	2	3	4	
masculino	1	10	8	1	9	28
		35.7	28.6	3.6	32.1	50.9
		47.6	50.0	33.3	60.0	
		18.2	14.5	1.8	16.4	
feminino	2	11	8	2	6	27
		40.7	29.6	7.4	22.2	49.1
		52.4	50.0	66.7	40.0	
		20.0	14.5	3.6	10.9	
Column Total		21 38.2	16 29.1	3 5.5	15 27.3	55 100.0

Number of Missing Observations: 5

SEXO Sexo by FINS4 Cooperação Económica

Page 1 of 1

		FINS4			
		1ª escol	2ª escol	4ª escol	
		ha	ha	ha	Row
SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	1	2	4	Total
masculino	1	14	2	13	29
		48.3	6.9	44.8	51.8
		51.9	66.7	50.0	
		25.0	3.6	23.2	
feminino	2	13	1	13	27
		48.1	3.7	48.1	48.2
		48.1	33.3	50.0	
		23.2	1.8	23.2	
Column		27	3	26	56
Total		48.2	5.4	46.4	100.0

Number of Missing Observations: 4

SEXO Sexo by DIVORCIO

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	DIVORCIO		Row Total
		Sim	1	
masculino	1	29 100.0 49.2 49.2		29 49.2
feminino	2	30 100.0 50.8 50.8		30 50.8
	Column	59		59
	Total	100.0		100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by DIVORCII Divórcio/Razões

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	DIVORCII			Row Total
		expressã o liberd 1	solução desarmon 2	possibil ita verd 3	
masculino	1	11 37.9 64.7 18.6	17 58.6 43.6 28.8	1 3.4 33.3 1.7	29 49.2
feminino	2	6 20.0 35.3 10.2	22 73.3 56.4 37.3	2 6.7 66.7 3.4	30 50.8
	Column	17	39	3	59
	Total	28.8	66.1	5.1	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by HOMEM Natureza do Homem

Page 1 of 1

		HOMEM			
		monogâmi	monogâmi	Poligâmi	
		ca	ca seque	ca	
Count	Row Pct	1	2	3	Row
Col Pct	Tot Pct				Total
SEXO					
	1	2	21	7	30
masculino		6.7	70.0	23.3	50.8
		66.7	47.7	58.3	
		3.4	35.6	11.9	
	2	1	23	5	29
feminino		3.4	79.3	17.2	49.2
		33.3	52.3	41.7	
		1.7	39.0	8.5	
Column		3	44	12	59
Total		5.1	74.6	20.3	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by MULHER Natureza da Mulher

Page 1 of 1

		MULHER			
		monogâmi	monogâmi	poligâmi	
		ca	ca seque	ca	
Count	Row Pct	1	2	3	Row
Col Pct	Tot Pct				Total
SEXO					
	1	4	22	4	30
masculino		13.3	73.3	13.3	50.8
		50.0	46.8	100.0	
		6.8	37.3	6.8	
	2	4	25		29
feminino		13.8	86.2		49.2
		50.0	53.2		
		6.8	42.4		
Column		8	47	4	59
Total		13.6	79.7	6.8	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by PRESSAO Pressão Familiar1

		PRESSAO		Page 1 of 1
SEXO	Count	Sim	Não	Row Total
	Row Pct			
	Col Pct			
	Tot Pct	1	2	
masculino	1	3 10.0 37.5 5.0	27 90.0 51.9 45.0	30 50.0
feminino	2	5 16.7 62.5 8.3	25 83.3 48.1 41.7	30 50.0
Column Total		8 13.3	52 86.7	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by PRESSAO1 Sim: Positiva/Negativa

		PRESSAO1		Page 1 of 1
SEXO	Count	positiva	negativa	Row Total
	Row Pct			
	Col Pct			
	Tot Pct	1	2	
masculino	1	2 50.0 40.0 28.6	2 50.0 100.0 28.6	4 57.1
feminino	2	3 100.0 60.0 42.9		3 42.9
Column Total		5 71.4	2 28.6	7 100.0

Number of Missing Observations: 53

SEXO Sexo by ESCOLHE Escolheu/Foi Escolhido

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	ESCOLHE			Row Total
		Escolhi 1	escolhid o 2	mútua es colha 3	
masculino	1	7	4	19	30 50.0
		23.3	13.3	63.3	
		46.7	80.0	47.5	
		11.7	6.7	31.7	
feminino	2	8	1	21	30 50.0
		26.7	3.3	70.0	
		53.3	20.0	52.5	
		13.3	1.7	35.0	
Column Total		15 25.0	5 8.3	40 66.7	60 100.0

Number of Missing Observations: 0

SEXO Sexo by AMOR Amor/Escolha Final

Page 1 of 1

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	AMOR			Row Total
		concordo 1	discordo 2	indifere nte 3	
masculino	1	15	12	1	28 49.1
		53.6	42.9	3.6	
		44.1	54.5	100.0	
		26.3	21.1	1.8	
feminino	2	19	10		29 50.9
		65.5	34.5		
		55.9	45.5		
		33.3	17.5		
Column Total		34 59.6	22 38.6	1 1.8	57 100.0

Number of Missing Observations: 3

SEXO Sexo by IDADE1 Grupos Etários

		IDADE1					
		20-25	26-30	31-35	36-40	41-45	
SEXO	Count						Row
	Row Pct						Total
	Col Pct						
	Tot Pct						
		1	2	3	4	5	
masculino	1	3	12	10	4		29
		10.3	41.4	34.5	13.8		49.2
		33.3	52.2	52.6	57.1		
		5.1	20.3	16.9	6.8		
feminino	2	6	11	9	3	1	30
		20.0	36.7	30.0	10.0	3.3	50.8
		66.7	47.8	47.4	42.9	100.0	
		10.2	18.6	15.3	5.1	1.7	
	Column	9	23	19	7	1	59
	Total	15.3	39.0	32.2	11.9	1.7	100.0

Number of Missing Observations: 1

SEXO Sexo by PROF1 grandes grupos

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF1					Row Total
		1	2	3	4	8	
masculino	1	2	19	1	2	1	27
		7.4	70.4	3.7	7.4	3.7	52.9
		50.0	48.7	100.0	50.0	100.0	
		3.9	37.3	2.0	3.9	2.0	
feminino	2	2	20		2		24
		8.3	83.3		8.3		47.1
		50.0	51.3		50.0		
		3.9	39.2		3.9		
(Continued)	Column Total	4 7.8	39 76.5	1 2.0	4 7.8	1 2.0	51 100.0

SEXO Sexo by PROF1 grandes grupos

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF1	Row Total
		10	
masculino	1	2	27
		7.4	52.9
		100.0	
		3.9	
feminino	2		24
			47.1
	Column Total	2 3.9	51 100.0

Number of Missing Observations: 9



SEXO Sexo by PROF1 grandes grupos

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF1					Row Total
		direct./ quadros 1	prof. in telect. 2	prof. té cincas i 3	empregad os admin 4	operador es insta 8	
masculino	1	2	19	1	2	1	27
		7.4	70.4	3.7	7.4	3.7	52.9
		50.0	48.7	100.0	50.0	100.0	
		3.9	37.3	2.0	3.9	2.0	
feminino	2	2	20		2		24
		8.3	83.3		8.3		47.1
		50.0	51.3		50.0		
		3.9	39.2		3.9		
(Continued)	Column Total	4 7.8	39 76.5	1 2.0	4 7.8	1 2.0	51 100.0

SEXO Sexo by PROF1 grandes grupos

SEXO	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	PROF1	Row Total
		militare s 10	
masculino	1	2	27
		7.4	52.9
		100.0	
		3.9	
feminino	2		24
			47.1
	Column Total	2 3.9	51 100.0

Number of Missing Observations: 9